

www.autoresespiritasclassicos.com

Léon Denis

**O Gênio Céltico
e o Mundo Invisível**

Título original da obra em francês
Léon Denis - Le Génie Celtique et le Monde Invisible, Paris,
(1927)

Conforme edição de 1927
União Espiritualista Francesa e Francófona
Traduzido do original por Joana de Portugal

Site espírita:
<http://ideiaespirita.blogspot.com/index.html>



Edgar Degas - A praia com barcos a vela



Conteúdo resumido

Este foi o último trabalho de Léon Denis, um dos grandes apóstolos do Espiritismo, que teve a missão de divulgar e engrandecer a Filosofia Espírita.

Nesta obra o autor apresenta um minucioso estudo sobre os países célticos, a origem dos povos celtas e a estreita relação existente entre a sua religião – o Druidismo – e os fundamentos da filosofia espírita.

Além de uma importante documentação histórica, Léon Denis nos apresenta a ascendência espiritual que concorreu para a formação filosófica e moral dos franceses, descendentes diretos dos povos celtas.

Colaboraram no conteúdo da obra importantes Espíritos que viveram no solo francês, como Allan Kardec, Jules Michelet e Jehanne de Domremy (Joana d'Arc).

“O passado nunca morre completamente para o homem. O homem pode esquecê-lo totalmente, mas esse passado ficará sempre registrado no seu íntimo. Porque assim como ele é, ele próprio, em cada época, ele é simultaneamente o produto e o resumo de todas as épocas anteriores.”

Fustel de Coulanges – *A Cidade antiga*

Sumário

Introdução 5

PRIMEIRA PARTE – Os países célticos

I – Origem dos celtas. Guerra dos gauleses. Decadência e queda. Longa noite; o despertar. O movimento pancéltico 9

II – A Irlanda 24

III – O País de Gales. A Escócia. A obra dos bardos..... 30

IV – A Bretagne francesa. Lembranças druídicas.....	38
V – A Auvergne. Vercingétorix, Gergovie e Alésia.....	47
VI – A Lorraine e os Vosges. Joana d’Arc, alma céltica	58

SEGUNDA PARTE – O Druidismo

VII – Síntese dos druidas. As Tríades; objeções e comentários.....	69
VIII – Palingênese: preexistências e vidas sucessivas. A lei das reencarnações	81
IX – Religião dos celtas, o culto, os sacrifícios, a idéia da morte	112
X – Considerações políticas e sociais. Papel da mulher. A influência céltica. As artes. Liberdade e livre-arbítrio..	124

TERCEIRA PARTE – O mundo invisível

XI – A experimentação espírita	131
XII – Resumo e conclusão	142
XIII – Mensagens dos invisíveis	146
1 - Fonte única das três grandes revelações: búdica, cristã e céltica.	148
2 - Evolução do pensamento através dos séculos.	150
3 - Mesmo assunto.	153
4 - Celtas e atlantes.....	155
5 - Sobre a origem da corrente céltica.	155
6 - A corrente céltica e o caráter francês.	158
7 - Analogia do ideal japonês com o Celtismo.	159
8 - Procedimentos espirituais dos druidas.	161
9 - A variedade das raças humanas.....	163
10 - O raio céltico (continuação).	167
11 - Métodos de comunicação entre os espíritos e os homens.	168
12 - Origem e evolução da vida universal.	170
13 - As forças radiantes do Espaço. O campo magnético vibratório.	174
14 - O Celtismo e a Natureza. A evolução do pensamento.	178

15 - Joana d'Arc, espírito céltico, anunciada por Jules Michelet.....	180
16 - O Celtismo na consciência francesa.....	183

Introdução

No meio da crise que sofremos, o pensamento se inquieta e se interroga; ele pesquisa as causas profundas do mal que atinge todas as formas da nossa vida social, política, econômica e moral.

As correntes de idéias, de sentimentos e de interesses se chocam violentamente, e de seus choques resulta um estado de perturbação, de confusão e de desordem que paralisa toda iniciativa e se traduz por uma incapacidade de se achar o remédio.

Parece que a França perdeu a consciência de si mesma, de sua origem, de seu gênio e de sua função no mundo.

Enquanto outras raças, essencialmente realistas, procuram um objetivo, tanto mais preciso e mais bem determinado quanto mais material, a França sempre hesitou, no curso de sua história, entre duas concepções opostas. E assim se explica o caráter intermitente de sua ação.

Ora ela se diz céltica, e então apela para esse espírito de liberdade, de retidão e de justiça que caracteriza a alma da Gália. É à intervenção desta, ao despertar de seu gênio, que é preciso atribuir a instituição das comunas da Idade Média e a obra da Revolução. Ora ela se crê latina, e desde então vão reaparecer todas as formas de opressão monárquica ou teocrática, a centralização burocrática e administrativa, imitada dos romanos, com as habilidades, os subterfúgios de sua política e de seus vícios, a corrupção dos povos envelhecidos.

Acrescentai, independente dessas concepções, a indiferença das massas, a sua ignorância das tradições, a perda de todo ideal. É às alternâncias dessas duas correntes que é preciso atribuir a hesitação do pensamento francês, os desníveis, as bruscas reviravoltas de sua ação através da história.

Para reencontrar a unidade moral, a sua própria consciência, o sentido profundo de seu papel e de seu destino, isto é, tudo o que torna as nações fortes, bastaria à França eliminar as teorias erradas, os sofismas pelos quais se tem falseado o seu julgamento, obscurecido o seu caminho, e voltar à sua própria natureza, às

suas origens étnicas, ao seu gênio primitivo, em uma palavra, à tradição céltica, enriquecida do trabalho e do progresso dos séculos.

A França é céltica e não há dúvida possível sobre esse ponto. Nossos mais eminentes historiadores atestam tal fato, e com eles numerosos escritores e pensadores, entre os quais os dois Thierry, Henri Martin, J. Michelet, Edgar Quinet, Jean Reynaud, Renan, Emile Faguet e muitos outros. Se nós somos latinos, dizem eles, pela educação e pela cultura, somos celtas pelo sangue, pela raça.

D'Arbois de Jubainville sempre nos repetiu, tanto nos seus cursos no Colégio de França, como nos seus livros: "Há 90% de sangue gaulês nas veias dos franceses". Com efeito, se consultarmos a história, veremos que, após a queda do império, os romanos, em massa, ultrapassaram os Alpes e ficaram muito pouco na Gália. As invasões germânicas passaram como trombas d'água sobre nosso país; somente os francos, os visigodos e os burgondes fixaram-se por muito tempo para se fundirem com os elementos autóctones. Além do mais, os francos eram em número de trinta e oito mil, enquanto que a Gália contava cerca de cinquenta milhões de habitantes.

Pode-se questionar como uma vasta terra pôde ser conquistada com tão fracos meios. Essa questão, Ed. Haraucourt, da Academia Francesa, explica-nos num artigo substancial, publicado na revista *La Lumière*, de 15 de janeiro de 1926, de que trataremos mais adiante.

Todos aqueles que guardaram no coração a lembrança de nossas origens desejam evocar as glórias e os reveses desta raça inquieta, aventureira, que é a nossa, em vez de lembrar as desgraças e as experiências que lhe atraíram tantas simpatias. Para todas essas páginas célebres, escritas sobre esse assunto, eu não teria sonhado em acrescentar, seja o que for, se não tivesse tido um elemento novo a oferecer ao leitor para elucidar o problema das nossas origens, isto é, a colaboração do mundo invisível.

Com efeito, é pelo estímulo do espírito Allan Kardec que realizei este trabalho, em que se encontrará uma série de mensagens

que ele nos ditou, por incorporação, em condições que excluem toda fraude.

No decorrer dessas palestras, os espíritos, libertados da vida terrestre, trouxeram-nos seus conselhos e seus ensinamentos.

Como se verá em suas mensagens, Allan Kardec viveu na Gália, no tempo da independência, e ele foi um druida. O dólmen que, por sua vontade, se eleva sobre seu túmulo no Cemitério Père-Lachaise, tem ali um sentido preciso. A Doutrina Espírita, que o grande iniciador condensou e resumiu em suas obras por meio das comunicações de espíritos, obtidas em todos os lugares do globo, coincide, em suas grandes linhas, com o Druidismo e constitui um retorno às nossas verdadeiras tradições étnicas, amplificadas pelo progresso do pensamento e da ciência e confirmadas pelas vozes do Espaço. Essa revelação marca uma das fases mais altas da evolução humana, uma era fecunda de penetração do invisível no visível, a participação de dois mundos em uma obra grandiosa de educação moral e de refundição social.

Sob esse ponto de vista, suas conseqüências são incalculáveis. Ela oferece ao conhecimento um campo de estudos sem limites sobre a vida universal. Pelo encadeamento de nossas existências sucessivas e pela solidariedade que as religa, ela torna mais rigorosa a noção dos deveres e das responsabilidades. Mostra que a justiça não é uma palavra vã e que a ordem e a harmonia reinam no cosmo.

A que devo atribuir este grande favor de ter sido ajudado, inspirado, dirigido pelos espíritos dos grandes celtistas do espaço?

Pelo que me disse Allan Kardec, vivi no oeste da Gália minhas três primeiras existências humanas e sempre conservei as impressões dos primeiros tempos. Na vida atual, com 18 anos, li *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, e tive a intuição irresistível da verdade. Parecia ouvir vozes longínquas ou anteriores que me falavam mil coisas esquecidas. Todo um passado ressuscitava com uma intensidade quase dolorosa. E tudo o que vi, observei, aprendi, desde então, foi somente para confirmar essa impressão primeira.

Este livro pode, então, ser considerado, em grande parte, como uma elaboração desse Além, para onde logo vou retornar. A todos aqueles que os lerem, possa este livro levar uma radiação do nosso pensamento e da nossa fé comum, um raio do Alto que fortifica as consciências, consola as aflições e eleva as almas para esta fonte eterna de toda verdade, de toda sabedoria e de todo amor, que é Deus.

PRIMEIRA PARTE

Os países célticos

CAPÍTULO I

Origem dos celtas. Guerra dos gauleses. Decadência e queda. Longa noite; o despertar. O movimento pancéltico

Nos primeiros vislumbres da História, encontramos os celtas estabelecidos em boa parte da Europa. De onde vieram? Qual foi o lugar de sua origem? Certos historiadores colocam o berço de sua raça nas montanhas de Taurus, no centro da Ásia Menor, nas vizinhanças dos caldeus. Quando a população aumentou, eles teriam transposto o Pont-Euxin (no Mar Negro) e penetrado até a parte central da Europa. Mas, nos nossos dias, essa teoria parece ter caído em desuso, ocorrendo o mesmo com a hipótese dos arianos.

Camille Jullian, do Colégio de França, na sua obra mais recente sobre a *Histoire de la Gaule*, contenta-se em fixar entre 600 e 800 a.C. a chegada à Gália dos “kymris”, o ramo mais moderno dos celtas. Eles vinham, crê-se, da foz do Rio Elba e das costas da Jutlândia, enxotados por maremotos, o que os obrigou a emigrar em direção ao sul.

Chegados à Gália, encontraram um ramo mais antigo dos celtas, os gaélicos, que ali se achavam fixados desde muito tempo e que eram de estatura menor, geralmente morenos, enquanto que os “kymris” eram altos e louros. Essas diferenças são ainda sensíveis na Armorique, onde as costas do oceano, no Morbihan, são povoadas de homens pequenos e morenos, misturados com elementos estrangeiros, atlantes ou bascos, que se fundiram com as populações primitivas. Nas Costas do Norte (Côtes-du-Nord) ou na Mancha os habitantes eram de estatura mais alta, aos quais vieram se juntar os celta-bretões expulsos da grande ilha pelas invasões dos anglo-saxões.

Os considerandos de C. Jullian se acham confirmados pelo parentesco das línguas célticas e germânicas, semelhantes pela sua estrutura, pelos sons guturais, abuso de letras duras como o K, o W, etc.

No meio das correntes migratórias, que se cruzam e se entrecruzam na noite da pré-história, a Ciência acha um processo mais seguro nos estudos lingüísticos para reconstituir a filiação das raças humanas.¹

Daremos apenas um resumo da história dos gauleses. Sabe-se que nossos antepassados, durante séculos, encheram o mundo com o barulho de suas armas. Ávidos de aventuras, de glórias e de combates, eles não podiam se resignar a uma vida apagada e tranqüila e iam para a morte como a uma festa, tal era sua certeza do além.

Conhecem-se suas numerosas incursões na Itália, na Espanha, na Alemanha e até no Oriente. Os gauleses invadiam regiões vizinhas e, pela lei de choque de retorno, sofreram invasões e foram reduzidos à impotência.

A alma da Gália se acha nas instituições druídicas e bárdicas. Os druidas não eram somente os sacerdotes, mas também os filósofos, os sábios, os educadores da juventude. Os ovates presidiam as cerimônias do culto e os bardos consagravam-se à poesia e à música.

Mais adiante exporemos o que era a obra e o verdadeiro caráter do Druidismo.

No início de nossa era, os romanos já tinham penetrado na Gália, escalado o vale do Rhône e, após terem ocupado Lyon, avançaram até o coração do país.

Os gauleses resistiram com energia e provocaram, às vezes, rudes revesses a seus inimigos; entretanto, eles estavam divididos e não ofereciam, amiúde, mais do que resistências locais. Sua coragem, levada até à temeridade, e seu desprezo pelas astúcias guerreiras e pela morte tornavam-se uma desvantagem para eles.

Combatiam em desordem, nus até à cintura, com armas mal preparadas, contra adversários cobertos de ferro, astuciosos e

desleais, fortemente disciplinados e abastecidos de um material considerável para a época.

Vercingétorix, o grande chefe arverno, sustentado pelo poderio dos druidas, conseguiu, certa vez, sublevar toda a Gália contra César, e uma luta grandiosa teve lugar.² Educado pelos bardos, Vercingétorix tinha em parte as qualidades que se impõem à admiração dos homens e os levam à obediência e ao respeito. Seu amor pela Gália aumentava com o progresso crescente dos exércitos romanos.

Que diferença entre Vercingétorix e César! O herói gaulês, cheio de fé na potência invisível que governa os mundos, sustentado por sua crença nas vidas futuras, tinha por regra de conduta o dever, por ideal a grandeza e a liberdade de seu país.

César, profundamente céptico, só acreditava na fortuna. Tudo nesse homem era astúcia e cálculo; uma sede intensa de dominação o devorava. Após uma vida de excessos, crivado de dívidas, ele veio à Gália procurar na guerra os meios de elevar seu crédito. Ele cobiçava de preferência as cidades ricas e, após tê-las entregue à pilhagem, viam-se longos comboios se encaminharem para a Itália, levando ouro gaulês aos credores de César.

É necessário lembrar que, em nome do patriotismo, César perjurou, negou as liberdades romanas e oprimiu seu país. Certamente não negaremos o gênio político e militar de César, mas devemos, na verdade, lembrar que esse gênio era marcado por vícios vergonhosos.

E é nos escritos desse inimigo da Gália que se vai sempre procurar a verdade histórica! É nos seus *Comentários*, escritos sob a inspiração do ódio, com a intenção evidente de se realçar ante os olhos de seus concidadãos, que se estuda a história da guerra das Gálias. Mas, dois autores romanos, Pollion e Suetônio, confessam que essa obra está cheia de inexatidões, de erros voluntários.

Em resumo, os gauleses, ardentes, entusiastas, impressionáveis, tinham-se beneficiado da corrente céltica, dessa grande corrente, veículo das altas inspirações, que, desde os primeiros tempos, tinham influenciado todo o nordeste da Europa. Eles

foram impregnados pelos eflúvios magnéticos do solo, desses elementos que, em todas as regiões da Terra, caracterizam e diferenciam as raças humanas.³

Mas seu ardor juvenil, sua paixão pelas armas e pelos combates os tinham levado muito longe, e as perturbações causadas à ordem e à marcha regular das coisas retornaram pesadamente sobre eles, em virtude dessa lei soberana que reconduz aos indivíduos, como aos povos, todas as conseqüências das obras que eles executaram. Porque tudo o que fazemos pesa sobre nós, através dos tempos, na forma de chuvas ou de raios, de alegrias ou de dores, e a dor não é o agente menos eficaz da educação das almas e da evolução das sociedades.

* * *

O Druidismo se aplicava sobretudo a desenvolver a personalidade humana, em vista da evolução que lhe é destinada. Ele cultivava as qualidades ativas, o espírito de iniciativa, a energia, a coragem; tudo o que permite afrontar as provas, a adversidade, a morte com uma inflexível segurança. Esse ensino desenvolvia, no mais alto grau, entre os homens o sentimento do direito, da independência e da liberdade. Em compensação, ele era censurado por ter negligenciado em demasia as qualidades passivas e os sentimentos afetivos. Os gauleses eram iguais e livres, mas eles não tinham uma consciência suficiente dessa fraternidade universal que assegura a unidade de um grande país e constitui sua salvaguarda na hora de perigo.

O Druidismo tinha necessidade desse complemento que o Cristianismo de Jesus lhe proporcionou. Nós falamos do Cristianismo primitivo, ainda não alterado pela ação do tempo, e que nos primeiros séculos apresentava tanta analogia com as crenças célticas porquanto ele reconhecia a unidade de Deus, a sucessão das vidas da alma e a pluralidade dos mundos (ver nossa obra *Cristianismo e Espiritismo*). Eis por que os celtas o adotaram com tanta presteza visto estarem mais bem preparados por suas próprias aspirações.

Ainda no século IV, pode-se notar pela controvérsia de São Jerônimo com o gaulês Vigilancius, de São Bertrand de Com-

minges, que a grande maioria dos cristãos dessa época admitia a pluralidade das existências da alma.

Penetrados da idéia de que estavam animados de um princípio imperecível, todos iguais em suas origens e seus destinos, nossos pais não podiam suportar nenhuma opressão. Suas instituições políticas e sociais também eram eminentemente republicanas e democráticas. E é nelas que é preciso pesquisar a fonte dessas aspirações igualitárias, liberais, que são uma das faces de nosso caráter nacional.

Todos os gauleses tomavam parte na eleição do Senado, que tinha a missão de estabelecer as leis. Cada república elegia seus chefes temporários, civis e militares. Nossos antepassados não conheciam as diferenças de casta. Eles faziam derivar os direitos dos homens de sua própria natureza, de sua imortalidade que os tornava iguais em princípio. Eles não suportariam que um guerreiro, que mesmo um herói, tomasse o poder e se impusesse ao povo. As leis gaulesas declaravam que uma nação sempre está acima de um homem.

No momento em que César entrou na Gália, graças à ação dos druidas e do povo das cidades, a unidade nacional se preparava. Se a paz tivesse permitido o cumprimento desses grandes projetos, as repúblicas gaulesas, unidas por laços federativos, como os cantões suíços ou os Estados Unidos da América, poderiam formar, nessas eras longínquas, uma poderosa nação.

Mas as dissensões e as rivalidades dos chefes comprometeram tudo. Uma aristocracia formou-se, pouco a pouco, nas tribos. Graças às suas riquezas, certos chefes gauleses souberam cercar-se de numerosos séqüitos de criados e partidários, com a ajuda dos quais influíam nas eleições e perturbavam a ordem pública.

Os partidos foram constituídos; para triunfar sobre seus rivais, alguns recebiam o apoio do estrangeiro, daí a desagregação da Gália e depois sua escravização.

Freqüentemente é ressaltado a nossos olhos que, em troca de sua independência perdida, a Gália obteve grandes vantagens com o domínio romano. Sim, sem dúvida, Roma trouxe para

nossos antepassados certos progressos materiais e intelectuais. Com o seu apoio, as estradas foram abertas, monumentos foram erguidos e grandes cidades foram construídas. Mas tudo isso, que provavelmente seria formado no correr do tempo, sem Roma, não substituiu a liberdade perdida.

Quando a guerra terminou, dois milhões de gauleses tinham sido mortos nos campos de batalha.

Roma impôs um tributo anual de 40 milhões de sestércios, e a Gália, esgotada de homens e de dinheiro, repousou agonizante sob o machado dos lictores.⁴

Depois, quando vieram as novas gerações, quando a Gália curou suas feridas sangrentas, o astro de Roma começou a se apagar. Então, do fundo dos bosques e dos pântanos da Alemanha, semelhantes a lobos esfomeados, os francos acorreram à carniça.

Quem eram, na realidade, esses francos que deram seu nome à Gália? Eram os bárbaros, como esse Ariovisto, que se gabava de ter ficado quatorze anos sem dormir sob um teto.

Os francos formavam uma tribo de raça germânica e eram uns trinta e oito mil. Mas em vez de comunicar à Gália sua barbárie, eles se fundiram com ela. Portanto, os gauleses nada fizeram senão trocar de opressores. Os francos repartiram a terra e implantaram entre nós a feudalidade.

Esses reis vadios e cruéis, esses nobres senhores da Idade Média, duques, condes e barões, eram, em sua maioria, francos ou burgundos,⁵ e seus rudes instintos lembravam sua origem.

Se o domínio romano, que durou quatro séculos, trouxe à Gália alguns benefícios, de outro lado, sua administração rapinante foi sua ruína, destruindo toda sua força de resistência.

É o que Ed. Haraucourt, da Academia Francesa, nos explica num artigo, do qual citamos as linhas seguintes, publicadas em uma de nossas grandes revistas.⁶

“É por causa deles (os romanos), e não pelos bárbaros, que a Gália está morta. Está morta por sua organização interior, que foi uma desorganização sistemática; ela pereceu desgas-

tada pelo funcionalismo e pelo imposto, enfraquecida pelas leis que corroíam sua riqueza, suprimiam seu trabalho e arruinavam sua produção. Os invasores vieram, em seguida, para acabar as obras dos legisladores.”

Quando se afirma que nossos antepassados foram os romanos ou os francos, devemos protestar com toda nossa alma. Todas as grandes e nobres facetas do caráter nacional, herdamos dos gauleses. A generosidade, a simpatia pelos fracos e oprimidos nos vêm deles. Essa força que nos faz lutar e sofrer pelas causas justas, sem esperança de retorno, esse desinteresse que nos leva a sustentar os povos dominados nas suas reivindicações, essas tendências que não se encontram, em termos iguais, em nenhum outro povo, tudo isso nos vem de nossos pais heróicos. Apesar da longa ocupação romana, apesar da invasão dos bárbaros do Norte, nosso caráter nacional está ainda impregnado do velho espírito céltico.

O gênio da Gália vigia sempre nosso país.

* * *

Durante a longa noite da Idade Média, o ideal céltico aparentemente foi esquecido, mas ele subsistiu e adormeceu na consciência popular. Os druidas e os bardos, expulsos da terra das Gálias, foram para a ilha da Bretanha. Na França, os nobres e os senhores foram divididos em partidos rivais e se desgastaram em lutas internas. O povo pobre das cidades e dos campos foi entregue a uma pesada tarefa, absorvidos pelas preocupações materiais, sofrendo fome e miséria.

O Cristianismo, tendo penetrado na Gália, suavizou até certo ponto esses males. Ele representou benefício e progresso; a religião de Jesus se adaptou bem à fraqueza humana. Se a lei do amor e do sacrifício, que ela trazia, tivesse achado sua aplicação, podia ser suficiente para a salvação das almas e para a redenção da humanidade.

Com a finalidade de aperfeiçoamento moral, a religião cristã reprimia a vontade, a paixão, o desejo, tudo o que constitui o “eu”, o centro da personalidade. A doutrina céltica, pelo contrário, aplicava-se em dar ao ser todo o seu poder de irradiação,

inspirando-se nessa lei de evolução que não tem limite, na qual a ascensão da alma é infinita. A alma cristã aspira ao repouso, à bem-aventurança no seio de Deus, mas a alma céltica se interessa em desenvolver seus poderes íntimos a fim de participar, numa medida crescente, de círculos em círculos, da vida e da obra universal.

A alma cristã é mais amante, a alma céltica é mais viril. Uma procura ganhar o céu pela prática das virtudes, pela abnegação e pela renúncia; a outra quer conquistar o “Gwynfyd”, colocando em ação as forças que adormecem nela. Mas ambas têm sede do infinito, da eternidade, do absoluto. A alma céltica acrescenta o sentido do invisível, a certeza do além e o culto fervoroso da Natureza.

Essas duas almas, porém, muitas vezes coexistem, ou melhor, se superpõem nos mesmos seres. É o caso para muitos de nossos compatriotas; entre eles essas duas almas ainda se ignoram, mas se fundirão um dia.

Será preciso lembrar que a doutrina do Cristo perdeu, em vários pontos, seu sentido primitivo? A França se achou ante um ensino teológico que tinha restringido todas as coisas, reduzindo as proporções da vida a uma única existência terrestre, muito desigual, conforme os indivíduos, para os fixar em seguida em uma imobilidade eterna. As perspectivas do inferno tornaram a morte mais temível. Elas fizeram de Deus um juiz cruel que, tendo criado um homem imperfeito, o punia por essa imperfeição sem reparação possível. E daí o progresso do ateísmo, do materialismo, que com o tempo fizeram da França uma nação em maioria céltica, desprovida de força moral, dessa fé robusta e esclarecida que torna o dever fácil, a prova suportável, e atribui à vida um fim prático de evolução e de aperfeiçoamento.

O jugo feudal e teocrático durante longo tempo pesou sobre a França; depois, chegou a hora em que ela retomou sua liberdade de pensar e de crer. Então, desejou-se passar pelo crivo toda a obra dos séculos e, sem verificar o que era bom e belo, sob pretexto da crítica e da análise, foi realizado um trabalho ferrenho de desagregação. Em um dado momento, nada mais se via no domínio do pensamento, a não ser escombros; do que havia

feito a grandeza do passado nada ficou de pé, e somente sobrou a poeira das idéias.

Escritores de mérito e pensadores conscienciosos muito se aplicaram, em suas obras, para fazer ressaltar o valor e o prestígio do Druidismo, mas o fruto de seus trabalhos não penetrou nas camadas profundas da nação. Até tivemos o assombro de ver universitários, membros distintos do ensino, alinharem-se com os teólogos para denegrir, desfigurar as crenças dos nossos antepassados. O trabalho secular de destruição foi tão completo, a noite foi tão profunda sobre suas concepções, que raros se tornaram aqueles que dele ainda experimentavam a potência e a beleza.

Ficar desprovida de noções precisas sobre a vida e sobre a morte, em conformidade com as leis da Natureza e as intuições profundas da consciência, seria uma grande causa de fraqueza e, portanto, uma infelicidade para a França. Durante séculos ela esqueceu suas tradições nacionais, perdeu de vista o gênio de sua raça, como também as revelações dadas aos seus antepassados para dirigir sua escalada para um fim elevado.

Essa revelação afirmava que o princípio da vida no homem é indestrutível, que as forças, as energias que se agitam em nós não podem ser condenadas à inação, que a personalidade humana é chamada a se desenvolver, através do tempo e do espaço, para adquirir as qualidades, as potências novas que lhe permitirão desempenhar um papel sempre mais importante no Universo.

Eis que esta revelação se repete, renova-se. Como nos tempos célticos, o mundo invisível intervém. Há cerca de um século, a voz dos espíritos é ouvida em todos os lugares da Terra. Ela demonstra que, de um modo geral, nossos pais não se enganaram. Suas crenças estão confirmadas pelos ensinamentos de além-túmulo em tudo que se relaciona com a vida futura, a evolução, a justiça divina, em outras palavras, pelo conjunto das regras e das leis que regem a vida universal.

Graças a essa luz, o infinito está aberto para nós até as suas profundezas íntimas. Em vez de um paraíso beato e de um inferno ridículo, entrevimos o imenso séqüito dos mundos, que são as

estações que a alma percorre na sua longa peregrinação, na sua ascensão para Deus, construindo e possuindo em si mesma sua felicidade e sua grandeza pelos méritos adquiridos.

Em lugar da fantasia ou do arbítrio, em toda parte desponta a ordem, a sabedoria e a harmonia.

Para as gerações que se erguem e procuram um ideal suscetível de substituir as pesadas teorias escolásticas, afirmamos: examinai conosco essas duas fontes, que formam uma só, confundindo-se na sua identidade; examinai as fontes puras onde nossos ancestrais temperaram seus pensamentos e sua alma. Ali obtereis a força moral, as qualidades viris e o ideal elevado, sem os quais a França seria entregue a uma decadência irremediável, à ruína e à morte!

* * *

Durante séculos os celtas ocuparam, no ocidente da Europa, a mesma situação. Repelidos do continente por grupos germânicos, e das Ilhas Britânicas pelas invasões anglo-saxônicas, eles tinham perdido a sua unidade, mas não a sua fé no futuro.

A Gália tornou-se a França, e não se falava mais a sua língua original, a não ser na Península Armoricana. Quanto às ilhas, os celtas se repartiram em quatro povos ou grupos diferentes, separados pelo braço de mar ou pelos grandes estuários, que são: a Irlanda, a Alta Escócia, o País de Gales e a Cornualha.

Que força moral, que vontade perseverante não foi preciso a essa raça céltica para manter sua língua, suas tradições, seu próprio caráter! A história das perseguições sofridas pela Irlanda, durante dez séculos, é impressionante. O uso do idioma gaélico foi proibido e cada criança que pronunciasse uma única palavra, na escola, era castigada com cintadas.

E, no entanto, a Irlanda, por sua tenacidade, triunfou diante da opressão inglesa. Hoje, a Irlanda reconstituiu a sua língua primitiva. Ela é o único país onde seus sotaques ressoam como língua oficial. Os celtas insulares e nós (os franceses) não temos o mesmo verbo, mas temos o mesmo pensamento; sem falarmos, nós nos compreendemos sempre.

Na Bretagne Francesa a perseguição foi mais moral e religiosa. Todos os emblemas do Druidismo, todos os nomes sagrados dos antigos celtas foram substituídos por símbolos católicos e por nomes de santos.

As menores lembranças do culto ancestral foram minuciosamente expurgadas. Nos tempos modernos, deve-se aos galeses o mérito de ter provocado o despertar da alma céltica, isto é, de ter dado impulso a uma corrente de opinião que, reaproximando as partes esparsas da raça, restabeleceu o contato entre elas.

O movimento pancéltico, que tende a convergir para um fim comum os recursos e as forças dos cinco grupos célticos, nasceu no País de Gales no ano de 1850. Ele se desenvolveu rapidamente e suas conseqüências prometem ser vastas e profundas.

Nos últimos cinqüenta anos, apesar da 1ª Guerra Mundial, a situação dos celtas mudou bastante. A Irlanda reconquistou a sua independência; o Principado de Gales e a Ilha de Man possuem sua plena autonomia; a Escócia trabalha eficazmente para realizar a sua; a Bretagne Francesa é a única que ficou estacionária.

O primeiro objetivo a atingir era a salvaguarda das línguas célticas, garantia de raça inteira. A Irlanda conseguiu isso; os outros dialetos retomaram, também, força e vigor em seus ambientes respectivos. Os professores que os ensinam são subvencionados pela Liga Céltica. Esta suscitou uma unidade de impulsão, inicialmente literária e artística, mas que depois se tornou, pouco a pouco, filosófica e religiosa.

Em 1570, uma assembléia solene, chamada “Eisteddfod”, foi presidida por William Herbert, Conde de Pembroke, o grande patrono da literatura galesa e o mesmo que fundou a célebre biblioteca de neogalês do castelo de Rhaglan, destruída mais tarde por Cromwell. Em outra reunião, realizada em Bowpyr, no ano de 1681, sob a direção de Sir Richard Basset, os membros do congresso procederam a uma revisão completa dos antigos textos bárdicos *Leis e Triades*.

As assembléias solenes são realizadas regularmente desde 1819. O “Gorsedd”, que as prepara, as organiza e assume a sua direção, é uma instituição livre, recrutada em todas as classes da

sociedade.⁷ Foi, no princípio, uma corte de justiça mantida pelos druidas. Apesar de eclipses temporários e de perseguições, essa instituição se manteve através dos séculos e é ainda ela, no momento atual, quem preside o movimento geral pancéltico.

No século passado esse movimento aumentou e as assembleias solenes de Abergavenny, de Caer-Marthen, reuniam numerosos representantes das cinco grandes famílias célticas. Lamartine enviou sua adesão sob a forma de um poema; eis a sua primeira estrofe:

*E nós dizemos: Oh! filhos das mesmas plagas!
Nós somos uma parte do velho gládio vencedor;
Olhai para nossos olhos, cabelos e faces;
Vós nos reconhecereis pelo aspecto do coração?*

Depois veio o Congresso de Saint-Brieuc, reunido pela convocação de Henri Martin, de H. de la Villemarqué e de um comitê de celtistas famosos. Outras delegações célticas atravessaram a Mancha para confraternizar com os bretões franceses.

Em compensação, o Congresso de Cardiff recebeu a visita de 21 dos nossos compatriotas. Em 1897, delegados galeses foram enviados a Dublin para participar da restauração do “Feiz-Céoil”. Na prefeitura de Dublin, sob a presidência do prefeito, Sir James Henderson, Lord Castletown, descendente de antigos reis celtas, falou estas palavras:

“A Liga Pancéltica, que tomou a iniciativa do Congresso, se propõe, unicamente, a reunir representantes celtas de todas as partes do mundo para manifestar a todos seu desejo de preservar sua nacionalidade e de cooperar para guardar e desenvolver os tesouros da língua, da literatura e da arte que lhes legaram seus antepassados comuns.”

As associações célticas foram fundadas na França; o ensino superior incluiu a história e a literatura céltica. Cadeiras especiais foram criadas na Sorbonne, no Colégio de França, em 1870, em Rennes e em Poitiers.

A *Revue Celtique* foi publicada em Paris, e não foi extinta até o momento, estando sob a direção principal de Gaidoz e de d'Arbois de Jubainville.

Após a publicação das obras célebres de Henri Martin, Jean Reynaud e A. Thierry, um marinheiro ilustre, o almirante Réveillère, pôde escrever:

“Está na ordem dos fatos que os celtas, um dia ou outro, se agrupem conforme suas afinidades e formem federações para defesa de suas fronteiras naturais e propagação de seus princípios. É preciso que o Panceltismo se torne uma religião, uma fé... A obra de nossa época é dupla: primeiro, a renovação da fé cristã enxertada sobre a doutrina céltica da transmigração das almas, única doutrina capaz de satisfazer a inteligência pela crença no aperfeiçoamento indefinido da alma humana em uma série de vidas sucessivas; segundo, a restauração da pátria céltica e a reunião em um único corpo de seus membros, hoje separados.”

A França enviou, muitas vezes, ilustres representantes a essas assembléias. Ali compareceram, sucessivamente, os Srs. Henri Martin, Luzel, H. de la Villemarqué, de Blois, de Boisrouvray, Rio de Francheville e, mais recentemente, Le Braz, Le Goffic, etc. Em todos os lugares, as delegações francesas foram recebidas com grande honra e hospedadas em castelos ou em ricas casas burguesas. Quando elas desfilavam nas ruas das antigas cidades galesas ou na entrada das Assembléias, precedidas por seus tocadores de gaita de fole, tocando a ária nacional galesa “Marcha dos homens de Harlech”, as multidões as ovacionavam. Portanto, que contraste com as delegações escocesas, compostas de pessoas de alta estatura, com suas possantes gaitas de fole, e como, perto delas, nossas gaitas de fole tinham fraca aparência!

A propósito dessa “Marcha dos homens de Harlech”, o Sr. Le Goffic lembra um fato histórico muito comovente. Na batalha de Saint-Cast, quando a armada inglesa desembarcava nas costas da Bretanha, uma companhia de fuzileiros galeses avançou ao encontro dos homens do Duque de Aiguillon, que defendiam o solo nacional. Das fileiras desses homens se elevou um canto no

qual os galeses reconheceram o hino céltico e, de imediato, pararam hesitantes, admirados. O oficial inglês que os comandava interpelou-os rudemente, dizendo:

– Tendes medo?

– Não – responderam eles –, mas, pela ária que essa gente canta, reconhecemos que são homens de nossa raça. Nós também somos bretões.⁸

A música celta, de uma melancolia penetrante, é rica e variada; seus hinos, suas melodias, seus cantos populares são muito antigos e o Sr. Le Goffic foi levado a crer que os grandes compositores alemães se inspiraram nessas músicas. É certo que Haendel morou durante muito tempo na Inglaterra e conheceu as melodias populares galesas e escocesas. Certos trechos de Haydn e de Mozart se assemelham, de muito perto, às árias antigas que datam de dois ou três séculos passados.

Essas Assembléias, pelo seu cerimonial, podiam parecer antiquadas e suscitar zombarias de certos críticos ignorantes, mas eis o que escreveu a esse respeito uma testemunha ocular:⁹

“Aqueles que viram, no círculo de pedras sagradas, levantar-se o arquidruída, um velho embranquecido e alto, com peitoral de ouro maciço, com a cabeça cingida de folhas de carvalho bronzeado, e que ouviram sua oração para a multidão, inclinada e descoberta, a oração solene do Gorsedd; aqueles que prestaram atenção especialmente à emoção religiosa dessa gente e ao enorme suspiro que a sacudia, quando o arauto desenrolava a lista fúnebre dos bardos mortos, e depois ao entusiasmo que se erguia e tudo iluminava – quando esse mesmo arauto entoava a ária nacional galesa “A terra dos antepassados”, repetida em uníssono por um formidável coro de vinte mil vozes –, esses não mais sorriram do espetáculo e compreenderam a magia poderosa, a fascinação misteriosa que ele continua a exercer sobre a alma impressionável dos galeses.”

Desde a Grande Guerra (a primeira), a propaganda céltica tomou um novo impulso. A Liga Céltica Irlandesa organizou

festas, reuniões solenes periódicas, inicialmente em Dublin, depois em cada uma das cidades da Irlanda.

No País de Gales, muitas Assembléias solenes foram realizadas. A de 1923 foi presidida pelo arquidruída de Gales, auxiliado por um arquidruída australiano e um da Nova Zelândia.

Esses detalhes nos demonstram que o movimento céltico propagou-se até os antípodas. Em todos os lugares as multidões célticas se comportam com paixão nessas Assembléias, onde são realizados torneios de poesia, de música e improvisações oratórias. E, por essas manifestações, se renovam e se asseguram, sem cessar, a vitalidade da raça, sua vontade de ficar unida em um pensamento supremo e importante, unida em um ideal comum!

Assim se realiza o sonho céltico previsto pelos bardos.

Através das duras vicissitudes de sua história, a raça céltica sempre afirmou sua vontade de viver, sua fé inabalável em si mesma e no seu futuro e isso, principalmente, nas horas em que tudo parecia perdido. Mas sua obra é puramente pacífica. O que se agita no fundo de sua alma não é uma necessidade de poderio material, mas apenas o sentimento da sua nobre origem e de seus direitos.

Assim disse Lord Castletown:

“A idéia céltica é uma idéia de concórdia e de fraternidade, e isso está escrito em todos os lugares, nas lendas e nos dogmas filosóficos da raça.”

Todos os iniciados sabem que o Celtismo renovador levará à Europa este complemento da ciência e da religião que lhe falta, isto é, um conhecimento maior do mundo invisível, da vida universal e de suas leis. Está aí, com efeito, o único meio de atenuar o declínio das raças brancas, orientando sua evolução em direção a um objetivo mais elevado e de melhores destinos.

CAPÍTULO II

A Irlanda

A história da Irlanda, através dos séculos, tem sido um longo martirológio. As perseguições sofridas obrigaram a metade da população a se expatriar, em busca de terra distante, deixando a ilha verdejante, tão cara para os corações célticos. Em menos de um século, a população caiu de oito para quatro milhões de habitantes. É desde essa época que se encontram os celtas em todas as partes do mundo.

Essa ilha é, entretanto, como vimos, o único país onde a língua céltica se revestiu de um caráter e de uma forma oficial. Rica, maleável, variada nas suas expressões, essa língua deu origem a uma literatura rica, na qual se reflete toda a alma irlandesa, móvel, impressionável, sensível ao excesso e apaixonada por todas as grandes causas.

Freqüentei, durante certo tempo, no Colégio de França, o curso de Literatura Céltica, de d'Arbois de Jubainville. Havia entre nós muitos irlandeses que ouviam, com avidez, a narração das proezas de seu herói nacional, Couhoulainn. Seguimos o texto gaélico em um livro alemão, porque não existia a tradução francesa, e esta penúria – é preciso reconhecer, para nossa vergonha – não se encontra somente neste tipo de estudos.

O professor nos ensinava que os manuscritos em língua gaélica datam do século V, e ao se enumerar todos aqueles que foram publicados até o século XV, verifica-se que eles representam matéria de mil volumes.

Dessa obra volumosa brotam duas grandes fontes de inspiração, às quais os escritores irlandeses sempre consultam. Inicialmente, são as *Epopéias Primitivas*, coletânea de feitos históricos relativos à luta, longa e comovente, dos insulares contra os saxões invasores e opressores. É daí que os combatentes da última guerra da independência retiravam os exemplos e a lembrança que inflamavam sua coragem e sustentavam seu entusiasmo patriótico.

Depois, é a *História Lendária dos Bardos e as Triades*, que na ordem filosófica e religiosa são como uma espécie de *Bíblia* para o mundo céltico e cuja paternidade é comum à Irlanda e ao País de Gales. Ela não foi fixada pela escrita a não ser no século VIII, ou pelo menos não se possui manuscritos mais antigos. Mas está estabelecido que esses cantos e essas *Triades* eram transmitidos oralmente, há muitos séculos, e que sua origem se perde na noite dos tempos. Sabe-se que o ensino esotérico dos druidas era reservado unicamente aos iniciados e que não se podia transcrevê-lo a não ser na forma de uma escrita em vegetal, simbólica, cujo segredo somente era comunicado aos adeptos.

Apenas quando o poder dos druidas foi extinto e os bardos foram perseguidos é que se pensou em recolher esse ensino e entregá-lo à publicidade.

* * *

Encontram-se sinais dessas altas inspirações em toda a obra literária da Irlanda, junto ao culto ardente da Natureza, que é uma das formas do gênio céltico. Sua rica poesia reflete o encanto penetrante dessa ilha verdejante com suas florestas profundas, seus lagos sombrios, seus horizontes brumosos e as costas abruptas, recortadas, onde as ondas lançam seus queixumes eternos.

Em todo lugar pairam enxames de almas: duendes, gnomos, gênios tutelares ou malfeitores, aos quais se misturam as almas dos mortos, os espíritos, fujo fluido material, paixões, ódios e amores encadeiam à Terra, e que se tornam errantes, aguardando uma reencarnação nova, visto que, neste ponto, os textos são formais: a Irlanda acreditava na pluralidade das vidas humanas.

Em todas as épocas, e talvez mais do que em algum outro país, a Irlanda teve então a intuição, o sentido íntimo e profundo da vida invisível, do mundo oculto, desse oceano de forças e de vida, povoado de multidões inumeráveis, cuja influência se estende sobre nós e, conforme nossas disposições psíquicas, nos protege ou nos atormenta, nos entristece ou nos arrebatava.

É porque na história da Irlanda, como na Escócia, os feiticeiros exercem uma grande função. Os próprios santos possuem

poderes misteriosos que se poderiam comparar ao magnetismo e ao dom da mediunidade. Para convencer-se disso podem ser lidas as biografias de S. Patrício e de S. Colombano, padroeiros da ilha.

Duas figuras notáveis e nobres destacam-se da multidão de poetas e escritores irlandeses contemporâneos. Porque é uma verdadeira multidão que um sutil escritor, S. Téry, passa em revista, no seu consciencioso e cativante estudo sobre o movimento literário da Irlanda.¹⁰

Dessas duas grandes figuras, uma é a de W. B. Yeats (1865-1939; Prêmio Nobel em 1923), que é considerado o chefe da renascença das letras irlandesas e o maior poeta da língua inglesa de nosso tempo. “Penetrado de influências gaélicas, ele obtém sua inspiração nas antigas fontes nacionais, exprime a alma nostálgica e apaixonada da Irlanda.”

Tendo entrado na intimidade do grande poeta, S. Téry o define de um modo original:

“Yeats e sua esposa, como tantos irlandeses, são adeptos das ciências ocultas. Essas pessoas se relacionam com espíritos e fantasmas, como se tivessem velhos conhecimentos. Eles se dedicam, curiosamente, aos abismos do desconhecido, eles se movem encantados no meio dos fenômenos misteriosos dos quais nós nos desviamos, porque fugimos daquilo que não compreendemos. Sua musa, porque é celta, gosta de se envolver em véus. Toda a obra de Yeats é cheia de um vago misticismo; ela tem uma inclinação inspirada na teosofia e nas ciências ocultas.”

Outro escritor, de muito talento, também exerce uma influência não menos importante sobre seu país – Georges Russel (1867-1935) – considerado a “consciência da Irlanda”, e que S. Téry nos apresenta nestes termos:

“Tendo por ascendência uma personalidade magnética, uma vida pura, uma alma perfeita, Russel reuniu ao seu redor tudo que havia de inteligente e de nobre na Irlanda, multiplicou a inspiração de todos e lhes comunicou sua chama.

O misticismo de Yeats é mais poético, instintivo; o de Russel, consciente, refletido. Das vagas aspirações sentimentais da raça celta ante o desconhecido, o mistério do mundo, Russel fez uma filosofia, um princípio de ação.

Ele também é um adepto das ciências ocultas, mas, cada vez que o interrogam sobre suas relações com o invisível, mostra-se cheio de descrição. Quando o pressionam, diz somente: “O que eu sei é pouca coisa; descobri que a consciência pode existir fora do corpo, que se pode, às vezes, ver entidades que estão muito longe, que se pode mesmo falar com elas a centenas de quilômetros: já falei com elas desta maneira. Sei, por experiência, que os seres sem corpos físicos podem agir sobre nós profundamente. Um deles lançou-me fluidos vitais e, enquanto isso durou, me parecia ser chicoteado com eletricidade. Estou convencido de que me recordo das vidas passadas, e conversei com amigos que se lembram igualmente: nós até temos falado, juntos, dos lugares onde tínhamos vivido. Também vi seres elementares e os observei junto com aqueles que foram meus companheiros de descoberta...”¹¹

A obra de Russel é rica de fugas para o infinito e para o Além. É assim que ele escreve no cabeçalho de seu primeiro livro, *Para a Pátria*:

“Eu sei que sou um espírito e que parti outrora do “eu” ancestral para tarefas ainda não acabadas, mas sempre repletas da nostalgia do país natal.” – e afirma as vidas sucessivas, “que são várias etapas que conduzem à sabedoria, à purificação na essência divina.”

Além destes dois escritores, Yeats e G. Russel, justamente célebres, poderíamos acrescentar um grande número de outros menos conhecidos, visto que a literatura da Irlanda é uma das mais ricas da Europa, pela variedade e pelo valor das obras que a compõem. Ela exprime com uma sensibilidade encantadora, ao mesmo tempo que uma grande força, as aspirações, os sonhos, as alegrias e as angústias da alma céltica.

Através da história dramática dessa ilha que soube, pelos seus próprios meios e sem nenhum auxílio externo, reconquistar sua independência, reencontra-se, sob a pena de seus escritores, este mesmo gosto dos mistérios do Além, do sentido encoberto das coisas, desse sentimento profundo do oculto que caracteriza essa raça.

Sob os véus do Cristianismo aparece a alma primitiva dos antigos celtas. Ela vibra na poesia gaélica como nas cordas das harpas de Ossian. O mundo invisível é, para seus bardos, uma realidade viva, e se lhes acontece, algumas vezes, atribuir-lhe nomes e formas fantasiosas, eles não reconhecem menos, sob seus aspectos diversos e inconstantes, a sobrevivência e a imortalidade da alma humana.

Portanto, nos nossos dias, o sentimento do oculto tomou, na Irlanda, nuanças mais nítidas e mais precisas. Ele se revestiu de uma forma experimental, tornando-se uma ciência, um método que tem suas regras e suas leis. Nesse país, como em todo o ocidente, os fenômenos do Além são agora observados, estudados por técnicos conhecedores dos processos de laboratório e que prosseguem essas experiências num rigoroso espírito de controle com uma atenção escrupulosa.

Os resultados obtidos pelo professor Crawford, de Belfast, com a Srta. Goligher tiveram grande repercussão. Mas a obra mais importante sobre esses fenômenos é, certamente, a de Sir William Barrett, professor da Universidade de Dublin, membro da Academia Real de Ciências e um dos fundadores da “Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres”, da qual foi presidente honorário. Seu livro *No Limiar do Invisível*,¹² traduzido para o francês (e para o português), publicado em 1923, é um dos mais notáveis que têm sido escritos sobre esse vasto assunto. Ele resume, de forma clara e com uma grande profundidade de vistas, os frutos de meio século de observações e experiências.

Recomendamos sua leitura e dele nos limitaremos a citar as belas conclusões:

“A mudança mais radical do pensamento, desde a era cristã, será, provavelmente, a aceitação, pela ciência, da ima-

nência do mundo espiritual. A fé cessará de hesitar ao se esforçar em conceber a vida do invisível, a morte se despojará do terror que inspira aos próprios corações cristãos, os milagres parecerão apenas relíquias supersticiosas de um tempo bárbaro. Pelo contrário, se, como eu acredito, a telepatia é indiscutível, se os seres da criação se impressionam reciprocamente sem a voz nem a palavra, o Espírito Infinito, cuja sombra nos cobre, será, sem dúvida, revelado, no correr dos séculos, aos corações humanos capazes de entendê-lo.

Para algumas almas privilegiadas foram dadas a intuição, a clarividência, a palavra inspirada, mas todos nós, às vezes, percebemos uma voz dentro de nós mesmos, débil eco dessa vida mais ampla que a humanidade expressa lentamente, porém, seguramente, à medida que os séculos passam. Mesmo para aqueles que estudarão esses fenômenos apenas sob o ponto de vista científico, o lucro será imenso, fazendo-lhes mais evidente a solidariedade humana, a imanência do invisível, a soberania do pensamento e do espírito, em outras palavras, a unidade transcendental e a continuidade da vida.

Não estamos separados do Cosmo nem perdidos nele: a luz dos sóis e das estrelas nos alcança, a força misteriosa da gravitação une as diferentes partes do Universo em um todo orgânico; a mais pequena molécula e a mais distante trajetória estão sujeitas ao mesmo meio. Mas acima, e além desses vínculos materiais, está a solidariedade do espírito. Do mesmo modo que a significação essencial e a unidade de um favo de mel não estão na cera dos alvéolos, mas na vida e no propósito de seus construtores, do mesmo modo o verdadeiro sentido da natureza não está no mundo material, mas no espírito que lhe dá sua interpretação, que suporta e une, que vai além e cria o mundo fenomênico através do qual cada um de nós passa um instante.”

CAPÍTULO III

O País de Gales. A Escócia. A obra dos bardos

Era uma terra importante, austera e imponente, a do País de Gales, antes que a indústria moderna a tivesse coberto de chaminés de usinas, perfurado por inúmeras bocas de minas e obscurecido seu céu com espessa fumaça. Hoje ainda podem ser notados os resíduos da ação das forças subterrâneas que esculpíram suas colinas, alteraram suas montanhas, como aquela de Snowdon, esse monte sagrado que domina toda a região, ultrapassa mil metros de altura e cuja origem vulcânica é evidente.

Em todo lugar, magmas de lavas e de pórfiro alternam-se com rochas e terrenos eruptivos, formando camadas em desordem que a Geologia designa pelo nome de “cambrianas”, que foi o nome primitivo da região.

No relevo de suas montanhas, Gales do Norte reúne a graça dos vales e a abundância das torrentes.

A Escócia também conheceu e conservou restos de manifestações dessa potência que ergueu cumes abruptos. Foi ela que levantou essas muralhas de granito, de basalto, de pórfiro, que margeiam o canal caledoniano e se prolongam até à costa da Irlanda sob a forma de colunata imensa, conhecida sob o nome de “Calçada dos Gigantes”.

A Escócia tem, além disso, a poesia, a beleza triste e severa dos seus lagos, de seus pantanais e de seus planaltos solitários, semeados de urzes róseas e de musgos de todas as cores.

A parte norte é encrespada de picos, sempre envolvidos de neblina, mas tão imponentes quando se tingem de púrpura, no crepúsculo, ou de raios esbranquiçados da Lua.

Acrescentemos as penínsulas escarpadas que se prolongam ao longe no mar, os promontórios incessantemente batidos pelas ondas, e se terá uma idéia dessa natureza formidável onde se ramifica a cadeia mestra que serve de coluna vertebral à Grã-Bretanha.

Uma longa guirlanda de ilhas contém as chamadas “Terras Altas” da Escócia, e uma delas, Staffa, possui a célebre gruta de Fingall, semelhante a um templo, e onde cada dia a maré crescente executa sua cantiga queixosa. A raça dócil e forte que se adaptou a esses países parece ter bebido neles, na sua natureza grandiosa, as qualidades viris que a distinguem e, principalmente, toda essa vontade firme que, através dos tempos de provas, conserva, apesar de tudo, a esperança de uma renascença e de uma vida eterna.

A causa desse fenômeno nos é revelada pelo espírito Allan Kardec em uma das mensagens que publicamos adiante. Ele provém da corrente céltica que, desde os tempos primitivos, se estendeu no nordeste da Europa, impregnando profundamente o seu solo, e de onde seu magnetismo atingiu os habitantes e, pouco a pouco, as gerações que ali se sucederam.¹³

É preciso notar, com efeito, que os ingleses e os saxões que vieram do leste possuem um caráter bem diferente, mais positivo e prático, menos inclinado para o ideal. Se, por exceção, encontram-se entre eles naturezas mais idealistas, é raro que elas não se liguem por laços anteriores a alguma origem céltica. Tais são, por exemplo, Conan Doyle, Bernard Shaw e tantos outros, que, por mais ingleses que sejam, pela cultura e pela língua, não provêm menos de um tronco irlandês.

Apesar das longas, das eternas perseguições, os anglo-saxões nunca conseguiram domar o sentimento nacional, o caráter étnico dos galeses e dos escoceses. Bem longe de os assimilar, eles foram, isto sim, assimilados pelos anglo-saxões, cada vez que entraram em contato permanente. É assim que os operários ingleses, atraídos ao País de Gales pela indústria mineira, adotaram rapidamente os hábitos e mesmo a língua desse país.

Graças à sua energia persistente, o Principado de Gales soube guardar a sua autonomia administrativa, assim como as grandes franquias para suas escolas, colégios e universidades, e até mesmo para sua igreja nacional. Ele conservou sua língua e sua literatura, de tal modo que a cidade de Cardiff e o condado de Glamorgan tornaram-se os focos mais intensos da propaganda

céltica, onde se imprimem e se publicam todas as obras dos bardos antigos e modernos.

Dali partiu o primeiro sinal do movimento pancéltico que reúne, todos os anos, delegados vindos de todos os pontos do horizonte para confraternizar num mesmo espírito e num mesmo coração.

Se a força vital de um povo é sua alma, fé na justiça imanente e num Além compensador, pode-se dizer que os galeses estão de tal sorte impregnados por ela que sua convicção recai sobre todo seu estado moral e social. Com efeito, nota-se ali uma coisa bastante rara na França: é que os tribunais freqüentemente não entram em função por não haver acusados nem culpados para julgar.

O alcoolismo, esse flagelo dos países célticos, ali também está em decréscimo. Encontram-se esses mesmos fatos na Escócia, em grau menor.

* * *

Os galeses, em geral, acreditavam firmemente no mundo dos espíritos e nas suas manifestações. Eles apresentam, às vezes, nomes e formas muito fantasiosas para isso. Seus relatos deixam uma grande margem para a imaginação. Entretanto, do conjunto dos fatos relatados se deduz uma série de testemunhos que não saberíamos recusar.

Por exemplo, no que se refere aos “espíritos batedores da mina”, esses seres invisíveis que, por seus golpes surdos, prolongados, repetidos, encorajam os mineiros e dirigem suas pesquisas em direção aos melhores filões; eis o relatório redigido, sobre esse assunto, pelo engenheiro Merris, homem muito estimado pelo seu saber e sua probidade, publicado na revista *Gentleman's Magazine*:¹⁴

“As pessoas que não conhecem as artes e as ciências ou o poder secreto da natureza zombarão de nós, mineiros de Cardigan, que acreditamos na existência dos “batedores”. Eles são uma espécie de gênios bons, mas inapreensíveis, que não se vêem, mas se ouvem, e que parecem trabalhar

nas minas, isto é, que o “batedor” é o representante ou o precursor do trabalho nas minas, como os sonhos o são de certos acidentes que acontecem.

Quando foi descoberta a mina de Esgair y Myn, os “batedores” nela trabalharam ativamente, noite e dia, e um grande número de pessoas os ouviram. Mas, após a descoberta da grande mina, não foram mais ouvidos. Quando comecei a explorar as minas de Elwyn-Elwyd, os “batedores” agiram tão fortemente, durante um certo tempo, que assustaram os jovens operários. Quando removíamos as camadas de rochas, antes de chegar no mineral, é que os ruídos se fizeram mais fortes; eles cessaram quando nós atingimos o mineral.

Sem dúvida, nossas asserções serão discutidas. Afirmando, entretanto, que os fatos são reais, mesmo que não possa nem pretenda explicá-los. Os cépticos podem sorrir; quanto a nós, mineiros, continuaremos a nos alegrar e a agradecer aos “batedores”, ou melhor, a Deus, que nos envia seus conselhos.”

Os fenômenos de assombração não são raros no País de Gales. Cita-se de bom grado tal casa ou tal castelo que os conheceram e suportaram. O Sr. Le Goffic, na sua viagem a Cardiff como delegado bretão à grande Assembléia solene de 1899, recolheu uma grande série de relatos desse gênero, que ele publicou no seu livro *L'Âme Bretonne* (A Alma Bretã).

A maioria desses relatos nos parecem muito marcados de superstição. Cremos, portanto, que devemos indicar um testemunho sério, o de Lady Herbert, ilustre patriota galesa, descendente dos antigos reis “kymris”, que recebia a delegação no seu castelo de Llanover.

O Sr. Le Goffic cita a conversa que teve sobre esse assunto com essa grande dama:

“O exemplo vem do Alto. Não se diz na Inglaterra que a própria rainha tem seu fantasma que ronda os apartamentos de Windsor? E esse fantasma, vestido de negro, não é outro senão a grande Elisabeth.

O lugar-tenente Glynn, de guarda na biblioteca, percebeu como o fantasma penetrou no quarto contíguo. Ora, esse quarto não tinha saída, mas tivera uma, outrora, durante a vida de Elisabeth, e que foi fechada depois. O lugar-tenente correu atrás do fantasma e chegou justo a tempo para vê-lo introduzir-se na parede. O fato se reproduziu diversas vezes e o temor foi tão grande, em Windsor, que foi preciso dobrar a guarda da noite.

Windsor tem sua dama negra, meu castelo de Cold Brooks tem sua dama branca. Vós perguntais qual o sentido dessas aparições? Ora, como a igreja nos explica, são almas em sofrimento que pedem piedade dos vivos esquecidos. Os outros espectros têm a função de avisadores. É o caso, creio, da dama negra de Windsor: sua presença anuncia sempre algum fato grave, uma guerra ou catástrofe próxima.

Os avisos, ou como vós dizeis na Bretanha, os “intersignos”, revestem todas as formas. Algumas vezes essas formas são especiais para certas famílias. Os Grey de Ruthwen são avisados da morte de seus membros pela aparição de uma carruagem, com quatro cavalos negros.

A família Airl, quando um dos seus membros está perto da hora da morte, ouve um rufo de tambor. Em um jantar, estando presente um desses Airl, alguém lhe perguntou como passatempo: “Qual é, então, o ‘intersigno’ de sua família?” – “O tambor”. E, como para atestar o fato, um rufo, surdo e velado, soou ao longe. Lord Airl empalideceu; algum tempo depois, um mensageiro veio anunciar que um dos membros de sua família estava morto.

Os Mac-Gwenlyne, descendentes do célebre clã desse nome, possuem há séculos, no norte da Escócia, o velho solar de Fairdhu: uma grande abóbada curvada lhe dá o acesso, e julga-se que a pedra que serve de base para essa abóbada começa a tremer quando um Mac-Gwenlyne vai morrer...”¹⁵

Os casos de castelos e lugares assombrados são tão numerosos na Escócia que deixamos de citar todos. Sabe-se que esse país é a terra clássica dos videntes, dos fantasmas e dos espíritos

familiares. O aspecto melancólico de suas regiões, cobertas de neblina, e de suas ruínas presta-se às visões e às evocações.

Ainda em nossos dias, a sombra de Marie Stuart não apareceu a Lady Caithness, Duquesa de Pomar, na capela real de Holyrood, onde se alinham os túmulos dos reis da Escócia? Em sua suntuosa casa da rua Brémontier, em Paris, em dias de reuniões psíquicas, a duquesa se comprazia em nos contar sua palestra noturna com a infortunada rainha.¹⁶

* * *

A Ilha de Man nos oferece também um belo exemplo de ressurreição céltica. Ela possui um parlamento autônomo, uma sociedade preservadora da língua Manx, jornais, serviços religiosos de Manx, escolas, etc.

Quanto à Cornualha Inglesa, seu dialeto, o córnico, também não está extinto como se pretende, pois um certo número de famílias ainda o falam. Assim escreveu Le Goffic:

“O cornualhense, como o bretão da França, a quem se assemelha tão estranhamente, permaneceu em comunicação permanente com o Além. Ele vive, como um bretão, numa espécie de familiaridade dolorosa com os espíritos dos mortos, consultando-os, ouvindo-os e compreendendo-os.”

O País de Gales é considerado como o mais antigo e o mais importante foco ou escola de Bardismo. Eis o que Jean Reynaud escreveu sobre esse assunto na bela obra *L'Esprit de la Gaule*, página 310:

“Pode-se dizer que os druidas, convertendo-se ao Cristianismo, não se extinguiram totalmente no País de Gales, como na nossa Bretanha e em outros países de sangue gaulês. Eles tiveram, logo em seguida, uma sociedade, solidamente constituída, dedicada, principalmente na aparência, ao culto da poesia nacional, mas que, sob o manto poético, conservou com fidelidade a herança intelectual da antiga Gália: é a Sociedade Bárdica do País de Gales, que se manteve como sociedade ora secreta, ora legalizada, desde a conquista normanda, e após ter, primitivamente, transmitido por via oral

sua doutrina, como imitação da prática dos druidas, decidiu, durante a Idade Média, confiar secretamente à escrita as partes mais essenciais dessa herança.”

Na realidade, o bardo é um poeta, um orador inspirado. Pode-se compará-lo aos profetas do oriente, a esses grandes predestinados sobre quem passa o sopro do invisível.

Na nossa época o título de bardo perdeu seu prestígio, devido ao abuso realizado, mas se voltarmos ao sentido primitivo do termo, notaremos a presença de importantes personagens como Taliésin, Aneurin, Llywarch-Hen, etc. Após tantos séculos, seus sotaques viris, quando eles afirmam seu patriotismo e sua fé, fazem ainda vibrar as almas célticas.

Não é preciso ver na obra dos antigos bardos um simples exercício do pensamento, um jogo do espírito ou uma música de palavras. Seus versos e seus cantos constituem um comentário e um desenvolvimento das *Triades*, um ensino, uma arte que abre perspectivas imensas aos destinos da alma, elevando-a para Deus. Ela confere a seus intérpretes uma espécie de auréola e de apostolado.

Esse ensino representa um adiantamento enorme sobre os tempos futuros. Tomemos, por exemplo, *Le Chant du Monde (O Canto do Mundo)*, de Taliésin (segundo *Barddas, cad. Goddeu*, um livro celta). Diz este bardo:

“Grande viajante é o mundo; enquanto ele desliza sem repouso, permanece sempre na sua estrada, e quanto a forma dessa estrada é admirável para que o mundo nunca saia dela!”

Ele descreve assim o caminho do globo através do espaço, muito antes das descobertas de Galileu que puseram fim ao antigo preconceito bíblico da imobilidade da Terra.

Sejam quais forem as constatações que se levantaram sobre a data exata dessas obras, não se pode duvidar de que elas não sejam bem anteriores à ciência da Idade Média; o mesmo ocorre com o conjunto das *Triades* que afirmam a natureza espiritual do ser humano, a evolução da alma por vidas sucessivas através dos

renascimentos, verdade que a ciência atual começa aos poucos a entrever.

Esses inspirados também eram videntes. Suas faculdades psíquicas lhe permitiam mergulhar no futuro e aí ler as vicissitudes, os reveses, as provas dolorosas que aguardavam os povos celtas. Mas eles sabiam que o ideal gravado neles não podia perecer. Eles sabiam que o sofrimento tempera as almas e que, mais tarde, esses povos restituiriam às civilizações, pervertidas pelos excessos do materialismo, o conceito elevado que constitui todo o valor da vida e mostra ao homem o caminho reto e seguro.

Os grandes antepassados voltaram mais de uma vez sobre a Terra, seja na Inglaterra, seja na França, em novos corpos. Eles tiveram nomes ilustres que nós poderíamos citar, mas abusaram tanto desses nomes célebres que preferimos deixar aos pesquisadores o cuidado de reconhecê-los entre aqueles que conduziram bem alto, através dos séculos, a tocha da arte poética e do pensamento radiante.

CAPÍTULO IV

A Bretagne francesa. Lembranças druídicas

Nossa Bretagne sempre foi muito descrita, dispensando que eu me detenha em evocar suas paisagens. Terra de granito, com suas florestas extensas, suas regiões imensas, suas costas recortadas que as ondas desgastam sem cessar, a Armorique foi durante longo tempo, na Gália, o refúgio dos druidas, a cidadela do Celtismo independente. Depois, o Cristianismo aí penetrou, mas assim como as camadas geológicas se superpõem sem se destruírem, assim o fundo primitivo persistiu sob o apoio do culto novo. A tradição étnica reapareceu em mil formas sob os véus de uma religião importada do oriente.

Pois, nessa terra de eleição, nas épocas mais diversas e sob as formas mais variadas, é sempre o mesmo pensamento importante e solene que se desenvolve.

Desde as pedras megalíticas de Carnac, menires e dolmens, até os ossários e calvários, igrejas góticas e campanários de nossos dias, é sempre o mesmo símbolo de imortalidade que se afirma, a mesma aspiração de quem passa para quem fica, em uma palavra, da alma humana até o infinito.

Mais do que em qualquer parte da antiga Gália, a Bretagne conservou a firme crença no Além, na sua vida invisível, na presença e nas manifestações dos mortos. Se o cepticismo e o espírito crítico existiram em certas cidades, o interior e as ilhas guardaram o sentimento de uma intensa espiritualidade. Quando o rumor do oceano aparece e estronda nas dobras da costa, quando o vento passa gemendo sobre a região, agitando as giestas e as ramagens, a alma bretã, no fundo das choupanas, crê ouvir a voz dos mortos chorando sobre seu passado.

Na época em que percorria, como turista, os campos de Finistère, tomei como guia um homem da região, que me serviu de intérprete, pois eu não conhecia perfeitamente o dialeto que estava muito em uso nessa paragem distante. Ora, um dia, chegando a Kergreven, entrei num caminho cavado, cercado de carvalhos anões, tido como o mais curto, conforme o mapa do

estado-maior que eu tinha sempre comigo. Mas meu guia me parou de repente e me disse, com uma espécie de pavor, que há dois anos não se passava mais por esse caminho, que era preciso dar uma grande volta. Tive muita dificuldade para obter dele as explicações claras, mas, enfim, ele acabou por me confessar que um sapateiro de Lampaul se enforcara nesse caminho e seu espírito assombrava ainda os transeuntes, e por isso não utilizavam mais essa rota.

Não levei isso em consideração e lhe pedi para me indicar a árvore do suicida; ele o fez com vigorosos sinais da cruz e gestos de inquietude.

O Sr. Le Braz, no seu livro *La Légende de la Mort Chez les Bretons Armoricaïns*, cita o caso de um coveiro que, tendo violado, por ordem do Cura de Penvéman, a sepultura de um morto antes do prazo legal, recebeu a visita noturna e as censuras do espírito do morto, que só cessou de o assombrar com o benefício de orações pronunciadas em sua intenção. Apesar dessa reparação, o Cura morreu alguns dias depois, e a opinião pública atribuiu a causa da morte à vingança do morto.

Outro fato anotado pelo mesmo autor: Marie Gouriou, da vila de Min-Guenn, perto de Paimpol, deitou-se uma noite, após ter colocado perto de seu leito o berço em que dormia seu filho. Acordada por choros durante a noite, ela viu seu quarto iluminado por uma luz estranha e um homem, inclinado sobre a criança, que a balançava levemente, cantando, em voz baixa, um refrão de marujo.

Ela reconheceu seu marido, que partira há um mês para pescaria na Islândia, e notou que de suas roupas escorria água do mar.

“Como! – exclamou ela –, tu já estás de volta? Toma cuidado, pois vais molhar a criança... Espera, eu vou me levantar para acender o fogo.” Mas a luz se esvaeceu e, quando ela acendeu o fogo, verificou que seu marido havia desaparecido.

Ela não deveria mais revê-lo. O primeiro navio que voltou da Islândia comunicou que o barco em que ele tinha embarcado

nafragara, com perda de corpos e bens, na mesma noite em que Gouriou apareceu debruçado sobre o berço de seu filho.

Encontram-se nas diferentes obras do Sr. Le Braz, professor da Faculdade de Letras de Rennes, vários fenômenos da mesma ordem. Eis como ele se exprime, sobre esse assunto, no prefácio do livro acima citado:

“A distinção entre o natural e o sobrenatural não existe para os bretões. Os vivos e os mortos são, do mesmo modo, habitantes do mundo e vivem em perpétua relação uns com os outros. Não se espantam mais de ouvir o sussurrar das almas nos juncos, assim como ouvem os pássaros canoros cantarem, nas cercas, seus chamados de amor.”

É verdade que as narrações desse gênero são muito comuns na Bretagne, mas é preciso acrescentar que muitas vezes a imaginação popular mistura as criações fantásticas ao mundo real dos espíritos. São as almas dos mortos e também dos duendes, Korigans, Folliked, etc., que freqüentam as moradas dos homens e também as planícies, praias e bosques, de tal maneira que, às vezes, é muito difícil saber-se onde está a verdade nessas narrações que se permutam no serão, no canto da lareira.

Não é somente na expressão dos modos de ver e dos sentimentos populares, mesclados de verdades e ilusões, que se deve pesquisar o pensamento principal da Bretagne. É, sobretudo, nas obras de seus escritores, de seus poetas e de seus bardos. Ele vibra nos seus cantos, ele agita, palpita nas páginas que foram escritas.

Com efeito, sob a variedade dos caracteres, dos talentos e das diferenças de pontos de vista encontra-se o mesmo fundo comum, o respeito de uma tradição que se perpetua, de tempo em tempo, e que é comum à alma própria da raça.

Acrescentai entre os grandes escritores como Chateaubriand, Lamennais, Renan, Brizeux e alguns outros, o tormento dos grandes problemas, a ansiedade dos enigmas do destino, a aspiração em direção ao infinito e ao absoluto. Eles carregam consigo, sobre sua cabeça, o signo augusto de todos aqueles que procuraram sondar o mistério da vida universal.

Abaixo dos grandes autores que acima citamos, os bardos ocupam ainda um lugar honroso, porque sua raça não está extinta na região da Bretagne, onde ainda se encontram exemplos notáveis. Sem dúvida, eles não pretendem igualar os bardos antigos pelo seu talento ou pelo seu gênio, mas se inspiram em seu ideal; eles têm os mesmos motivos: o patriotismo e a fé. Essa fé, é bem verdade, parece mais católica do que céltica, mas, sob suas opiniões religiosas vivazes, a centelha céltica adormece e bastaria um apelo, uma recordação, para reanimá-la.

No curso de minhas freqüentes viagens à Bretagne, nas minhas palestras com a gente do povo, artistas, burgueses, eu pude notar que a noção das vidas anteriores subsistia no fundo das inteligências, de modo semivelado. E não seria de outra forma entre os bardos modernos, que representam uma elite intelectual. Eles não estão exclusivamente inclinados ao passado, mas se comprazem também em contemplar o futuro.

Eles sonham para a Bretagne uma autonomia semelhante àquela que goza o País de Gales, com a sua língua, a sua literatura, os seus jornais. Eles sonham com uma família forte, de costumes mais puros e baseados na tradição! Eles sonham em uma união estreita com os países de além-mar de origem céltica, aliados no sentimento de um destino comum.

Eles conservam, no âmago do coração, uma confiança inalterável nos destinos da raça, no triunfo do Celtismo e de seus princípios superiores: liberdade, justiça e progresso.

É isso que os leva a crer numa missão sagrada, numa função social regeneradora. É isso que comunica às suas estrofes esses valores que fazem, às vezes, vibrar a alma popular. Seu verbo inflamado será suficiente para sacudir a indiferença e galvanizar as multidões? Não, certamente, porque é preciso para isso o auxílio poderoso do além, o concurso ativo do mundo invisível.

Notemos que esse movimento de opinião em favor do regionalismo não é especial para os bardos. Os intelectuais de todas as classes, de todos os partidos se associam. Eles reclamam essa descentralização prometida pela Revolução (Francesa) e que não foi ainda realizada. Na Bretagne, o patriotismo local não é

exclusivo; respeitando os liames que a unem estreitamente à França, ela quer um lugar especial para a pequena pátria na grande e a manutenção da língua céltica, que é como o “paládio” da raça bretã.

O movimento pancéltico não tem, na Bretagne, o caráter separatista de que certos críticos o acusaram. É uma pena que no Congresso de Quimper, em 1924, uma ínfima minoria de congressistas tenha concebido essa vaga idéia. A divisa geral era: “Franceses em primeiro lugar, bretões depois!”¹⁷

O objetivo dos dirigentes é o de regenerar a raça por um idealismo elevado, feito ao mesmo tempo de um Cristianismo depurado e de um retorno às tradições célticas, em tudo que elas têm de mais nobre e maior. É nesse sentido que todos os celtistas da França e de outros lugares simpatizam com esse movimento.

A obra dos bardos bretões apresenta eclipses e desigualdades; às vezes ela se confina na penumbra dos “gwerz” e dos “gwerziou” – cantos populares que os obscuros improvisadores vão divulgar, de aldeia em aldeia, de procissão em procissão –, mas às vezes também ela rompe em estrofes vibrantes, pela voz deste bardo cego: Yann-ar-Gwenn, que em 1792, nas ruas e praças de Quimper, reanimava a chama dos entusiasmos patrióticos entre os mais indiferentes.¹⁸

Falemos de um contemporâneo, de Quellien, que se dizia ironicamente “o último dos bardos” e cuja verve, inesgotável, divertia os cafés literários e as salas de redação de Paris. Após ter criado os chamados “jantares célticos”, que reuniam todos os anos os bretões letrados da capital e dos quais Renan foi o ornamento mais belo, Quellien morreu esmagado por um auto, deixando uma obra densa, da qual duas peças de teatro, ritmadas no dialeto do país de Tréguier, chamadas “Annaïk” e “Perrinaïk”, ele esperava representar na sua querida Bretagne.

Coisa estranha, Quellien parecia ter previsto seu fim trágico, pois escreveu no prefácio de sua *Bretagne Armoricaine*: “Tenho o pressentimento de que as tempestades da vida me levarão antes do tempo.” Alguns viram, nessa morte acidental, uma punição

por ele ter desencaminhado o Bardismo nos cabarés da colina de Montmartre.

O Sr. H. de la Villemarqué publicou, em 1903, uma coletânea considerável de poemas e de cantos populares da Baixa-Bretagne que foi objeto de contestações e de críticas intermináveis; aí se encontram, entretanto, coisas muito interessantes, de belos ritmos e sugestivas evocações, em outras palavras, a expressão das alegrias e das dores de um povo inteiro.

Não está na minha idéia lembrar aqui as polêmicas ardentes, originadas a propósito de fraudes literárias atribuídas a certos escritores celtistas, ainda menos nelas tomar parte. Esses debates e discussões fazem ressaltar todo o preconceito e o fanatismo que os interesses políticos ou religiosos podem colocar em jogo para abafar uma grande idéia que os prejudica.

Pouco importa para nosso assunto, por exemplo, que a epopéia do Rei Arthur e os romances da Távola Redonda tenham sido adornados pela imaginação. Pouco importa, também, que os manuscritos dos poemas de Ossian sejam a obra do advogado Macpherson ou que os Srs. Luzel e de la Villemarqué tenham refeito e ampliado os cantos populares da Bretagne.

Nosso alvo é bem outro. Não se trata, para nós, de fazer a crítica literária, mas de mostrar toda a beleza e a grandeza da doutrina dos druidas que se têm diminuído, à vontade. Para isso basta nos elevarmos acima das contestações, mais alto do que as rivalidades das escolas, para nos ligarmos aos testemunhos dos historiadores imparciais que viveram na própria época dos druidas e os conheceram melhor. É o que faremos no desenrolar dos capítulos seguintes.

É verdade que a lenda de Merlin, o encantador, poderia chamar a nossa atenção, porque tais pensadores eminentes a consideram como o poema no qual se refletem, mais brilhantemente, as qualidades e os defeitos da alma céltica. Entretanto, um exame atento de tudo o que foi escrito sobre esse assunto demonstrou-nos que a parte de ficção, ali, é considerável e nós preferimos deixar ao nosso amigo Gaston Luce, poeta inspirado que preparou sobre esse tema um drama lírico de grande elevação, o

cuidado de lhe fazer realçar todo o interesse. Nós nos limitaremos a reproduzir estas linhas do célebre escritor Edouard Schuré, tiradas de seu livro *As Grandes Lendas da França (Les Grandes Légendes de France)* e nas quais ele resume “a longa, a heróica luta dos celtas contra o estrangeiro”:

“Arthur torna-se, para toda a Idade Média, o tipo do cavaleiro perfeito. Desforra na qual os bretões não tinham pensado, mas não menos gloriosa e fecunda. Quanto a Merlin, ele personifica o gênio poético e profético da raça, e se ele ficou incompreendido na Idade Média, como também nos tempos modernos, é porque, primeiro, a importância do profeta ultrapassa, de muito, a do herói; depois porque a lenda de Merlin e todo o Bardismo se confinam a uma ordem de fatos psíquicos onde o espírito moderno somente agora começa a penetrar.”

* * *

Quando, sob a inspiração de meu guia, exploro as camadas profundas de minha memória para reconstituir o encadeamento de minhas vidas passadas, se eu remonto às origens, aí reencontro, não sem emoção, os vestígios de minhas três primeiras existências vividas na Terra, no oeste da Gália independente.

Por lembrança, eu revejo essa Natureza ainda virgem, semi-selvagem, toda impregnada de mistério e de poesia, e que o homem, apesar de sua pretensão de embelezar, somente conseguiu mutilar e despojar. Revejo esses grandes promontórios, batidos pelas tempestades, que se erguem ante os horizontes infinitos do mar e do céu. Creio ainda ouvir essas grandes vozes do oceano, ora lamentosas, ora ameaçantes, e o sussurro da onda que vai morrer no fundo das enseadas solitárias, riscando sobre a praia sua orla de espuma. A vaga embaladora não seria a imagem do pensamento humano, sempre inquieto, sempre fremente e agitado?

Revejo a floresta profunda, toda cheia de murmúrios de uma vida invisível; a floresta assombrada pelos espíritos dos antepassados que encantam os santuários onde se realizam os sacrifícios e os ritos sagrados. Essa floresta céltica era tão vasta que seriam

precisos meses inteiros para atravessá-la; tão espessa, tão cerrada, que no verão o tempo era escuro em pleno meio-dia, sob suas abóbadas verdejantes, imponentes como naves de catedral.

Todo celta guarda no coração o amor ardente, imperecível, da floresta. Ela é para ele um símbolo de força e de vida imortal. Após o fim do inverno, não renasce ela na primavera, assim como a alma, após um tempo de repouso, volta à Terra para manifestar os poderes da vida que estão nela?

Nesse ponto, como em muitos outros, o ensino dos druidas se inspirou nos espetáculos da natureza. No estudo de suas leis, eles acharam uma fonte abundante de lições sempre vivas e expressivas, sempre ao alcance dos homens que ofereciam uma base sólida, uma força incomparável para suas convicções. Daí nenhuma dúvida, nenhuma hesitação, visto que eles pensavam que a natureza era uma emanção da vontade divina. É por estar afastada dela e por ter desconhecido suas leis que, desde então, o homem caiu no cepticismo e na negação. Mas então uma fé nova e pura brotava das almas, como a fonte límpida jorra do solo sob a ramagem dos grandes bosques. Espírito impetuoso e ardente, dela me impregnei a tal ponto que, apesar das vicissitudes de numerosas existências, ainda lhe guardo uma profunda impressão.

Eu gostava de penetrar nos círculos de pedra (*cromlechs*) onde se evocavam os espíritos dos mortos. Escutava, com ansiedade, as lições dos druidas, que nos entretinham com as narrações das lutas da alma no “Abred”, para conquistar a ciência e a sabedoria, e sua plenitude de vida no “Gwynfyd”, para posse da virtude, do gênio e do amor. Sob a indicação do Mestre, eu me aplicava em aprender e recitar os inúmeros versos que constituíam o ensino sagrado.

Por essas experiências repetidas, consegui dar à minha memória a destreza e a duração que dela fizeram o precioso instrumento de estudo e de trabalho que me seguiu em todas as minhas vidas ulteriores.

No curso de minha vida atual eu queria rever as paisagens imponentes que, nesses tempos longínquos, com a ajuda de

minhas primeiras existências terrestres, me tinham impressionado tão fortemente.

Segui, detalhadamente, os cortes da costa bretã e os restos dos grandes promontórios que as investidas da tempestade reduziram, de século em século. Nessa luta gigantesca, o oceano leva a melhor e o continente recua.

O homem impotente se resigna, porém, como ele se vingará na floresta!

No lugar dos santuários druídicos, ambientes augustos e sagrados, não se vê senão urzes informes sem encanto e sem beleza. Eu queria percorrer Brocéliande, a floresta encantada onde Merlin e Viviane abrigavam sua paixão e seus sonhos; encontrei somente uma floresta devastada pelo machado, com as grandes superfícies desnudas, semelhantes às manchas leprosas sobre um solo empobrecido. A fonte de Baranton, de águas mágicas, é agora uma cloaca onde se agitam batráquios indefinidos.

Os próprios nomes foram mudados, Brocéliande tornou-se a floresta de Paimpont, propriedade do bispo de Nantes, que procedeu a derrubadas freqüentes. E o mesmo ocorreu por toda a parte em que se estendeu a floresta céltica. Onde estão essas abóbadas de verde que os raios de sol atravessavam com muito custo para se lançarem sobre os musgos e as samambaias?

Mas quando a Terra tiver perdido o seu adorno e se tornar calva e nua, quando as águas pluviais rolarem em torrentes devastadoras, para onde o homem voltará seus olhares para desfrutar do espetáculo do Universo? Um de nossos eminentes políticos não declarou que as luzes do céu foram extintas? Mas não, Viviani ¹⁹ está morto e as estrelas brilham ainda no seio das noites profundas. Elas nos falam do poder, da sabedoria, da bondade do Criador! Elas serão sempre um símbolo de eterna esperança para a humanidade!

CAPÍTULO V

A Auvergne. Vercingétorix, Gergovie e Alésia

Como uma cidadela que coroa alguns cumes de suas torres e de seus baluartes, a Auvergne ergue a corrente de suas montanhas acima das planícies e dos vales da França Central. Dos altos planaltos e dos contrafortes descem e rolam as torrentes, os ribeirões que se transformarão, mais adiante, em grandes rios cujas bacias, dirigidas para três mares, dão à Gália esse aspecto regular, essa forma predestinada que parece, dizia Estrabão, a obra de um deus.

O país dos arvernos era, para seus habitantes, como uma terra sagrada. Os gênios invisíveis rondavam sobre suas florestas e suas montanhas. De seu solo jorravam em abundância as fontes quentes, os vapores benéficos, manifestação de um poder subterrâneo que inspirava, nesses povos primitivos, uma espécie de temor religioso.

O Puy de Dôme, que domina toda a região por seu alto porte, era o altar gigantesco de onde a oração dos druidas se elevava para o céu, o templo natural do deus Teutatès, ou melhor, do espírito protetor que simboliza a força e a bravura dos arvernos.

O panorama dos montes desperta na alma uma impressão quase tão viva como as noites estreladas. Essa impressão não se exprime por palavras, mas, geralmente, por uma contemplação silenciosa, por uma admiração tanto mais viva quanto mais profundamente a alma possui o sentido de harmonia e de beleza. Ela é aumentada, ainda, na Auvergne por marcas deixadas pela ação do fogo central, que, no seu esforço para alcançar a superfície, transtornou as camadas terrestres. Se do alto do Puy de Dôme se observa a longa cadeia de crateras que se sucedem do norte ao sul, em linha reta, e se reconstitui, pela imaginação, o período de atividade onde todos esses vulcões expeliam correntes de lavas, das quais se pode ainda seguir os rastros deixados em muitas léguas, e que as pessoas da região chamam de “cheires”, tem-se a visão grandiosa do dinamismo que sacudia o globo nos tempos quaternários.

O solo da Auvergne, tanto na região dos montes Dôme quanto na região dos montes Dore e Cantal, é gretado, crivado de crateras extintas, invadidas depois pelas águas. A mais notável é o lago Pavin, corte vasto e profundo de paredes de pórfiro, que coroa um círculo de florestas. Pela brecha onde se escoavam outrora as lavas, hoje se expandem as águas límpidas do ribeirão La Couze.

Pelo caminho que contorna o lago, através da floresta umbrosa, se atinge o planalto elevado que domina muitas crateras, entre outras a de Moncineire, ou montanha das cinzas. Ali está um dos sítios mais maravilhosos de nossa região. A natureza selvagem das primeiras eras da Terra ali se revela ainda sob o enfeite cambiante das águas e dos bosques. Pelas emanções sulfurosas e pelas lamas quentes que se encontram em alguns pontos da Auvergne, pode-se crer que a atividade subterrânea não cessou inteiramente e que um despertar de forças plutonianas é sempre possível.

O contato dessa natureza agreste tinha comunicado às populações primitivas essas qualidades rudes e fortes que caracterizam quase todos os montanheses.

Se o sentimento que os gauleses tinham de sua origem comum, de seu parentesco de raça, se a unidade moral e religiosa que resultava fosse mudada em unidade política, os arvernenses teriam sido os primeiros a aproveitá-la. Sua província não era o núcleo ativo e, ao mesmo tempo, a principal força material da Gália?

O Puy de Dôme era o maior santuário. Para ali convergiam peregrinos de todos os locais. Gergovie era o lugar mais importante, e Vichy, situado então em região arvernense, atraía, unicamente pela virtude de suas águas, multidões de doentes e feridos.

O Rei Bituit havia mobilizado duzentos mil combatentes contra os romanos e a cavalaria arverna era considerada como a melhor de todas. Mas Bituit foi vencido e o império arverno se eclipsou durante certo tempo. Entretanto, vastos grupos políticos se formavam em outros lugares: A Federação Armoricana, no

oeste; a Federação Belga, no norte de Marne. A de Auvergne se reconstituiu, incorporando todos os povos das Cévennes. Mas a rivalidade ciumenta dos eduenos comprometeu tudo. Eles recorreram a César, cujas legiões penetraram, pouco a pouco, na Gália, e fizeram aliança com ele. A influência do pérfido procônsul aumentou rapidamente e tornou-se logo ameaçadora para a independência gaulesa.

É então que a grande e nobre figura de Vercingétorix (72-46 a.C.) aparece. Educado pelos druidas, foi na sua educação que ele adquiriu essas raras qualidades, essa elevação de caráter que o distinguiam. A morte cruel de seu pai, Celta, queimado vivo por julgamento do Senado, por ter aspirado à coroa, lançou uma sombra sobre sua juventude e contribuiu para torná-lo, muito cedo, circunspecto, meditativo e sonhador. Ele experimentou, diz-se, a sensação do mundo invisível, essas intuições inexprimíveis que são, talvez, reminiscências de lembranças anteriores, formando um conjunto de coisas enterradas na subconsciência profunda e que tendem a reviver, a se expandir em plena luz.

Camille Jullian, tão reservado nessas matérias, não hesita ao nos ensinar que Vercingétorix, enviado cedo para a escola dos druidas, vivia na familiaridade respeitosa desses sacerdotes. Ele aprende com estes que há uma alma imortal e que a morte é uma simples mudança de estado. Eles lhe ensinam que o mundo é uma coisa imensa e que a humanidade se estende ao longe, bem fora das terras paternas e dos caminhos da caça ou da guerra. Assim o jovem imaginava, pouco a pouco, a grandeza do mundo, a eternidade da alma e a unidade do nome gaulês.

Tudo em Vercingétorix lhe predispunha ao comando; seu corpo alto e soberbo, diz Camille Jullian, o indicava para a admiração das multidões. Ele tinha a superioridade física e intelectual que dá à vontade uma segurança nova, e os arvernos podiam se perguntar se Luern ou Bituit, os chefes ainda célebres da Gália triunfante, não voltavam sob a forma juvenil do último de seus sucessores.

Instruído e amado pelos bardos, tornou-se um deles. Ele sabia se exprimir em versos e empregar em seus discursos essa atitude arrebatadora que impressiona sempre os celtas. Sobre este assun-

to, lembremos a citação seguinte de Mommsen, o grande historiador alemão, que demonstra que nossos antepassados não eram tão bárbaros como se pretendia: “O mundo céltico se liga mais estreitamente ao espírito moderno do que ao pensamento greco-romano.”²⁰

E o Sr. Camille Jullian insiste sobre este fato:

“Vercingétorix não era por isso fechado e hostil à civilização greco-latina. Ele tomou emprestado muitos princípios da guerra científica e aceitou uma certa supremacia intelectual dos dois grandes povos vizinhos.”

* * *

Em uma obra recente chamada *L'Initiation de Vercingétorix*,²¹ o Sr. André Lebey nos forneceu detalhes muito interessantes sobre a educação religiosa e política do jovem chefe arvernense. Inicialmente, ele nos apresenta muitas cenas vivas e coloridas nas quais os nobres chamados “colares de ouro”, responsáveis pela morte trágica de Certil, entregam-se a esse gênero de intriga que pôs a perder a Gália, zelando com um ódio ciumento pelo progresso do jovem varão e temendo represálias. Depois, é a viagem de Vercingétorix, que atravessou as vastas solidões silvestres que separam as tribos, visitando a floresta sagrada dos carnutos, onde ele participa da grande cerimônia anual, presidida pelo arquidruída e pela grande sacerdotisa da Ilha de Sein; e sua visita a Carnac, onde ele cumpre outros ritos. Ali, nas horas do crepúsculo, ele escuta os cantos do bardo, afirmando o Deus supremo:

“Eu creio em um Deus único, eterno, que não se conhece, que nunca se conhecerá, indubitavelmente. Eu creio naquele que é, naquele que será, visto que é o mesmo, naquele que se revela e existiu sempre, visto que é o mesmo ainda. O caminho que leva à sua incógnita começa no sacrifício voluntário.”

Sob a direção de um druida, guia tutelar e familiar, ele vai obter nos santuários os conhecimentos dessa grande doutrina, a propósito da qual Dom Martin pode dizer que “ela não foi toma-

da emprestada de nenhum outro povo”. Sem dúvida, em seus relatos é preciso levar em conta a fantasia, mas os principais fatos repousam em uma base histórica. O que há de mais notável nessa obra são as páginas consagradas à conversa solene e secreta dos dois druidas sobre a praia bretã, em frente das ilhas sagradas. Um deles, Divitiac, é admirador e aliado dos romanos; o outro, Macarven, preceptor de Vercingétorix, somente tem em vista o futuro e a grandeza da Gália, o desenvolvimento de seu gênio livre, independente de toda ingerência estrangeira.

Divitiac tinha voltado de uma viagem à cidade Eterna, deslumbrado pela glória política e pelo esplendor monumental de Roma. Ele sonha com uma aliança que julga necessária para completar o poderio da Gália e assegurar sua função no mundo.

Macarven lembra a seu interlocutor a corrupção, o cepticismo dos romanos, sua rapacidade, sua sede de dominação e, sobretudo, a astúcia e os ardis com os quais eles estão acostumados. Confiante na religião e na prática que ama, ele deposita toda a sua esperança em uma Gália independente. Disse ele a Divitiac:

“Minha fé é mais clarividente do que a tua. Para vencer completamente, seria melhor que ela extinguisse as armas manuais, em nome de sua superioridade! O triunfo passageiro da matéria sobre o espírito não pode anular a vida do espírito; ela a consagra ainda mais e a faz ressuscitar eternamente acima da vitória momentânea do inimigo. Ao contrário, aceitando, mesmo por astúcia, o conquistador que a domina, ela se humilha pouco a pouco, ela se entrega. A derrota nobre valeria mais pela sua resistência legítima do que a vitória brutal do número e da força, unicamente. Eu somente confio na estrada perpétua, obstinada da consciência. Porque ela é direita, superior, decisiva entre todos os outros meandros, ela segue mais adiante. Deixá-la, abdicá-la e se perder, talvez morrer, e da morte da qual não se levanta. Essa morte engole tudo, é tão pesada que arrasta a alma esmagada sob o peso de sua nulidade.” (P. 163)

Prosseguindo sua viagem, Vercingétorix vai consultar as druidisas da Ilha de Sein.

“Tu vieste – lhe dizem elas – nos interrogar sobre o enigma dos mundos. Nós e nossos sacerdotes te respondemos. Tu chegaste, como nós, ao conhecimento da migração das almas e das leis da vida universal. Agora uma outra tarefa te será imposta; é preciso, doravante, pensar em Roma. Se tudo que viste do império gaulês te tem feito amá-lo, se tu estás ligado à nossa religião, forte e doce, natural e divina, onde o mal inevitável da vida se esclarece e se resgata pelo sacrifício, depois atinge ao sublime verdadeiro pelo culto equilibrado do espírito; se tu te dás conta de que na cidade fria, sobre a qual vigia o Capitólio, apesar da doçura do clima e da beleza dos montes Apeninos, vencido, tu regressarás para morrer no ar salubre da Gergovie, a lição viva do Puy majestoso, a profundidade calmante de suas florestas, então prepara-te desde agora! Prepara-te para salvar teu país e sua religião, única no mundo, tua nação de águas claras, de corações disputadores, mas bons e quentes. Crê em mim, crê em minhas irmãs, crê em nossos sacerdotes; esta virtude particular ao nosso solo, onde a raça céltica atinge sua mais justa expansão, não existe em outra parte.”

Mais tarde, a grande druidisa conduz o chefe arverne sobre o promontório que domina o mar de terror, em frente da ilha sagrada. Nesse tumulto de vagas, que imprime às suas palavras uma espécie de solenidade fatídica, ela lhe lançou estes dizeres em tom imperioso:

“Eleito por todos, tu serás rei e tu nos pertences. Sob este gládio cintilante, acima do abismo, símbolo da vontade, além de todas as agitações humanas, jura dedicar todos os minutos da vida, tua vida, tua morte, tudo o que compõe teu corpo perecível, como também tudo o que prepara tua alma imortal ao cumprimento da libertação.

Tu estás, aqui, no fim do mundo. Se teu juramento é sincero, os deuses que velam em torno de nós e nas ilhas, nos confins do santuário de todos os santuários, te atenderão!”²²

E no vento e na tempestade, sob o ruído das ondas barulhentas, sob o gládio ensangüentado, Vercingétorix jurou!

* * *

É no ano de 53 a.C. que, dolorosamente influenciado pela situação da Gália, Vercingétorix toma a resolução de se consagrar à salvação de sua nação. César tinha derrotado separadamente os éburons, os trévires, os sénones, depois retornou para a Itália, deixando suas dez legiões dispersas no norte e no leste. Aproveitando as circunstâncias, Vercingétorix, em pleno inverno, percorreu as tribos preparando uma sublevação geral e, por sua eloquência máscula, reanimou os ardores patrióticos e levantou as coragens abatidas.

Uma assembléia solene, de todos os chefes gauleses, teve lugar na floresta sagrada dos carnutos. Ali, sob as bandeiras das tribos, reunidas em aglomerados, os chefes fizeram o juramento de se unirem contra os romanos e proclamaram Vercingétorix como chefe supremo. Eles sonhavam com uma pátria coletiva, com uma grande Gália livre e federada, realização dessa fraternidade céltica, concebida pelos druidas. Vercingétorix tentou introduzir mais ordem e método na organização militar e nos movimentos da armada gaulesa. Ele mostrou tanta habilidade e precisão que provocou este elogio pouco comum de seu inimigo: “Ele foi tanto ativo quanto severo no seu comando.”²³

Pode-se perguntar onde o grande chefe arverno, ainda jovem, tinha obtido suas aptidões e seu conhecimento. Parece que a função que se deve atribuir ao mundo invisível na história começa a sair do domínio exclusivo das religiões para penetrar pouco a pouco na ciência. Esta função o Sr. Camille Jullian a reconhece, ou melhor, a discerne na vida de seu herói, e a relaciona a outros exemplos célebres; os de Sartório e de Mário, que tiveram suas profetisas, como Civilis teve Velléda. “Vercingétorix disse que teve ao seu redor agentes que o colocavam em relação com o céu.”²⁴

Mas o terrível procônsul, ao ser informado da sublevação da Gália, deixou rapidamente Ravenna e, após uma viagem rápida, realizou um ato tido como irrealizável em pleno inverno. Ele atravessou as Cévennes por veredas abruptas, com 30 centímetros de neve, e investiu com sua pequena armada sobre o país arverno, obrigando, assim, Vercingétorix a dirigir suas forças

para o sul e a libertar as legiões cercadas. Após esse desvio estratégico, César desceu pelo vale do Loire e juntou, às pressas, a parte principal das legiões a fim de ser capaz de enfrentar os acontecimentos.

Não é surpreendente achar, a dezoito séculos de distância, fatos análogos nessa outra existência do mesmo homem de gênio que foi sucessivamente Júlio César e Napoleão Bonaparte? A passagem de Cévennes não teria por complemento aquela do Grand Saint Bernard, e o 18 brumário²⁵ não lembra a passagem do Rubicão?

Alguns meses depois, o cerco de Bourges pelos romanos, heroicamente sustentado pelos seus habitantes, mostrou toda a utilidade das reformas de Vercingétorix.

Para devastar a área da armada romana, os bitúriges põem fogo, por sua ordem, em vinte de suas vilas. César sobe de novo até a Auvergne com suas legiões e ataca a Gergovie, foco da independência gaulesa; ele é repellido, forçado a deixar seu campo e a bater em retirada durante a noite.

O general romano, que não tinha cavalaria, não hesitou em mandar vir de além do Reno, para alistar, bandos de cavaleiros germânicos semi-selvagens. E é assim que, após ter proclamado muitas vezes, altissonante, que ele não vinha à Gália a não ser para defendê-la contra os germanos, foi ele mesmo que abriu o caminho às invasões. Na batalha de Dijon, os pesados esquadrões germânicos romperam a cavalaria gaulesa e Vercingétorix, reduzido à sua única infantaria, teve que se refugiar na Alésia.

Finalmente, vem o cerco memorável dessa vila pelos romanos, os trabalhos gigantescos das legiões para sitiar o lugar e a chegada da armada de socorro, isto é, quase toda a Gália em armas. Esta armada foi lenta para se reunir, os chefes se ajuntaram, de início, em Bibracte, formando um conselho geral, para discutir os planos de Vercingétorix. Se havia entre eles homens devotados, sem exceção, à liberdade da Gália, havia, também os ambiciosos de duas caras, como os dois jovens eduenos Viridomar e Eporédorix, ambos decididos a favorecer, em segredo, os desígnios de César.

Numa luta horrorosa de três dias, o impulso furioso dos arvernos desbarata as linhas romanas, mas a traição dos eduenos aniquila seus esforços e a armada gaulesa se dispersa, abandonando os defensores de Alésia à sua própria sorte.

Vercingétorix, vencido, poderia fugir, mas preferiu se oferecer como vítima expiatória a fim de poupar a vida de seus companheiros de armas. César, estando assentado num tribunal, no meio de seus oficiais, vê as portas da Alésia se abrirem. Um cavaleiro de alta estatura, coberto de uma magnífica armadura, aparece a galope, descreve três círculos com seu cavalo ao redor do tribunal e, com ar altivo e grave, joga sua espada aos pés do procônsul. Era o chefe arverno que entregava-se ao seu inimigo. Os romanos, impressionados, se afastaram com respeito, mas César, mostrando a baixeza de seu caráter, prostra-o com injúrias, acorrenta-o, manda-o para Roma e o joga na prisão mamertina, calabouço escuro, com uma única entrada, pela abóbada. Após seis anos de prisão horrenda, ele foi retirado para figurar como triunfo de César, e daí foi entregue ao carrasco (46 a.C.).

Um dia, no correr dos tempos, esses dois homens se reencontraram servindo à mesma causa, sob o mesmo estandarte. César se chamou, então, Napoleão Bonaparte e Vercingétorix tornou-se o general Desaix. Em Marengo, quando a batalha parecia perdida para os franceses, Desaix chegou na hora exata, com a sua divisão, para salvar seu antigo inimigo, e esta foi toda a sua vingança!

Edouard Schuré escreveu a respeito de Desaix,²⁶ após ter lembrado seus grandes feitos:

“Ele foi a modéstia na força, a energia na abnegação. Procurava sempre o segundo lugar, e aí se conduzia como se fosse o primeiro. Batido mortalmente em Marengo, nesta grande batalha que ganhou para o primeiro cônsul, e temendo que sua morte desencorajasse os seus, disse simplesmente àqueles que o dominavam: “Não digam nada a eles.”

Nesses detalhes históricos, não se encontra uma confirmação daquilo que nos têm dito nossos instrutores do espaço sobre a identidade desses dois personagens, Vercingétorix e Desaix,

animados pelo mesmo espírito no correr dos séculos? Foi assim com César e Napoleão e com muitos outros casos semelhantes.

Se o olhar do homem pudesse sondar o passado e reconstituir o elo que une suas vidas sucessivas, muitas surpresas lhe seriam reservadas, porém más lembranças e angústias também viriam se misturar às dificuldades da vida presente e agravá-las! Eis por que o esquecimento lhe é dado durante a passagem do vau, isto é, durante a estada terrestre. Mas no desprendimento corporal, nas horas de sono e, sobretudo, após a morte, o espírito evoluído retoma o encadeamento de suas existências passadas, e na lei das causas e efeitos, em vez de vidas isoladas, incoerentes, sem precedentes e sem seqüência, ele contempla o conjunto lógico e harmonioso de seu destino.

* * *

Do mesmo modo que visitei a pé, com um sentimento de respeito, o santuário céltico da Bretagne, creio dever fazer a peregrinação da Gergovie e da Alésia. Eu escalei as escarpas da Acrópole arverna e mais tarde subi a inclinação suave que, da estação de Laumes, leva à Alise. Uma neblina fria e penetrante envolvia a planície, enquanto no horizonte o disco avermelhado do Sol parecia se esforçar para furar a cerração.

Percorrendo as ruas da vila, percebi, com surpresa, uma estátua eqüestre com esta inscrição: “À Jeanne d’Arc, la Bourgogne”. Este é, então, um monumento expiatório? Prosseguindo minha ascensão, atingi o planalto onde se ergue a estátua gigantesca do grande antepassado. Ali, solitário, pensei por muito tempo, meditei tristemente em tudo que é preciso – lutas, sangue e lágrimas – para assegurar a evolução humana.

A figura grandiosa e nobre de Vercingétorix se liberta da sombra dos tempos como um exemplo sublime de sacrifício e de abnegação. Ele acreditava na pátria gaulesa, no seu futuro, na sua grandeza, e por essa pátria lutou, sofreu e morreu. Ele foi lembrado, na hora suprema, do juramento pronunciado em frente ao céu, no promontório bretão, no seio das vagas furiosas.

Ao se oferecer em holocausto para salvar seus companheiros de armas, ele se inspirou também naquilo que lhe tinham ensina-

do os druidas: é pelo esquecimento de si mesmo, por imolação do “eu” em proveito dos outros, que se alcança o “Gwynfyd”.

Para lembrança desses heróis, Gergovie e Alésia tornaram-se, para sempre, os lugares sagrados onde a alma céltica adora se recolher para meditar e orar.

CAPÍTULO VI

A Lorraine e os Vosges. Joana d'Arc, alma céltica

Por que estas páginas sobre a Lorraine? – pergunta-se. Esta região, afastada de todos os grandes focos célticos, pode então figurar em sua seqüência? Sim, certamente, porque a Lorraine sempre tem sido o baluarte de defesa do mundo céltico contra os germanos.

Demais, deve-se notar que existe uma lacuna em quase todas as obras similares. Fala-se muito da Bretagne e passa-se em silêncio sobre as outras regiões célticas. Ora, para facilitar, na França, o despertar da alma céltica, reconduzi-la às suas tradições, mostrar a altivez de suas origens, é preciso lembrar sua ascendência sobre outras províncias interessadas e desembaraçá-las, assim, dessa influência latina que, desde muitos séculos, dissimula a sua própria individualidade.

A Lorraine foi, constantemente, o caminho de invasões dos povos vindo do norte atraídos pelos eflúvios das regiões quentes ou temperadas. Desde os primeiros tempos de nossa história, longa seria a lista das hordas estrangeiras que têm pisado seu solo e devastado seus campos. Toda minha infância foi embalada pelo relato das depredações causadas pelos exércitos inimigos. À sua aproximação, os habitantes das aldeias, levando o que tinham de mais precioso, fugiam para os confins dos bosques onde erguiam as barracas, às pressas. Igualmente, enquanto que, no centro e no oeste, os sítios e as habitações estão disseminados aqui e ali, conforme as necessidades da cultura, é notável de ver, no leste, as populações agrupadas em grandes vilas; as casas isoladas, ali, são raras. De todos esses fluxos e refluxos de exércitos, desses cercos e choques violentos, a Lorraine sofreu mais do que qualquer outra província francesa. Isso motivou um patriotismo ardente que persiste através dos séculos.

A cadeia dos Vosges se ergue como uma muralha, da qual o Reno parece ser o fosso. A planície da Alsace é misturada de elementos gauleses e germânicos, mas por toda parte, as lem-

branças célticas dominam. O mesmo ocorre em alguns outros pontos da Lorraine.

Como um posto avançado cobrindo a linha dos montes, o Odilienberg eleva bem alto, acima dessa planície, seu campo entrincheirado, formado de blocos ciclópicos, enorme recinto que podia servir de refúgio e de defesa a uma tribo inteira com todos os seus recursos em grãos, rações e animais.

Sobre duas elevações, ocupadas hoje em dia por duas capelas, se achavam os templos de Hésus e de Bellena. O Donon, como o Puy de Dôme, era uma montanha consagrada aos deuses, e sobre quase todos os cumes dos Vosges encontram-se vestígios de altares druídicos.

Eu andei, freqüentemente, sobre essas cristas e esses planaltos encrespados de carvalhos, de faias e de negros abetos entre os rochedos de arenito vermelho e de ruínas de velhos burgos, pousados como ninhos de águia sobre os altos cumes.

A qual época remonta o vasto sistema de defesa que, sob o nome de “muro pagão”, abarca as alturas de Sainte-Odile, a Bloss e o Menelstein? Evidentemente, à época das primeiras invasões germânicas, as quais ele tinha, por finalidade, deter ou retardar. Esses entrincheiramentos pertenciam, portanto, ao período céltico.

Maurice Barrès escrevia sobre esse assunto:

“Nessa montanha, desde o século IV ou III a.C., os celtas tinham construído o “muro pagão”. Encontram-se sobre esse cume os restos de um “oppidum” (fortaleza) gaulês e provavelmente um colégio sacerdotal druídico.”²⁷

Escreveu, por sua vez, Edouard Schuré:

“Os “tumuli” (montes de pedras, espécie de túmulos) encontrados no recinto, os menires posados sobre os flancos, os dolmens e as pedras de sacrifício que se espalham pelas montanhas e vales ao redor, os nomes de certas localidades, tudo prova que a montanha Sainte-Odile foi, nos tempos célticos, a sede de um grande culto.”²⁸

Esse autor, portanto, considera esse prodigioso conjunto de ruínas como os restos de um dos maiores santuários da Gália. Ele coloca sobre o promontório de Landsberg o “Templo do Sol”, usado pelos druidas. Desse ponto o panorama é imenso, estendendo-se para trás sobre as vastas florestas e vales encaixados que cobrem as vertentes dos Vosges e em direção oposta, sobre toda a planície da Alsace. De longe, a fita prateada do Reno se desenrola; finalmente, no horizonte, por cima das arestas sombrias da Floresta Negra, a vista se estende até os cumes dos Alpes, deslumbrante, sob sua coroa de geleiras.

Pode-se notar, como fizemos a propósito da Bretagne, que a maior parte dos grandes santuários cristãos foram adaptados, poder-se-ia dizer, foram enxertados sobre cultos anteriores.

Nos terrenos consagrados pelos druidas durante séculos foi construído, mais tarde, o Mosteiro de Sainte-Odile, padroeira da Alsace.

Apesar da mudança de religião, desde dois mil anos, longas filas de peregrinos se encaminhavam para a “Montanha do Sol”, para ali procurar um socorro moral. Sob nomes e fórmulas variadas, sua fé, suas orações a ela os atraíam e nela acumulavam essas forças psíquicas das quais a ciência começa apenas a medir a potência e a extensão. Eles criavam, assim, um ambiente fluídico e magnético que permitia ao mundo invisível se reaproximar do mundo terrestre e agir sobre ele. Daí, essas manifestações e principalmente essas curas maravilhosas que se produziram nos lugares sagrados de todos os tempos, de todos os países e de todas as religiões.

No seio desses sítios grandiosos, o pensamento se eleva com mais força, comunga com mais intensidade com o Além superior, porque Deus está por toda parte onde a natureza fala ao coração do homem.

Quando um tremor passa sobre as massas de verde e faz ondularem o cume das grandes árvores da floresta, quando a voz das torrentes e das cascatas se eleva do fundo dos vales, a alma iniciada compreende melhor a beleza eterna, a suprema harmonia das coisas, e vibra em uníssono com a vida universal. É o que eu

senti não somente sobre as alturas de Sainte-Odile, mas também sobre a maior parte dos cumes dos Vosges e, notadamente, sobre o Hohneck, de onde a vista engloba toda a planície até o Reno, até os Alpes longínquos.

Dia virá em que os homens, afastando-se das velhas formas religiosas, se unirão em um pensamento comum de adoração e de amor. Como no tempo dos druidas, a natureza retornará ao templo augusto; será então a religião do espírito, consciente dele mesmo e de seu destino, que é o de evoluir de vidas em vidas, de mundos em mundos em direção ao foco eterno de toda luz, de toda sabedoria, de toda verdade. E assim será fundada a unidade religiosa da Terra e do espaço, de duas humanidades, visível e invisível.

* * *

Os altos vales da Meurthe, da Moselle e da Vologne possuem ainda numerosos monumentos megalíticos: menires e dolmens.

Segundo Charton, o altar achado em Lamerey, os “tumulus”²⁹ de Bouzemont, de Dommartin-les-Remiremont, de Martigny são antigüidades célticas.³⁰ O vale d’Arjol, os arredores de Darney recordam lembranças do mesmo tipo. A montanha dos Deux-Jumeaux apresenta, sobre o Piton Nord, cavidades circulares e características onde os druidas recolhiam diretamente as águas pluviais como sendo as mais puras para a celebração de seus ritos religiosos. Sobre o Piton Sud, o Grand-Jumeau, pode-se notar os vestígios de um “oppidum” (fortaleza gaulesa).

Pessoalmente, pude observar na Lorraine muitas dessas rochas arrumadas em forma de altares, com cavidades circulares, espécie de pias de água-benta druídicas, em particular em Grand-Rougimont, no vale da Haute Vezouse. Igualmente na montanha, perto de Épinal, chamada “Cabeça de Pequena Cuba” por esse motivo. Uma escavação semelhante, chamada “Caldeirão das Fadas”, é encontrada na montanha de Répy, entre Raon-l’Étape e Étival.

Perto de Saint-Dié outros vestígios célticos são encontrados, até na floresta dos Molières, distante de todo o caminho. Sobre a

crista do monte de Ormont pode-se seguir as marcas de alinhamentos de pedras levantadas.

Mais perto de Nancy, conhece-se a fortaleza de Sainte-Geneviève; a de Champigneulles, na floresta da Fourasse, e, sobretudo, a importante obra, acima de Ludres, chamada falsamente de “campo romano” e que é céltica, da Idade do Ferro. As escavações praticadas nesses lugares deram resultados significativos, conservados no Museu de Lorraine. Quantos outros vestígios célticos são considerados, por ignorância, como galoromanos!

A essas lembranças, freqüentemente profanas, nós preferimos os velhos altares em plena floresta onde os romanos nunca entravam, ficando nas cidades e nos grandes vales abertos às rotas comerciais. Eu admiro os rochedos antigos na floresta profunda onde nós, celtas, nos sentimos mais em nossa casa.

Os megálitos, nota-se, são numerosos em Lorraine como em todo o resto da Gália. Os menires ou pedras de pé, dolmens ou mesas de pedra, “cromlechs” ou círculos de pedra aí se encontram freqüentemente, sempre em estado rústico, aos quais se poderia denominar com o título correto de pedras virgens.

Se a simplicidade das formas e a ausência completa de estética podiam ser consideradas como os indícios de uma antigüidade recuada, pode-se fazer remontar a origem dos megálitos às primeiras idades da história.

Entretanto, nós vemos que os celtas ainda faziam uso deles durante nossa era, embora mostrassem uma arte refinada na fabricação de armas, jóias, vestuários, etc. Havia então aí, nessa simplicidade desejada, uma intenção profunda, um sentimento religioso, que Jean Reynaud, professor da Universidade de Paris, nos explica nestes termos no seu belo livro *L'Esprit de la Gaule*:

“Não se pode achar uma outra origem para esta arquitetura primitiva a não ser no respeito supersticioso de que os primeiros homens deviam sentir-se penetrados para com a majestade da terra. Eles deviam rezear, naturalmente, cometer um sacrilégio, aventurando-se a modificar a figura desses blocos de formas inexplicáveis... Essa arquitetura simboliza

a época em que o homem já quer erigir monumentos e não ousa ainda submeter aos ultrajes do martelo a face augusta da terra.”

As costas da Moselle e os “altos do Meuse”, isto é, as duas cadeias de colinas que cercam esses rios, eram na maioria coroadas de fortalezas e mesmo de monumentos consagrados aos deuses e às deusas locais: Teutatès, Taran, Belen, Rosmerta, Serona, deusa das águas, que não eram, na realidade, mais do que gênios tutelares, espíritos protetores das tribos. Todos esses vestígios provêm de duas grandes tribos célticas: os Médiomatriques, que tinham por capital Metz (Divormentum) e os Leuques, cujo principal centro era Toul.³¹

Os Médiomatriques tinham enviado seis mil homens para levantar o bloqueio de Alésia, enquanto que os Leuques, aliados dos Trévires, resistiam aos germanos.

São Jerônimo dizia, no século IV, que a língua céltica era ainda usada em Verdun e em Toul, onde atrapalhou o progresso do Cristianismo.

* * *

Voltemos à vertente lorena dos Vosges. É preciso ter freqüentado por longo tempo essas regiões, visitado esses lagos, essas torrentes, essas cascatas, tudo quanto alegra ou varia a cada passo a paisagem, para compreender e sentir o encanto penetrante, a doce magia que se forma nessa região e predispõe a alma ao recolhimento e ao devaneio.

Eu gostava de conversar com os lenhadores e os carvoeiros da floresta de Vosges e constatei que se reencontra entre eles tudo o que caracteriza a raça céltica, a elevada estatura, a alegria, a hospitalidade, o amor à independência.

Bismarck dizia dos lorenos, após 1871: “Esses elementos são muito indigestos”. isto me lembra uma discussão que tive em Schlucht, com alemães, no dia seguinte à anexação da Alsace ao seu império. Como a disputa se inflamou e eu era o único francês, fiquei surpreso ao ver, de repente, saírem do bosque homens de alta estatura, com as faces negras. Eram os carvoeiros lorenos

que tinham ouvido tudo e vinham, no momento oportuno, prestar-me ajuda.

Mas é sobretudo o vale do Meuse que faz voltar minhas lembranças e afetos. Minha cidade natal, o lugar de meu último nascimento, está separada de Vaucouleurs por uma floresta; minhas excursões a Domremy e aos seus arredores são incontáveis. Uma atração poderosa me reconduz a ela. A colina de Bermont, com seus bosques densos, suas fontes sagradas, a velha capela onde Joana d'Arc ia sempre orar, conservou todo o seu encanto poético. O bosque Chenu está mais devastado, mas a fonte de Groseilliers sempre faz ouvir seu doce murmúrio. A suntuosa basílica moderna, apesar da sua ostentação, não esconde a humilde igreja da vila onde Joana foi batizada.

Sobre todo o vale plana uma atmosfera de misticismo que impressiona a alma pensativa e recolhida. Os espíritos flutuam no ar, inspirando os escritores mais refratários; é assim que Maurice Barrès, que nem sempre foi delicado para os espíritos, mas tão bom loreno pelo coração, escrevia o seguinte:

“Em Jeanne nós vemos agir, sem o seu conhecimento, as velhas fantasias célticas. O Paganismo cerca e assedia esta santa cristã. A donzela honra os santos, mas, instintivamente, prefere aqueles que abrigam, sob as suas invocações, as fontes encantadas.

As diversas potências religiosas espalhadas nesse vale do Meuse, ao mesmo tempo céltico, latino e católico, Jeanne as acolhe e as harmoniza; deveria ela morrer por efeito de sua nobreza natural... As fontes druídicas, as ruínas latinas e as velhas igrejas romanas formam um concerto. Toda essa natureza separada desperta em nós o amor de uma causa perdida na qual Jeanne é o tipo ideal. Enquanto tivermos um coração céltico e cristão, não cessaremos de amar essa fada que transformamos em uma santa.”³²

Merlin, o encantador, profetizou a sua vinda, como se assegurara? O caso é possível, mas foi muito contestado e não insistiremos nesse particular. O certo é que “ela foi anunciada, desejada,

esperada, prevista, do âmago de uma raça que sempre pôs a sua esperança e a sua fé no olhar inspirado das virgens”.³³

E Maurice Barrès chega a atribuir às influências célticas que iluminam a infância de Joana uma das causas de sua condenação.

Como Joana, eu gostava de visitar os bosques, as fontes sagradas, as árvores seculares em volta das quais se desenvolvia o “círculo das fadas”. Mas, quem eram essas fadas de que se trata um pouco por todas as partes da Lorraine? Sem dúvida, uma vaga e longínqua lembrança das druidisas de vestidos brancos, celebrando seu culto sob os raios prateados da Lua.

Edouard Schuré, no seu belo livro *Les Grandes Légendes de France*, escreveu:

“As druidisas eram também chamadas de fadas, isto é, seres semidivinos, capazes de revelar o futuro...”³⁴

A origem dos druidas remonta à noite dos tempos, à aurora da raça branca. As druidisas são talvez mais antigas ainda, se nos basearmos em Aristóteles, que atribui o culto de Apolo de Delos a sacerdotisas hiperboreanas. As druidisas foram em princípio as inspiradas livres, as pitonisas da floresta. Os druidas serviram-se delas, inicialmente, como pacientes sensíveis, aptas à clarividência, à adivinhação. Com o tempo elas se emanciparam, formaram colégios femininos e, ainda que submetidas hierarquicamente à autoridade dos druidas, agiam por seu próprio impulso.”

Daí resultou certo abuso de poder, particularmente no que se refere aos sacrifícios humanos, mas Edouard Schuré considera a questão sob plano superior e acrescenta:

“A ação é a origem de tudo. A idéia da vidente, da visão espiritual da alma que vê e possui o mundo interior, superior à realidade visível, domina toda a lenda e aí lança como que raios de luz.”

Joana d’Arc era, então, por excelência, uma alma céltica, uma imagem desses seres predestinados, desde a aurora da história, às formas mais elevadas do sacerdócio feminino e da adivinhação. Não estava ela sob a possessão das mais altas faculdades psíqui-

cas: visão, audição, pressentimentos, premonições? Seja nos interrogatórios dos examinadores e dos juízes, seja nas discussões dos conselhos ou mesmo no tumulto dos combates, ela sempre teve a intuição daquilo que devia dizer e fazer.³⁵

Tudo isso em uma jovem sem instrução, que não tinha vinte anos. E que cena nesse terrível drama! Trata-se da salvação da França, de saber se ela será inglesa. Mas, como Joana vai nos dizer mais adiante, ela era “o modesto instrumento vibratório que recebia a inspiração do mundo invisível”.

Sim, certamente, ela era agente do mundo invisível, missionária celeste. Quando os homens aprenderem a conhecer a vida que reina sobre as esferas superiores e nos espaços etéreos, saberão que Deus criou uma classe de espíritos angélicos e puros, a quem ele reserva missões dolorosas, missões de devotamento e sacrifício, pela salvação dos povos e reabilitação da humanidade. O Cristo, Joana d’Arc e outros pertencem a esta ordem de espíritos. Quando eles descem aos mundos materiais encarnam sempre nas classes mais humildes para ali dar o exemplo da simplicidade, do trabalho e do desinteresse. Houve exceção para Buda, nascido em berço de ouro, e que mais tarde abandonou seu palácio e sua esposa, para penetrar na selva. Maomé também, no início, era um obscuro cameleiro.

Todos esses missionários são fáceis de se reconhecer pelos eflúvios possantes que deles emanam e que impressionam as multidões. Parece que eles têm um raio divino sobre suas fronteiras e em seus corações. Era o caso de Joana d’Arc, segundo o testemunho do cidadão de Orléans que dizia: “É uma alegria vê-la e ouvi-la.”³⁶

Ainda agora, quando lhe agrada, às vezes, nos visitar, o espírito de Joana se anuncia em nossas reuniões por uma viva radiação luminosa. Ela aparece ao vidente, em transe, sob uma forma cujo esplendor é difícil de fixar diretamente. Foi nessas condições que ela ditou, por incorporação, numa noite de Natal, a seguinte mensagem:

“Amigos, a Lorraine vos saúda! Desejo que esta festa de Natal seja em vossos corações o símbolo da doçura, do a-

mor, da esperança. Minhas atribuições no espaço não me permitem descer freqüentemente até vós. Eu vos devia estas poucas palavras, porque minha afeição vos é dedicada. Vim aqui trabalhar convosco; pensei e orei convosco.

Eu desejo que Deus abençoe vossa obra e que ela faça o bem aos franceses e às francesas apaixonados pelo Celtismo e pela lembrança da raça. Esta raça francesa inviolável em sua essência, sempre impregnada pela centelha divina, não pode perecer! É pelos bons escritos que vós a fareis amar.

Unamos o pensamento de Deus à França, para que ele envie suas volutas de amor, a fim de regenerar nossos irmãos e irmãs que tudo ignoram de Deus. Vós desejais associar a pastora de Lorraine à vossa obra. Durante toda minha vida terrestre, fui impregnada pela centelha céltica. Ela manteve em mim a chama do ideal patriótico, como também os germes da fé transmitida pelo primeiro druida. Eu os sentia sob a forma de uma vitalidade particular, feita do culto da tradição e do reflexo das leis imutáveis, retiradas das fontes da vida universal.

Eu fui o modesto instrumento vibratório que recebia a inspiração de Deus. Dessa terra lorena, que vós amais, eu levei, através da França, as radiações interligadas pelos séculos, e foi uma honra para mim poder unir as almas perdidas e as vontades vacilantes.

Se vosso coração vos impõe falar da Lorraine, de suas emanções célticas, dissei que Jeanne, a pobre pastora de Domremy, foi o dócil instrumento que ouvia as vozes dos espíritos bem-amados, prova de que o raio céltico não estava extinto sobre o solo da França.

O amor de Deus, o do país e do próximo são as essências, as mais suaves, as mais luminosas, transmitidas pelo raio recebido, outrora, pelos druidas. Ele se estendia e se esparramava da Bretagne à Lorraine, daí se irradiando do oeste para o leste.

Se este capítulo vos dá alegria de escrever, é que ele vos foi inspirado pelos vossos bons guias e pelo vosso coração.

Jeanne vos agradece que o façam. Em troca ela pedirá a Deus que sustente, na alma daqueles que lerão vossa obra, o culto da fé em Deus todo-poderoso e bom, o amor da pátria, do solo que recebe os eflúvios celestes, o que dá ao coração a doce alegria de amar no reconforto e na esperança.”

SEGUNDA PARTE

O Druidismo

CAPÍTULO VII

Síntese dos druidas.

As Tríades; objeções e comentários

Das profundezas dos tempos, a síntese dos druidas se apresenta como um dos mais altos pináculos que o pensamento filosófico pode atingir. Ainda que ensinada de modo secreto, ela se traduzia bem claramente nos propósitos e nos atos dos iniciados gauleses e, sobretudo, nos cantos bárdicos, para provocar entre os autores gregos e latinos sentimentos de admiração e respeito.

Com efeito, Aristóteles não escreveu no seu livro *Mágica* que “a filosofia nasceu com os celtas e que antes de ser conhecida na Grécia ela foi cultivada entre os gauleses, por aqueles que se chamavam druidas e semnoteus”? Este último termo, para os gregos, significava “adoradores de Deus”.

Diodoro de Sicília dizia que havia, entre os gauleses, filósofos e teólogos “julgados dignos das maiores honras”. Étienne de Bizâncio, Suidas e Sotion conferem igualmente aos druidas o título de filósofos.

Diógenes de Laerte e Polyhistor sustentavam que a filosofia tinha existido fora da Grécia antes de aparecer nas suas escolas, e citavam como prova os druidas, que agiam como se fossem predecessores dos filósofos propriamente ditos.

Lucano chega a afirmar que os druidas eram os únicos que conheciam a verdadeira natureza dos deuses.

Ao tratar das analogias que existem entre a filosofia dos druidas e a escola de Pitágoras, Jean Reynaud assim se exprime: “Não somente a antigüidade não hesita em aproximar os druidas

da escola de Pitágoras, como também ela os incorpora completamente.”³⁷

Jâmblico, na sua obra *Vida de Pitágoras*, nos ensina que o filósofo era instruído entre os celtas. Polyhistor, que é uma das maiores autoridades históricas sobre os povos antigos, informa no seu livro *Símbolos* que Pitágoras tinha entrado em contato com os druidas e com os brâmanes. São Clemente, que nos transmitiu a opinião desse historiador, aceitava isso sem dificuldades, tanto é que ele a julgava justificada pela semelhança das doutrinas druídica e pitagórica. Valério Máximo declara que “os gauleses com suas bragas (calções) pensavam a mesma coisa que o filósofo Pitágoras com sua manta”.

No primeiro lugar da lista dos autores latinos, encontramos o próprio César, este grande inimigo de nossa raça. Apesar de sua intenção evidente de se realçar aos olhos da posteridade, apesar do espírito de difamação que o inspirava, não foi ele quem, em seus *Comentários da Guerra das Gálias*,³⁸ afirmou que os druidas ensinavam muito das coisas do Universo e de suas leis, sobre as formas, as dimensões da Terra e o movimento dos astros, sobre o destino das almas, seus renascimentos em outros corpos humanos?

Horácio, Florus e muitos outros escritores, sabe-se, testemunharam a alta ciência e a filosofia dos druidas, a profundidade dos seus ensinamentos. Lembramos também as opiniões dos escritores cristãos desses tempos: Cirilo, Clemente de Alexandria, Orígenes e certos sacerdotes da igreja que distinguem, com cuidado, os druidas das “multidões dos idólatras” e lhes atribuem também a qualidade de filósofos. É por todos esses motivos que as *Tríades*, que são um resumo da síntese dos druidas, nos aparecem como um monumento digno de toda nossa atenção e não como uma obra imaginária, como a consideram tantos críticos superficiais.

O Druidismo, como todas as grandes doutrinas, tinha duas facetas, dois aspectos. Um, exterior, cheio de figuras, imagens e símbolos, era a religião popular ao alcance das multidões. A outra, profunda e oculta, era a doutrina reveladora das altas verdades e das leis superiores, reservada àqueles cujo grau de

evolução os tornava aptos a compreender e a apreciar a sua beleza. Assim, essa doutrina se religa às outras grandes revelações, budista e cristã, todas provenientes, na sua essência, de uma mesma fonte única e grandiosa.³⁹

Nos países célticos, ela não era transcrita em língua vulgar, porque isso a tornaria conhecida por todos; entretanto, os druidas possuíam uma escrita simbólica vegetal, chamada escritura “ogham”, que eles usavam, e cuja solução somente os iniciados possuíam. Há resquícios desse fato na Irlanda e no País de Gales.

O ensino era, sobretudo, oral, transmitido de boca em boca, sob a forma de estrofes, em versos inumeráveis, e foi mais tarde popularizado pelos bardos que eram iniciados.

Na época em que as *Triades* tomaram a forma de escrita, o Cristianismo tinha penetrado na Gália. É possível, como supõem certos críticos, que sua redação tenha sofrido a influência dele em alguns pontos. No seu conjunto, essa obra-prima não esconde sua originalidade potente, principalmente na tabela que oferece do progresso vital, desde o fundo do abismo, “Annoufn”, até as alturas sublimes do “Gwynfyd”.

O Cristianismo emudeceu sobre essa evolução dos seres inferiores, especialmente no que se refere à vida rudimentar em todos os graus abaixo do homem, e isso é uma lacuna enorme na explicação das leis da vida.⁴⁰

Censura-se que as *Triades* não tenham sido traduzidas e publicadas em francês, a não ser durante o último século. Isto nada prova contra sua antigüidade e demonstra somente a indiferença dos franceses a respeito de nossas reais origens, pois não é verdade que sejamos latinos. Nós compreendemos que se seja apaixonado, entre nós, pela magnífica floração da literatura e da arte greco-latina, que muito contribuiu para suavizar a aspereza dos celtas, sem os alterar. Nós reconhecemos a parte, grande e legítima, que lhes pertence na constituição de nossa língua, apesar de esta conter ainda muitos elementos célticos. Mas essas não são razões para negar nossos antepassados, que eram melhores do que os gregos e os romanos e sabiam mais no que se

refere ao que há de mais essencial a conhecer, aqui em baixo: as altas leis espirituais e os verdadeiros destinos do ser.

Enquanto se dá toda importância merecida às tradições gregas e latinas, pode-se pasmar da incúria universitária quanto aos textos célticos. Nos cursos que seguimos no colégio de França e na Sorbonne, os senhores d'Arbois de Jubainville e Gaidoz se queixavam amargamente da necessidade de se acompanhar suas explicações em livros alemães, reproduzindo o original celta, por não haver obras francesas, enquanto que existem traduções inglesas das *Triades* e de cantos bárdicos há mais de mil anos.⁴¹ A penúria de documentos poderia bem ser uma penúria de iniciativa e de boa vontade.

As *Triades*, por sua profunda originalidade, por seu contraste chocante com todas as formas de Paganismo, trazem em si mesmas sua garantia de autenticidade. Deplora-se sempre, com razão, a destruição da biblioteca de Alexandria, queimada por ordem do califa Omar, e a perda de tantos documentos preciosos relativos à antigüidade oriental. Mas por que os críticos passam sob silêncio um evento paralelo, qual seja a destruição, por ordem de Cromwell, da biblioteca Céltica, fundada pelo Conde de Pembroke, no castelo de Rhaglan (País de Gales) e tão rica em manuscritos relacionados com a época bárdica?

Quanto às analogias constatadas entre a doutrina dos druidas, a dos brâmanes e a pitagórica, a explicação que a elas se dá pelas viagens de Pitágoras nas Gálias e na Índia, nos parece pouco verossímil naquelas épocas distantes onde os deslocamentos apresentavam tantas dificuldades. É mais simples, mais lógico, atribuir essas semelhanças às revelações idênticas que provêm do mundo invisível.

De fato, Pitágoras tinha sua médium, Théoclea, que ele esposou na velhice. Os druidas possuíam seus videntes, suas profetisas, e recebiam inspirações, como afirma Allan Kardec.⁴² De sua parte os brâmanes conheciam todos os meios de se comunicarem com os Pitris (espíritos).

Os dois mundos, visível e invisível, sempre se corresponderam, e nessa época de fé ardente e de pensamento meditado, nos

santuários da natureza, a comunhão era mais fácil, mais intensa e mais profunda. É somente na Idade Média que a Inquisição, o fanatismo católico, montando as fogueiras e condenando ao fogo, sob pretexto de feitiçaria, os médiuns e os videntes, rompeu o laço entre os dois mundos. Ele se reformou em nossos dias, e nós sabemos, por nós mesmos, que grandes ensinamentos podem vir das esferas superiores para a humanidade.

Um dos caracteres distintivos do Druidismo se encontra em seu conhecimento antecipado e aprofundado desse mundo invisível, assim como das forças ocultas da natureza, dessas potências secretas pelas quais se revela o dinamismo divino. Isto que nós sabemos atualmente, graças aos espíritos, das grandes correntes de ondas que percorrem o Universo e que são como artérias da vida universal, correntes de onde derivam as forças fluídicas e magnéticas, os druidas o obtinham das mesmas fontes, reservando o seu uso ao campo psíquico.

Nossa débil ciência começa a descobrir a sua importância e as aplicações para fim industrial, sem prever as conseqüências mórbidas e os efeitos destrutivos que elas podem acarretar nas mãos de uma humanidade muito pouco evoluída.

Um conhecimento mais preciso do ser, de sua natureza e de seu destino se correlacionava a essas concepções de ordem geral. Conforme as *Triades*, há três fases, ou círculos, de vida: no “Annoufn”, ou círculo da necessidade, o ser começa sob a forma mais simples; no “Abred” ele se desenvolve, vida após vida, no seio da humanidade e adquire a consciência e o livre-arbítrio; finalmente, no “Gwynfyd” ele desfruta da plenitude da existência e de todos os seus atributos; libertado das formas materiais e da morte, ele evolui para a perfeição superior e atinge o círculo da felicidade.

As *Triades* 12, 13 e 14 assim se exprimem:

12 – Três círculos de vida:

o círculo de “Ceugant”, onde não há nenhum outro a não ser Deus, nem vivo nem morto, e ninguém, a não ser Deus, que possa atravessá-lo;

o círculo de “Abred” (das transmigrações), onde cada estado germina da morte e o homem o atravessa no presente;

o círculo de “Gwynfyd”, onde cada estado germina da vida e o homem a ele viajará no céu.

13 – Três estados dos vivos:

o estado da necessidade no “Annoufn” (abismo ou profundidade escura);

o estado de liberdade na humanidade;

o estado de amor, ou o “Gwynfyd”, no céu.

14 – Três necessidades de toda existência na vida:

o começo no “Annoufn”;

a travessia do “Abred”;

a plenitude no “Gwynfyd”.

E sem essas três necessidades ninguém pode existir, exceto Deus.

Os nascimentos não são, então, um efeito do acaso, mas formas da grande lei da evolução. A vida atual é para cada ser a resultante de suas vidas anteriores e a preparação de suas vidas futuras; ele recolhe os frutos bons ou maus do passado e, segundo seus méritos ou seus deméritos, sobe ou desce na via da ascensão. Seu destino está sempre em harmonia com seu valor moral e seu grau de progresso.

Renan, em seus artigos sobre a poesia céltica, na *Revue des Deux Mondes*, ressalta a distinção que se deve fazer entre as duas doutrinas, céltica e romana. Segundo os druidas, o ser individual possui em si mesmo o seu princípio de independência e de liberdade, seu gênio próprio, suas forças evolutivas. No Catolicismo é sobretudo pela graça, isto é, por um favor do Alto, que o ser se aperfeiçoa e se eleva.

Mas essas doutrinas não são inconciliáveis, porque o celta conhece o estreito vínculo que o une ao mundo invisível e aos seres que o povoam. Daí, para ele, o culto dos espíritos dos antepassados e, por extensão, o sentimento de uma solidariedade que o religa à imensa cadeia da vida que se desenrola desde as

profundezas do “Annoufn”, o abismo, até às prestigiosas alturas do “Gwynfyd”.

A doutrina céltica se dirige sobretudo às almas valentes que se esforçam para escalar os altos cumes, a todos aqueles que vêem na vida uma luta constante contra os instintos inferiores, que consideram a prova como uma purificação e evoluem em direção à luz, em direção à suprema beleza.

O Cristianismo é o espírito benévolo que se inclina sobre o sofrimento humano, é a Providência que consola, sustenta, reabilita, é a mão tutelar que guia a ovelha desgarrada e a traz ao aprisco. Essas duas doutrinas se completam entre si e se harmonizam para formar um móvel de perfeição.

Tudo o que vem de Deus é perfeito, eis por que as três grandes revelações – a oriental, a cristã e a céltica – são idênticas na sua fonte, contudo elas se difundem, se diferenciam e às vezes se desnaturam por obra dos homens.⁴³

O que impressiona entre os adeptos do Druidismo é a sua fé profunda, sua confiança absoluta em um futuro sem limites. Acima das contingências humanas, mais alto que nosso livre-arbítrio, fonte ao mesmo tempo de nossa miséria e de nossa grandeza; eles crêem, eles sabem que uma lei de sabedoria e de harmonia reina no mundo e que, finalmente, o Bem triunfará sobre o Mal. É isso o que exprimem as *Tríades* 43 e 44:

43 – Três coisas se reforçam dia a dia, visto que a maior soma de esforços vai, sem cessar, em direção delas: o amor, a ciência, a plena justiça.

44 – Três coisas se enfraquecem cada dia, porque a maior soma de esforços vai contra elas: o ódio, a deslealdade, a ignorância.⁴⁴

Desta certeza decorriam, para nossos antepassados, essa firmeza nas provações, essa coragem nos combates, que os tornavam legendários e os faziam marchar para o perigo e para a morte como se fossem a uma festa.

Essas qualidades viris de nossa raça estão bem debilitadas atualmente, sob as forças deletérias e persistentes do materialismo. Observou-se, porém, o seu reaparecimento nas horas memoráveis das guerras do Marne e de Verdun. O novo espiritualismo

vem reanimá-las em nossas almas na medida compatível com o nosso grau de civilização.

* * *

Pode-se notar, desde muito tempo, que o movimento do pensamento e da ciência, as descobertas astronômicas e tudo que tem ligação com a física do globo terrestre vem confirmar a concepção céltica sobre o Universo e sobre Deus.

Os cantos bárdicos de Taliésin sobre os mundos e a evolução da vida, que datam do século V, os testemunhos dos autores antigos sobre a ciência profunda dos druidas são dignos de fé. As *Triades*, em tempos mais recuados, após terem anunciado e previsto as conquistas futuras da ciência, abriram-lhe outros horizontes, que a ciência apenas pressente e hesita em abordar.

À medida que o conhecimento do Universo se estende, a idéia de Deus se engrandece e as concepções teológicas da Idade Média se sombreiam. Ao mesmo tempo, a noção da força e do pensamento soberano torna-se mais imponente e mais bela; ela aumenta ao infinito e ao absoluto.

Aqui, aparece uma dificuldade contra a qual se chocaram todas as filosofias espiritualistas. Nós não podemos, dizem elas, conhecer o Ser em si, mas somente pelas relações que temos com ele. Ora, qual relação pode existir entre o homem finito e relativo e o Ser infinito e absoluto? Não há aí uma contradição?

Este escolho, que nenhuma filosofia moderna pode evitar, os druidas tinham afastado desde o princípio e nós achamos, nesse fato, a manifestação de uma intervenção sobre-humana. Com efeito, a *Triade* nº 46 assim se exprime:

46 – Três necessidades de Deus, ser infinito em si mesmo, ser finito em relação aos seres finitos, estar em relação com cada estado de existências no círculo de “Gwynfyd”.

Sobre este último ponto nós possuímos os meios de controle suficientes.

Todos os espíritos elevados, que se comunicaram em nossas reuniões de estudo, afirmam que eles percebem as radiações do pensamento e da força divina.

Os mais puros – em pequeno número – percebem a luz do foco divino e as poderosas harmonias que se formam. Eles recebem as ordens, as instruções, tendo ligações com as missões a cumprir, as tarefas a realizar. Pode-se mesmo ir mais longe e dizer que, sobre o plano terrestre, os homens mais evoluídos sentem as radiações divinas, não mais diretamente, mas como um reflexo que vem esclarecer a sua consciência.

Em resumo, Deus é a causa suprema, a fonte eterna da vida. É seu pensamento e sua vontade que movem o Universo; eles projetam sem cessar, através do espaço, as ondas de moléculas, os feixes de centelhas vitais que as grandes correntes de ondas transportam e distribuem sobre o mundo. Daí, essas centelhas de vida se elevam através do ciclo imenso do tempo em direção da fonte suprema, revestindo as formas rudimentares da natureza.

Ao chegar ao estado humano, elas deverão adquirir, por seus trabalhos e seus esforços, todos os atributos divinos: consciência, sabedoria, amor, participando cada vez mais da vida, da obra eterna num crescimento gradual de irradiação, potência e felicidade.

Para tornar a concepção druídica completa e perfeita bastaria acrescentar-lhe a noção de solidariedade dos seres pela paternidade de Deus, a comunhão universal na qual cada um trabalha pela evolução de todos na sucessão das vidas, desde o infinitamente pequeno até as alturas divinas, até a posse dos atributos que constituem a perfeição.

Mas é, por excelência, uma doutrina de evolução, de progresso e de liberdade. No lugar da visão de uma imobilidade beata e estéril, é uma vida de atividade, de desenvolvimento das faculdades e das qualidades morais. É a felicidade de se dar a todos e de educar os outros educando-se a si mesmo.

O ser evoluído é mais feliz em dar do que em receber, e por aí nós podemos compreender a felicidade de Deus em espalhar a sua própria substância sobre sua obra, em benefício de suas criaturas e na medida de seus esforços e de seus méritos.

A idéia capital do Druidismo é, portanto, a idéia de Deus, único, eterno, infinito. A primeira *Tríade* é formal, e a noção de Deus se desenvolve nas *Tríades* seguintes:

1 – Há três unidades primitivas, e de cada uma não deveria existir mais do que uma: um Deus; uma verdade e um ponto de liberdade, isto é, o ponto onde se acha o equilíbrio de toda oposição;

2 – Três coisas procedem de três unidades primitivas: toda vida, todo bem e todo poder;

3 – Deus é necessariamente três coisas, a saber: a maior parte da vida, a maior parte da ciência e a maior parte do poder, e não deveria ter mais de uma grande parte de cada coisa;

4 – Três coisas que Deus não pode deixar de ser: o que deve constituir o bem perfeito, o que deve querer o bem perfeito e o que deve cumprir o bem perfeito;

5 – Três garantias do que Deus faz e fará: o seu poder infinito, a sua sabedoria infinita e o seu amor infinito; porque não há nada que não possa ser feito, que não possa tornar-se verdade e que não possa ser querido por esses atributos;

6 – Três fins principais da obra de Deus, como criador de todas as coisas: diminuir o mal, reforçar o bem, esclarecer toda a diferença, de tal sorte que se possa saber o que deve ser, ou ao contrário, o que não deve ser;

7 – Três coisas que Deus não pode deixar de cumprir: o que há de mais vantajoso, o que há de mais necessário e o que há de mais belo para cada coisa;

8 – Três poderes da vida: não poder ser melhor pela concepção divina e é nisso que está a perfeição de toda coisa;

9 – Três coisas prevalecerão necessariamente: o supremo poder, a suprema inteligência e o supremo amor de Deus;

10 – As três grandezas de Deus: vida perfeita, ciência perfeita e poder perfeito;

11 – Três causas originais dos seres vivos: o amor divino de acordo com a suprema inteligência, a sabedoria suprema pelo conhecimento perfeito de todos os meios e o poder divino de acordo com a suprema vontade, o amor e a sabedoria de Deus.

Quando se acrescenta que os judeus foram os primeiros do mundo a afirmar a unidade de Deus, esquece-se por demais que os druidas a ensinaram bem antes deles. Mas enquanto que a Bíblia nos apresenta Deus antropomórfico, isto é, semelhante ao homem por certas imperfeições, o Deus dos druidas está no ponto alto acima das misérias humanas.

Eis como Jean Reynaud se exprime em sua obra magistral *L'Esprit de la Gaule*, página 45:

“Relativamente ao conhecimento de Deus, a Gália se er-
gue, na realidade, por si mesma, não tendo jamais necessi-
dade de recorrer a outrem quanto à essência e ao fundamento
da vida. Em vez de ser obrigada a vir se enxertar sobre a ce-
pa viva, como diz S. Paulo aos Gentios, ela era igualmente
uma cepa viva.

* * *

Em resumo, dizíamos, a doutrina dos druidas se baseia em
três princípios fundamentais: a eternidade de Deus, a perpetuida-
de do Universo e a imortalidade das almas. A seus olhos, o
Universo era o campo vasto onde se desenrola o destino dos
seres. A pluralidade dos mundos era o complemento necessário
da sucessão das vidas, escala da ascensão que se eleva até Deus.

Uma das coisas que mais abalavam os autores antigos era o
saber dos druidas em matéria de Astronomia. O contraste era
profundo, nesse ponto, com a maioria das doutrinas do oriente.
Sobre esse conhecimento há muitas testemunhas. O próprio
César nos informava em seus *Comentários* (das guerras Gálicas)
que os druidas ensinavam muito sobre as coisas relativas à forma
e à dimensão da Terra, à grandeza e às disposições das diversas
partes do céu e ao movimento dos astros. Hecateu, Plutarco e
outros dizem que, das Ilhas Britânicas, os druidas observavam
cuidadosamente as montanhas e os vulcões da Lua e todo o
relevo desse pequeno globo.

Foi na Gália, diz Jean Reynaud, que se imaginou tornar os
astros a sede da ressurreição. O paraíso, em vez de se reduzir a
uma concepção mística, formava uma realidade sensível, ofere-
cida de modo contínuo como espetáculo aos olhos dos homens.⁴⁵

Quanto à perpetuidade do Universo, ela se deduz desta passa-
gem de Estrabão: “Os druidas ensinavam que a alma está livre da
morte como também o mundo.” A imortalidade decorria da idéia
de que a grandeza inerente ao indivíduo está acima de todas as
forças materiais.

“Tudo que depende do mundo perece: as instituições, os
monumentos, os impérios, mas no meio de todos esses obje-
tos precários acha-se um ser que não é deste mundo a não

ser passageiramente e que, sendo superior por sua imortalidade às realidades perecíveis no seio das quais ele se desenvolveu, se eleva até o céu com uma sublimidade em que a Terra, apesar de seu fausto, não se aproxima.”

Quando se compara a tradição céltica, tal como se exprime nos cantos bárdicos, com as teorias da Idade Média, antes de Galileu, fica-se surpreso com a ciência profunda de nossos antepassados; lembremos somente o *Canto do Mundo*, de Taliésin, que data do século IV da nossa era.⁴⁶

“Eu perguntarei aos bardos, e por que os bardos não me responderiam? Eu lhes perguntarei o que sustenta o mundo, visto que, sem suporte, o mundo não cai. Mas o que poderia lhe servir de suporte? Grande viajante é o mundo! Enquanto desliza, sem repouso, ele permanece sempre na sua via, e quanto admirável é a forma dessa via para que o mundo dela não saia jamais!”

“Ainda em nossos dias – conclui Jean Reynaud – a Astronomia clássica se limita a estudar o mecanismo material do Universo e se acha bem afastada ainda da verdade moral, incapaz que ela é de vivificar o movimento dos astros pela circulação das existências; ela se perde na multiplicidade das estrelas como em uma vã poesia.”⁴⁷

CAPÍTULO VIII

Palingênese: preexistências e vidas sucessivas. A lei das reencarnações

No seu ensino, os druidas não separavam a noção de imortalidade da noção das vidas sucessivas da alma. Com efeito, entre as grandes leis que regulam a evolução dos seres, nenhuma é mais importante, nem mais necessária para o homem conhecer – após a da sobrevivência da alma no seu envoltório fluídico – que a lei das reencarnações.

A claridade que ela projeta sobre a estrada da vida dissipa as sombras, as contradições aparentes e revela o sentido profundo da existência. Ela traz a ordem e a harmonia no lugar da desordem e da confusão.

Como se explica que essa grande lei, que na realidade deveria ser a base e o cimento de todas as doutrinas espiritualistas, seja ainda ignorada pela maioria dos homens de nosso tempo? Não é ela a essência da tradição céltica inscrita no mais profundo da alma da nossa raça e consignada nas *Triades* e nos cantos bárdicos?

O Cristo, em suas duas encarnações conhecidas, a da Índia e a da Judéia,⁴⁸ sob esses nomes quase idênticos, Krishna e Cristo, não ensinou essa mesma doutrina tanto no Evangelho como no *Bagavad-Gita*?⁴⁹

Toda a antigüidade foi iluminada por radiações dessa mesma lei pelos ensinamentos de Pitágoras, de Platão e aqueles da escola de Alexandria.

Nos primeiros tempos do Cristianismo (ver meu livro *O Problema do Ser e do Destino*), homens como Orígenes, São Clemente e quase todos os padres gregos a professaram muito, e no século IV, São Jerônimo, secretário do Papa Dâmaso e autor da *Vulgata*, na sua controvérsia com Vigilentius, o gaulês, devia ainda reconhecer que ela era a crença da maioria dos cristãos do seu tempo.

Mas o véu lançado depois, pelas Igrejas, sobre essa grande luz tornou-se uma obscuridade para tudo que se relaciona com o problema do destino humano. Limitando, no círculo estreito de uma vida única, a passagem da alma sobre a Terra, será que Roma desejaria somente adaptar seu ensino à compreensão medieval, isto é, ao grau de cultura dos povos ainda bárbaros? Ou teria ela, então, sonhado em assegurar seu império, pela concepção de uma vida que terminasse num paraíso ou inferno eternos, dos quais ela afirmava deter as chaves? Os dois pontos de vista parecem admissíveis.

Tais concepções geraram conseqüências funestas tanto para o gênio civilizador como para o espírito religioso dos ocidentais, que elas deformaram no seu princípio e na sua própria existência. Como o fim verdadeiro da vida, isto é, o aperfeiçoamento da alma, sua educação, sua preparação para os graus mais altos da escala de ascensão, tenha ficado quase nulo na maioria dos casos, o plano geral da vida tornou-se alterado.

Entre os crentes, a preocupação constante da salvação pessoal, o temor dos castigos sem-fim, paralisaram a iniciativa, extinguiram toda independência do espírito, enfraqueceram o seu livre-arbítrio. Entre os outros, a impossibilidade de conciliar, no círculo de uma vida única, a variedade infinita das condições, das atitudes e dos caracteres humanos com a justiça de Deus, deu origem ao cepticismo, ao materialismo e à negação de todo ideal elevado. Desse estado de coisas nós podemos, no momento, constatar em nosso redor os frutos amargos.

Como ficar surpreendido, após tantos séculos de erro e de esquecimento, que a noite se tenha feito nos cérebros mais dotados! Não temos visto filósofos eminentes, cujas obras, os sistemas maravilhosamente combinados, se tornaram estéreis, porque lhes faltava a noção essencial, a chave de ouro de todos os problemas: a lei da evolução pelos renascimentos?

* * *

O ser, diziam os druidas, se eleva do abismo da vida e sobe por etapas inumeráveis para a perfeição. Ele se encarna no seio das humanidades, nos mundos da matéria, que são muitas esta-

ções de sua longa peregrinação. Essa doutrina é confirmada, em muitos pontos, por todas as grandes religiões e pelas mais importantes filosofias antigas. Lê-se nas *Triades*, segundo tradução de Ed. Williams, do original gaulês:

19 – Três condições indispensáveis para se chegar à plenitude da ciência: transmigrar no “Abred” (a Terra), transmigrar no “Gwynfyd” (o Céu) e lembrar-se de todas as coisas passadas até no “Annoufn” (o Abismo).

25 – Por três coisas o homem cai sob a necessidade do “Abred” (ou da transmigração): por ausência do esforço em direção ao conhecimento, pelo desinteresse do bem e pela afeição ao mal. Em consequência dessas coisas ele desce ao “Abred” até o seu análogo e recomeça o curso de suas transmigrações.

26 – As três forças (fundamentos) da ciência: a transmigração completa para todas as situações dos seres; a lembrança de cada transmigração e de seus incidentes; o poder de passar de novo, quando se quiser, por um estado qualquer em vista da experiência e do julgamento. E isso será obtido no círculo de “Gwynfyd”.

Os cantos bárdicos não são menos afirmativos. Nós citaremos somente o mais célebre, o de Taliésin, que data do século IV da nossa era, segundo a tradução gaélica do *Barddas, cad. Goddeu*:

“Existindo desde remota antigüidade no seio de vastos oceanos, não sou nascido de um pai e de uma mãe, mas de formas elementares da natureza, dos ramos da bétula, do fruto dos frutos, das flores da montanha. Toquei a noite, adormeci na aurora; fui peixe no lago, águia nos cumes, lince na floresta. Depois, escolhido pelo “Gwyon” (espírito divino), pelo sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Passou-se muito tempo desde que fui pastor. Por muito tempo andei na terra antes de ser hábil na ciência. Enfim, brilhei entre os chefes superiores; vestido de hábitos sagrados, segurei a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos, agitei-me em cem círculos.”

Sublinhamos, de passagem, a analogia notável que aparece entre esse documento vindo de priscas eras e as descobertas recentes da ciência sobre as propriedades vitais da água do mar. O texto nos diz: “Existindo no seio de vastos oceanos, nasci de formas elementares da natureza”. Deve-se ler sobre esse assunto, na *Revue de Biologie Appliquée*, de 1926, as experiências realizadas no laboratório do Colégio de França, pelos Drs. L. Hallion

e Carrion, estabelecendo que a vida animal surgiu no mar e seus primeiros representantes tiveram a forma de células isoladas. Consultar igualmente a recente obra do Dr. Quinton intitulada *L'eau de la Mer, Milieu Organique (Água do Mar, Meio Orgânico)* que diz: “O reino animal é inteiramente de origem aquática, provavelmente de origem marítima.”

Não há, no documento acima, uma série de testemunhos que concluem em favor da alta inspiração e do valor das doutrinas célticas, já que ensinavam, há 1500 anos ou mais, o que nossos sábios somente agora acabam de descobrir?

A literatura céltica relata numerosos casos de reencarnação. D'Arbois de Jubainville, que por longo tempo ocupou a cadeira de Celtismo, no Colégio de França, pôde escrever a propósito das tradições irlandesas:⁵⁰

“É a fé nessa metamorfose universal dos homens que inspirou a crença nas metamorfoses de Túan Mac Cairill e de Taliésin. Estes não são os únicos personagens cuja alma tenha, na Irlanda, revestido sucessivamente dois corpos de homem e que tenham nascido muitas vezes. Mongân, o rei de Ulster, no início do século VI, era idêntico ao célebre Find, morto dois séculos antes do nascimento de Mongân: a alma do ilustre falecido tinha voltado do país dos mortos para animar, neste mundo, um novo corpo.

Assim, a sobrevivência da alma ao corpo e a possibilidade de a alma de um morto ter, de novo, um corpo neste mundo são crenças célticas.

* * *

Há algum tempo os espíritos dos antepassados, julgando que a hora das grandes renovações é chegada, projetam com mais intensidade radiações de seus pensamentos para o solo da França. Eis o que nos ditou o espírito Allan Kardec, em 25 de novembro de 1925, por incorporação:

“Desejaríamos inspirar nossos homens políticos com o espírito da tradição céltica, de honestidade, a fim de que os homens novos possam chegar a regenerar nosso país. Vemos

claramente os pensamentos entrelaçados, como que formando uma mescla de cores múltiplas. As paixões dificultam a formação de pensamentos elevados. O materialismo é inerente a uma geração que não gozou, em sua vida pregressa, a não ser vis prazeres e que, no astral, permaneceu nas esferas de densidade muito grosseira. Ela voltou para a vida com os apetites mal satisfeitos.

Pensei que devia haurir, na minha consciência profunda, a centelha da fé ardente, de luz pura, que me foi legada por minha existência céltica, para tentar lançar sobre certos homens um raio de luz inspiradora.

Como temos a facilidade, no espaço, de rememorar nossas vidas, quando estamos em uma esfera de densidade média, nos agrupamos espiritualmente, do mesmo modo que, em nossa vida terrestre, as paixões e as aspirações se agrupam conforme suas afinidades. Os grandes filósofos da antigüidade, os iniciados das velhas religiões nos ajudam, quando estão de volta ao espaço. Os ascetas, os budistas, são agentes poderosos para auxiliar a desagregar a matéria que pesa sobre os seres carnis de vossas regiões. Vós sabeis que alguns entre eles tinham um poder de irradiação muito grande.

Os druidas deixaram na alma das gerações primitivas, que habitaram o vosso solo, uma centelha que ficou latente no fundo de cada consciência. Isto faz com que toda a esperança não esteja perdida para reavivar uma chama que adormece entre alguns de vós.

Temos como missão agrupar os verdadeiros celtas que são a própria essência da França. Posso falar disso, pois que vivi na Bretagne, fui druida em Huelgoat. Mais tarde, por uma graça insigne, senti as forças emanadas do círculo superior e minha fé tornou-se viva e forte, ela me seguiu nas minhas existências ulteriores, até aquela em que vós me conhecestes.

Fui recompensado, visto que as intuições sustentaram de modo suficiente a pequena chama interior e, lembrando-me das leis da vida universal, julguei dever disseminar a Dou-

trina que vós conheceis e que estava inscrita no fundo do meu superespírito!”

Essa mensagem nos demonstra que o Espiritismo moderno, na realidade, não é mais do que um despertar do gênio céltico que dormitava desde séculos e que reaparece, em todo seu esplendor, sob formas apropriadas às necessidades da evolução humana.

Aliás, ele se mostra semelhante, em muitos pontos, ao Cristianismo esotérico, porque as grandes verdades emanam todas de uma fonte única para se difundirem em matizes diversos, conforme os tempos e os meios, como os raios de luz do prisma.

* * *

Após um tempo de permanência e repouso no Espaço, a alma, dizem os espíritos, deve renascer na condição humana. Ela leva consigo toda a herança do passado, bom ou mau, e volta para adquirir novos poderes, novos méritos que facilitarão a sua ascensão, sua marcha para frente. E assim, de renascimento em renascimento, o espírito progride, eleva-se, sobe na direção desse ideal de perfeição que é o objetivo de toda evolução universal.

A Terra é um mundo de provas e de reparação, onde as almas se preparam para uma vida mais elevada. Não há iniciação sem provas, nem reparação sem dor. Elas, sozinhas, podem purificar a alma, sagrá-la, torná-la digna de penetrar nos mundos felizes. Esses mundos, ou sistemas de mundos, são dispostos no Universo em planos ou graus sucessivos. As condições de vida nesses planos são tanto mais perfeitas e mais harmônicas quanto mais acentuada é a evolução dos seres que os povoam. Ninguém se eleva para um grau superior a não ser quando adquiriu, na fase precedente, as perfeições inerentes a esse meio.

Ora, a variedade quase infinita e a desigualdade das condições de existência sobre a Terra não permitem crer que nela se possa adquirir as qualidades necessárias no decorrer de uma só vida. É preciso, para a grande maioria dos homens, uma sucessão de vidas, bem vividas, para realizar esse estado de sutileza fluídica e de maturidade moral que lhes permitirá penetrar nas sociedades mais avançadas.

Daí resulta que, se todas as almas terrestres fossem indistintamente chamadas a renascer no seio das sociedades superiores, essas seriam contaminadas e o plano geral de evolução se acharia alterado, inteiramente falsificado.

Essa maneira de ver esse juízo é confirmada pelos atestados de inúmeros parentes e amigos mortos com os quais me foi possível relacionar no decorrer de minha longa vida.

É-nos feita a objeção de que isso não ocorre por toda parte. Na Inglaterra e na América do Norte diz-se que certos espíritos ficam em dúvida e negam a necessidade de renascimentos na Terra. Essa contradição aparente é o principal argumento dos adversários do Espiritismo kardecista.

Se examinamos a questão de perto, um fato aparece de início: é que todos esses espíritos, opostos à idéia da reencarnação, pertencem, no mundo, ao culto protestante. Sabe-se que essa forma de Cristianismo dá a seus adeptos uma educação religiosa muito rigorosa e intensa, uma fé robusta cujas tendências e pontos de vista se prolongam com tenacidade na vida no Além.

O Protestantismo ensina que a morte da alma é julgada de um modo definitivo e fixada para a eternidade no paraíso ou no inferno.

O protestante não ora para as almas dos mortos, sua sorte é irrevogável. Doutrina rígida que elimina a alma culpada de toda possibilidade de reparação e retira de Deus o prestígio sublime da misericórdia e do perdão. Com ela, nenhum meio de voltar à Terra.

O Catolicismo, ao menos, pela noção de purgatório, abre uma saída à redenção possível, e certos sacerdotes vêm nessa teoria uma eventual aproximação com o Espiritismo, se a Igreja algum dia chegar a atenuar sua intransigência e reconhecer que o purgatório, esse lugar de reparação, é a própria Terra, pelo processo dos renascimentos.

Pode-se então explicar, pelos preconceitos dogmáticos inveterados, a oposição de certos espíritos, nos meios protestantes, à lei das reencarnações.

Mas, dir-se-á, já que todo passado está escrito em nós, em nossa consciência profunda, como demonstram as experiências de exteriorização – sendo a morte a exteriorização completa e persistente – como esses espíritos podem se enganar sobre a natureza desse passado e a forma de seu futuro?

Sim, sem dúvida, todo o passado está escrito em nós, como em um livro, nos recônditos ocultos da memória subconsciente. Mas do mesmo modo que para se ler um livro é preciso, inicialmente, abri-lo, depois querer e saber lê-lo, para explorar as profundezas do ser é necessário um ato de vontade. É por esse processo que o hipnotizador obtém do paciente a reconstituição de suas vidas passadas. Não ocorre, para nós mesmos, sermos obrigados a fazer um esforço mental, esforço repetido e prolongado, para refixar, na vida atual, as lembranças adormecidas?

Muitas pessoas imaginam que a morte é como um véu que se destrói e que uma viva luz logo aparece sobre todos os problemas que lhe concernem. Erro grave, pois é lentamente, por todo um trabalho interior, por observações, por comparações repetidas que a alma do morto se liberta, pouco a pouco, das rotinas, dos preconceitos das falsas noções que a educação terrestre acumulou sobre ela. No entanto, ainda é preciso, para isso, a assistência e o concurso de espíritos mais adiantados.

Mas, como nos diz Allan Kardec, o espírito, na sua volta ao espaço, procura os grupos de almas em vibração harmônica com seus próprios modos de ver e com seus sentimentos; ele se associa à vida espiritual e, desde então, confinado nesse meio ambiente particular, pode persistir, por muito tempo, nos erros e nos costumes comuns.

Todos os espíritas conhecem esse estado de alma que se revela nas comunicações do além e desejam, às vezes, provas originais de identidade que não são sem interesse e sem lucro, sob o ponto de vista da demonstração da sobrevivência.

Durante minhas experiências encontrei, às vezes, espíritos dessa natureza, que não se lembravam de ter vivido muitas vezes em nossa Terra e que negavam, de bom grado, o princípio das existências sucessivas. Eu os convidei, então, a pesquisar no

âmago escondido de seus subconscientes e a procurar os traços de suas vidas anteriores. Nas reuniões seguintes eles vinham me declarar que tinham encontrado esses resquícios e podiam retomar o fio de seus últimos renascimentos. Pude observar que esses espíritos eram, geralmente, de ordem inferior. Seus antecedentes, pouco importantes, se reuniam em várias existências de paixão, de violência, de desordem, fontes de amargos desgostos no além.

Não é meu pensamento comparar esses espíritos atrasados com aqueles de origem anglo-saxônica, de que falei mais acima. Aqueles possuem, talvez, as riquezas ocultas, intelectuais e morais cuja importância eles ignoram. Eu exorto nossos amigos de ultramar para que realizem pesquisas metódicas, uma análise profunda de suas faculdades e de suas lembranças. O encadeamento de suas existências terrestres, então, se reconstituirá e nós chegaremos, assim, à unidade de pontos de vista suscetível de dar à doutrina das vidas sucessivas toda sua autoridade, toda a sua amplitude. Para isso bastará pôr em ação esta alavanca incomparável: a vontade!

Notemos, aliás, que, desde cinqüenta anos, a crença na pluralidade das vidas da alma na Terra não cessou de progredir nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ela contava, há trinta anos, com alguns representantes isolados, enquanto que hoje, com a própria advertência dos espíritas ingleses, cerca de metade entre eles admite a volta possível, às vezes necessária, da alma sobre a Terra.

Eis, a propósito, a opinião de dois representantes, os mais autorizados e os mais ilustres, do pensamento espiritualista britânico, formulada em obras recentes.

O prof. Sir William Barrett, da Universidade de Dublin, escreveu em seu livro *No Limiar do Invisível*, páginas 214 e 215:

“Opunha-se à idéia de reencarnação o esquecimento total de nossas existências passadas, mas isso pode ser somente um eclipse temporário. É possível que a lembrança de nossas vidas anteriores nos retorne, pouco a pouco, durante nossos

progressos espirituais, à medida que atingimos uma vida mais ampla, com uma consciência mais extensa.”

E ele acrescenta uma citação do Sr. Massey, afirmativa e explicativa, sobre a reencarnação na Terra:

“A razão da reencarnação tem a sua fonte na atração que nosso mundo exerce. O que nos trouxe aqui uma vez nos reconduzirá, sem dúvida, outras vezes, enquanto a causa que nos impulsiona não tenha mudado. Só a regeneração, isto é, a renovação de nossa natureza é que nos isenta da reencarnação.”

Nos seus estudos sobre os múltiplos aspectos da personalidade humana, Sir Barrett também dizia:

“Os casos de invasão psíquica tornam compreensíveis as reencarnações carnis.”

De sua parte, Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, escreveu na sua obra *Evolução Biológica e Espiritual do Homem*:

“Pode-se admitir, em certos casos, a possibilidade das encarnações, não somente de uma sucessão de indivíduos ordinários, mas também de verdadeiros grandes homens.”

Ele acreditava na reencarnação fragmentária, que lhe parece aplicável ao caso de Cristo.

Já Stainton Moses, com o pseudônimo de Oxon, professor da Universidade de Oxford, que foi um dos propugnadores mais estimados da idéia espírita em seu país, escrevia em seus *Ensinos Espiritualistas* as seguintes linhas, obtidas pela sua própria mediunidade:

“A criança (o ser humano) não pode obter o amor e a ciência a não ser pela educação adquirida em uma nova vida terrestre. Uma tal experiência é necessária e numerosos espíritos escolhem um retorno à Terra a fim de alcançar o que lhe falta.”

Fredrich Myers, na sua obra magistral *A Personalidade Humana*, capítulo X, expressa a mesma opinião e diz:

“A doutrina da reencarnação não contém nada que seja contrário à melhor razão e aos mais elevados instintos do homem.”

Ele torna a tratar da evolução gradual (das almas) em numerosas etapas “a qual é impossível de assinalar um limite”.

Quanto à América do Norte, poderíamos citar várias obras editadas nesse país que demonstram que a idéia da reencarnação também segue o seu caminho e que as mensagens dos espíritos que afirmam os renascimentos terrestres são cada vez mais freqüentes, como se pode observar na maioria das revistas espiritualistas da língua inglesa. O mesmo movimento de opinião ressalta da acolhida feita à tradução de meu livro *O Problema do Ser e do Destino*, pela Sra. Wilcox, sob o título *Life and Destiny*, editado em Londres e em Nova Iorque.

É evidente que essa grande verdade foi durante muito tempo apagada pelo trabalho lento e oculto dos séculos, porque cada vez que nós a afirmamos, nos defrontamos com objeções que denotam um esquecimento completo.

Entretanto, não se deve perder de vista que essa doutrina permanece ativa no oriente. No momento atual, das Índias ao Japão, oitocentos milhões de asiáticos conhecem e aceitam a lei dos renascimentos. Bramanistas, budistas, xintoístas, adotam essa mesma crença, o que lhes assegura uma certa superioridade de pontos de vista. O *Alcorão*, em suas primeiras “suratas”, também afirma que é possível a reencarnação, na Terra, de muitos adeptos do profeta (Maomé).

E sem pesquisar a fundo, entre nós mesmos e em nossos dias, longa seria a lista de homens ilustres que aceitaram essa crença, desde Victor Hugo, Charles Bonnet, Pierre Leroux, Jean Reynaud até Mazzini e Flammarion. A maioria não teve necessidade de provas experimentais. O uso de sua razão, libertada das rotinas da escola e dos sofismas, e o panorama da vida, se desenvolvendo em redor deles, lhes foram suficientes para discernir as leis. Eles foram seduzidos pela beleza e pela grandeza desta

evolução que faz do homem o autor de seus próprios destinos. A alma, pensavam eles, constrói o seu futuro por meio de vidas renascentes; ela desenvolve suas faculdades e sua consciência pelo trabalho, pela prova, pela dor, cinzel divino que lhe comunica suas belas formas. Ela se depura, se eleva, se interpenetra dos esplendores da natureza, se inicia em suas leis e participa, na medida de sua potência crescente, da ordem e da harmonia universal.

Para esses precursores, como para nós, espíritas, esta revelação, seja intuitiva, seja vinda do Alto, dissipou como uma neblina as hipóteses fantasiosas e as negações estéreis. A vida e a morte mudaram de situação: esta não é mais do que a transição necessária entre as duas formas alternativas de nossa existência: visível e invisível. A vida é a conquista das riquezas imperecíveis da alma, das forças radiantes e das qualidades morais que assegurarão sua situação no além e lhe prepararão as melhores reencarnações na Terra e em outros mundos. Assim, o pessimismo sombrio se esvai para dar lugar à confiança, à alegria de viver na tarefa bem cumprida, à satisfação do dever bem realizado, com as perspectivas de um futuro sem limites e a ascensão gradual e radiosa de círculos em círculos, de esferas em esferas, em direção ao foco divino.

Ora, aquilo que tantas religiões ensinaram, e ensinam ainda, e que tantos pensadores, antigos e modernos, discerniram por meio da reflexão profunda, o Espiritismo acaba de demonstrar pela experiência. Ele tem para si não somente o testemunho universal do mundo dos espíritos, que se levanta de todos os pontos do globo e sobre o qual falaremos mais adiante, mas ele já reuniu um conjunto de fatos comprovantes dos quais vamos citar alguns.

Notemos, inicialmente, que um ser suficientemente evoluído, quando o estado normal da consciência e o estado subconsciente estão em equilíbrio, isto é, atingem uma estabilidade perfeita, quando esse ser se desliga dos ambientes materiais, ele pode se lembrar das vidas anteriores e perceber, em intuições profundas, suscitadas pelos espíritos desencanados, a forma de suas vidas passadas.

Daí as lembranças de certos homens célebres, o reconhecimento dos lugares onde eles viveram. Por exemplo, o caso de Lamartine em sua viagem ao oriente, de Mery pela Índia e à Flórida e de tantos outros casos análogos que poderíamos lembrar.

Mencionemos os testemunhos publicados ⁵¹ por certas revistas inglesas relativos às crianças hindus que, durante o período de crescimento, no correr do qual a incorporação da alma não é completa, conservam o uso da memória subconsciente e a lembrança de suas vidas passadas.

Casos análogos não são raros no ocidente, mas não se lhes dá muita atenção, pois considera-se sempre, sem razão, as narrações infantis como imaginárias.

Às vezes, me pedem para dar as razões pelas quais creio em minhas vidas anteriores e as provas pessoais que possuo. Para isso basta me recolher e, nas horas de calma e de silêncio, interrogar as camadas profundas da minha memória, para aí encontrar alguns vestígios do meu passado. Se eu me dedico a uma análise severa e rigorosa de meu caráter, de meus gostos, de minhas faculdades, reconstituo o encadeamento das causas e efeitos, por meio dos quais se formou minha personalidade, o “eu” consciente através dos tempos.

O detalhe dos acontecimentos me foi comunicado por meus guias, porquanto minha clarividência não atinge tão longe. É precisamente esse rigoroso exame interior que serve de verificação e de controle, porque nele eu encontro a confirmação e a prova da exatidão das revelações feitas e que compreendem os nomes, as datas, as identidades recolhidas em minhas pesquisas bibliográficas.

Com esse método de estudos, o que não se pode obter no estado de vigília pode-se provocar pela exteriorização completa do “eu” no estado hipnótico; é o que, freqüentemente, pude realizar com minha excelente médium, Sra. Forget. Sob a influência magnética do guia, ela reconstituía suas personalidades anteriores com atitudes, linguagem e um conjunto de detalhes que lhe teria sido impossível imaginar.

É preciso notar, entretanto, que os resultados obtidos, por sua natureza íntima, não podem interessar e convencer a não ser aos experimentadores. Mas raros são os homens de nosso tempo que se dispõem a fazer essas pesquisas. A sua vida é toda exterior e eles ignoram os recursos ocultos na alma. Existe aí toda uma psicologia misteriosa que é preciso explorar com extrema prudência e que reserva aos pesquisadores avisados grandes surpresas.

As experiências realizadas por Albert de Rochas, administrador da Escola Politécnica de Paris, e relatadas em seu livro *As Vidas Sucessivas*, foram contestadas; entretanto, não se teria razão de rejeitá-las no todo, porque, se em certos casos a superstição foi evidente, noutros elas apresentavam um aspecto real de sinceridade. Assim parece ser o caso de Joséphine, a moça de Voiron (Isère), que, adormecida por de Rochas, se achava na sua personalidade anterior de Claude Bourdon, habitante, outrora, de uma aldeia do Departamento de Ain, onde Joséphine nunca estivera. Ali encontrou-se o atestado de nascimento de Claude no registro da paróquia. Este fato foi enriquecido de muitos detalhes curiosos que constituem, no seu conjunto, bons elementos de autenticidade.

Pode-se acrescentar a este caso o de Mayo, moça de Aix-en-Provence, que, transformando-se em suas personalidades de outros tempos, revivia as cenas trágicas de suas vidas. Por exemplo, o estado de gravidez e de asfixia por imersão foram constatados pelo Dr. Bertrand, prefeito de Aix, convencido de que esses estados não podiam ser simulados por uma pessoa de 18 anos. Deve-se ver neste caso, como alguns pensam, a revelação de uma lei fisiológica pouco conhecida, uma correlação do físico e do mental que abre o caminho a investigações de uma nova ordem, a descobertas biológicas de uma alta importância? Seja como for, esses fatos vêm confirmar nossas asserções a propósito do poder do pensamento sobre os fluidos e sobre a própria matéria concreta.

Um fenômeno mais complexo ainda, pela variedade de formas que envolve, é a reencarnação, na mesma família, da pequena Alexandrine, filha do Dr. Samona, de Palermo, que voltou

uma segunda vez após uma morte prematura. Encontram-se nesse caso todas as particularidades morais e físicas muito características de sua curta vida precedente. Alexandrine conta muitas lembranças dessa existência, por exemplo uma excursão a Montreal, onde ela encontrou sacerdotes gregos vestidos de vermelho, o que é pouco comum na Sicília.

Este segundo nascimento, anunciado antes pela manifestação de espíritos, ainda que considerado pelos parentes como impossível, por causas patológicas, realizou-se no dia marcado. Esses fatos se apóiam sobre uma série de atestados de testemunhas e de amigos que relataram todas as fases desse fenômeno.

Hoje (1927) Alexandrine tem 13 anos, escreveu Gabriel Delanne na sua última obra *Documentos para servir ao estudo da Reencarnação*,⁵² e pode-se acompanhar, através dessa moça, todo o desenvolvimento das primícias indicadas pelos espíritos.

Não podemos enumerar aqui todos os casos de reencarnação anunciados de antemão, todos os fenômenos de lembranças de vidas anteriores, com crianças e adultos, e os casos relativos à regressão hipnótica de lembranças.

Mas, independentemente dos fatos de ordem experimental, ao nosso redor, quantas anomalias não são explicadas pela noção das anterioridades; em muitas fisionomias nós poderíamos ler a demonstração disso. Essas mulheres de corpos pesados, de gestos masculinos, esses homens de maneiras efeminadas, que todos nós conhecemos, não são eles os espíritos que mudaram de sexo ao se reencarnarem? No meio do povo, a despeito da lei da hereditariedade, todas essas inteligências, esses talentos, até esse gênio, que surgissem entre famílias, de preferência materiais e grosseiras, não são eles a manifestação de trabalhos e aptidões anteriores? O mesmo problema se relaciona a esses temperamentos delicados e apurados, vindos de pessoas rudes e não evoluídas.

Pelo contrário, entre certos anarquistas, fomentadores de greves, ávidos de subversão e de desordem, não se reconhecem os antigos burgueses egoístas, condenados a renascer entre aqueles que eles exploravam outrora e aos quais um vago instinto torna

sua nova situação insuportável? E quantos outros contrastes, extravagâncias inexplicáveis na aparência, se esclarecem pela lei dos renascimentos. Pode-se reconhecer César em Napoleão, Virgílio em Lamartine, Vercingétorix no general Desaix. Certos espíritos ainda acrescentam: Pompeu em Mussolini.

Há individualidades que reaparecem no decorrer dos séculos, de tal modo que se pode reconhecê-las pela originalidade dos caracteres que se formam com a nitidez de uma efígie, como o perfil de uma medalha antiga.

Mas não insistamos, pois que estas comparações poderiam ser a fonte de muitos abusos. Devido a essa hipertrofia do “eu”, que é uma doença tão espalhada, muita gente seria tentada a ver em si a reencarnação de alguma celebridade de antigamente.

A cada renascimento, o véu da carne recai sobre a memória subconsciente, o acúmulo de lembranças submerge nas profundezas do ser. Só há exceção para certos casos de crianças e de pessoas evoluídas que podem exteriorizar suas faculdades psíquicas, como nós vimos anteriormente. Mas, para a generalidade dos humanos, o esquecimento das vidas anteriores é uma regra e, talvez, um benefício da natureza, porque, nos mundos inferiores e atrasados, como naquele em que nós habitamos, o panorama das vidas primárias está longe de ser reconfortante para as almas, muito mescladas de angústias, de impressões dolorosas e humilhantes, de pesares supérfluos, cuja intensidade paralisaria sempre nossa ação, enfraqueceria nossa iniciativa, pois que nós aqui voltamos para resgatar e para evoluir. O detalhe dos acontecimentos torna-se inútil e o que importa é conhecer a grande lei que religa todas as nossas existências e as torna solidárias umas com as outras.

Essa concepção palingenésica nos parece oferecer o remédio indispensável para o estado de espírito de muitos de nossos contemporâneos. Com efeito, uma brisa de pessimismo sopra em certos momentos sobre nosso país. Chega-se até a duvidar do futuro da França, da possibilidade de seu reerguimento, semeando assim o desânimo entre as almas. Esse pessimismo é o fruto mórbido do cepticismo materialista que corrói, desde há um

século, a sociedade contemporânea. Nossa literatura tem, em parte, a responsabilidade.

Escreve-se muito na nossa época, mas, entre os autores, a maioria não sente que é uma honra temível falar às massas ignorantes e impressionáveis. Esses escritores não parecem conhecer este vasto mundo invisível que nos envolve e que nos domina, nem essas imensas reservas de forças e de almas que, pela reencarnação, vêm incessantemente alimentar, entreter e renovar as correntes da vida humana. Eis por que este estudo da reencarnação se impõe, pois sem ela não se pode resolver nenhum dos problemas relativos à vida e à evolução dos seres e das sociedades.

De acordo com os elementos que a reencarnação nos fornece, o nível moral se baixa ou se eleva. Quando ela traz sobre nosso globo os contingentes dos mundos inferiores, a perturbação se acentua e a humanidade parece recuar. Mas, também, pela reencarnação, nas horas de angústia, indivíduos poderosos podem surgir para dirigir em caminhos mais seguros os passos hesitantes da caravana em marcha.

É isso que ocorre, neste momento, em nosso país. Os espíritos evoluídos e outros de uma ordem elevada vêm aqui tomar lugar, por meio de renascimentos, com a finalidade de regeneração. Esse movimento vai continuar, dizem nossos instrutores invisíveis, e em vinte anos poder-se-á assistir a uma obra de reedificação dos povos ocidentais e, particularmente da França.

Não se deve desesperar. Os prognósticos sombrios, os julgamentos pessimistas, os temores e os alarmes são provenientes de uma concepção insuficiente da existência à qual uma ciência rotineira impõe os limites reduzidos de nossa curta duração e do nosso pequeno globo, enquanto que, na realidade, a vida possui recursos infinitos, visto que ela se desenrola no seio dos espaços de onde ela inspira, estimula e fecunda a vida terrestre.

Se a nossa literatura, a nossa filosofia e a nossa política continuam a se inspirar em regras de uma ciência limitada e envelhecida; se uma compreensão geral da vida evolutiva e de suas leis não vem penetrar, impregnar, transformar a alma humana,

haverá menos esperança de se ver mudar a situação moral e social de nosso país. É, sobretudo, a noção de uma única vida que alterou tudo, obscureceu tudo e tornou incompreensível a evolução do ser e da justiça de Deus.

Se a vida terrestre fosse também restrita, nossos estudos e progressos estariam perdidos, para o indivíduo e para a humanidade, enquanto que, pela reencarnação, tudo se perpetua e tudo se renova. Nós trabalhamos para todos e, conseqüentemente, trabalhamos para nós mesmos. Assim, nada se perde, os indivíduos e as gerações são solidários entre si, solidários através dos séculos.

* * *

Pelo exposto acima, pode-se verificar que todas as grandes correntes do pensamento antigo, filosófico e religioso, relativos aos altos destinos da alma, após vicissitudes seculares, se renovam, se sintetizam e se fundem no espiritualismo moderno sob a forma da lei da evolução pelas vidas renascentes.

Todas as grandes religiões do oriente, inclusive o Cristianismo esotérico, a filosofia de Platão e os princípios da escola de Alexandria, nele se encontram para ali reunir a tradição sagrada do ocidente, incluindo as de nossos antepassados, os celtas.

Uma grande obra se realiza acima de nossas cabeças, cuja importância não podemos calcular, mas cujos efeitos vão repercutir no decorrer dos séculos. Esta obra de síntese que representa a fé elevada, a fé superior da humanidade em marcha, não se podia realizar no seio das religiões atuais, mas somente fora delas e pela ciência.

O Catolicismo perdeu de vista a sua missão salvadora e regeneradora. Por interpretações ilusórias, ele desnaturou a doutrina pura do Cristo, sobretudo no que se refere ao futuro do homem e da justiça de Deus. É, entretanto, entre os seus adeptos que se difunde mais facilmente a noção de pluralidade das existências. Já se verificou que o purgatório, bem mal definido pela Igreja, poderia muito bem se conciliar com o resgate das faltas do passado por meio das vidas de provas.

O Protestantismo, de seu lado, suprimindo a noção de purgatório, tinha fechado toda a saída para o princípio das vidas renascentes.

Não é uma coisa dolorosa, pavorosa mesmo, sob certos pontos de vista, a constatação de que, após tantos séculos de civilização, a incerteza ainda pese sobre o problema do destino humano?

A luz que brilhou, desde os primeiros tempos de nossa história, tinha se esvaecido. Parecia que o homem, afastando-se da natureza e de suas origens, ia penetrar na noite. É somente hoje, graças ao trabalho de alguns pensadores ardentes, que os primeiros lampejos de uma nova aurora vêm roçar a alma céltica adormecida.

Para todos aqueles que consideraram a variedade e a desigualdade das condições humanas, seja do ponto de vista das diferenças de raças, de culturas, de civilização, seja no que se refere à duração da existência, o enigma da vida ficava indecifrável, mas eis que, pela sucessão das existências da alma, tudo se encadeia e se harmoniza em uma lógica rigorosa.

O terrível problema da dor também aí encontra a sua solução, e se explica melhor que certas pessoas conheçam o sofrimento desde o berço e o suportem até o túmulo.

Todas essas vidas obscuras, atormentadas, dolorosas, são cadinhos onde a alma se desfaz de suas impurezas, onde o fel se consome, onde as paixões do mal, por uma alquimia divina, se transformam pouco a pouco em paixões do bem.

Sem dúvida, o progresso nem sempre é sensível, e a alma frequentemente se revolta ante o sofrimento, mas quando o tempo da provação passou, constata-se que ela não foi estéril e que a alma se beneficiou.

É, do mesmo modo, o problema do mal, que, no seu conjunto, é um dos aspectos da mesma questão. Esse problema, que provocou tantas discussões estéreis, foi facilmente resolvido pelos druidas: Deus dá ao homem uma parte de liberdade proporcional ao seu grau de evolução, e a liberdade humana gerou o mal. A

primeira *Tríade* enuncia entre as três unidades primitivas “o ponto de liberdade onde se equilibram todas as oposições”.

Deus não teria podido suprimir o mal sem suprimir a liberdade, o que teria falseado inteiramente a lei de evolução, e com ela o princípio vital, a própria razão do Universo. O livre-arbítrio somente assegura o livre jogo da iniciativa, da vontade de onde decorrem os méritos necessários para adquirir os bens espirituais, alvo supremo da evolução. O ser humano deve adquirir, por seus esforços, no correr dos tempos, a sabedoria, a ciência, o talento e, por eles, a felicidade, a ventura, isto é, tudo que leva à grandeza e à beleza da vida, pois não se aprecia realmente, não se gosta senão do que se adquire por si mesmo.

Se o mal parece dominar sobre a Terra, é que ela forma um grau inferior na escala dos mundos e por ser a maioria dos seus habitantes espíritos jovens, ainda ignorantes, inclinados às paixões. Mas, à medida que se evolui na grande escala cósmica, o mal diminui pouco a pouco, depois se dissipa, e o bem se realiza em virtude da lei geral da evolução.

Nós vamos expor essa lei, suas regras e finalidade por meio das *Tríades*, sob sua forma concisa, na parte que se refere ao “Abred”, o círculo das transmigrações, e ao “Gwynfyd”, o círculo das vidas celestes. As *Tríades* de 1 a 14, reproduzidas no capítulo VII, e as que se seguem, de 15 a 45, formam o complemento.⁵³

As *Tríades* que faltam figuram nos pontos essenciais desta obra, onde elas encontram a sua aplicação.

“Abred”:

15 – Três espécies de necessidades no “Abred”: a menor de toda a vida, e daí o começo; a substância de cada coisa, e daí o crescimento, que não pode operar-se em outro estado; a formação de cada coisa da morte, e daí a debilidade da vida.

16 – Três coisas que não se podem executar a não ser pela justiça de Deus: todo sofrer em “Abred”, porque sem isso não se pode adquirir uma ciência completa de alguma coisa; obter uma parte do amor de Deus; ser bem-sucedido, pelo poder de Deus, no cumprimento do que é mais justo e misericordioso.

17 – Três causas principais da necessidade de “Abred”: recolher a substância de toda coisa; recolher o conhecimento de toda coisa; recolher a força moral para triunfar de toda adversidade e do princípio de destruição e para se privar do

mal. E sem elas, no trajeto de cada estado de vida, não há nem vida, nem forma que possa alcançar a plenitude.

20 – Três necessidades de “Abred”: o desregramento, pois não pode ser de outro modo; a libertação pela morte, ante o mal e a corrupção; o acréscimo da vida e do bem, pelo despojamento do mal, libertando-se da morte. E tudo isso pelo amor de Deus concernente a toda coisa.

21 – Três meios de Deus no “Abred” para triunfar do mal e do princípio da destruição, escapando-se ante eles no “Gwynfyd”: a necessidade, o esquecimento, a morte.

22 – Três primeiras coisas, simultaneamente criadas: o homem, a liberdade, a luz.

23 – Três necessidades do homem: sofrer, renovar-se (progredir), escolher. E, pelo poder que esta última dá, não se pode conhecer as duas outras antes de seu vencimento.

24 – Três alternativas do homem: “Abred” e “Gwynfyd”, necessidade e liberdade, mal e bem; todas as coisas estando em equilíbrio e o homem tendo o poder de se ligar a um ou a outro, segundo a sua vontade.

26 – Por três coisas se cai no “Abred”, necessariamente, se bem que, por outro lado, se esteja ligado ao que é bom: pelo orgulho ao longo do “Annoufn”; pela falsidade, ao longo do “Gabien”; pela crueldade, ao longo do “Kenmil”, e se retorna de novo à humanidade, como antes.

27 – Três causas justificativas do estado de humanidade: adquirir inicialmente a ciência, o amor e a força moral, antes que a morte surja. E não se pode fazê-lo a não ser pela liberdade e pela escolha, não antes, pois, do estado de humanidade. Essas três coisas são chamadas as três vitórias.

28 – Três vitórias sobre o mal e sobre o espírito mau: ciência, amor, poder; porque a verdade, a vontade e a potência realizam, pela união de sua força, tudo o que elas desejam, elas começam no estado da humanidade e perduram para sempre.

29 – Três privilégios do estado de humanidade: o equilíbrio do mal e do bem, e daí a comparação; a liberdade de escolha, e daí o julgamento e a preferência; o começo do poder que deriva do julgamento e da escolha, e eles são necessários antes de cumprir seja o que for.

“Gwynfyd”:

30 – Três diferenças necessárias entre o homem, qualquer outra criatura e Deus: o limite do homem, que não saberia encontrar Deus; o começo do homem, que não saberia encontrar Deus; as renovações (progresso) necessárias do homem no círculo de “Gwynfyd”, visto que ele não pode suportar a eternidade do “Ceugant”, enquanto que Deus suporta todo estado com felicidade.

31 – Três formas supremas do estado de “Gwynfyd”: sem mal, sem necessidade, sem fim.

32 – Três restituições do círculo de “Gwynfyd”: o gênio primitivo; o amor primitivo; a memória primitiva, pois que sem isso não há felicidade.

33 – Três diferenças entre todo vivente e os outros viventes: o gênio, a memória, o conhecimento, isto é, que todos os três sejam plenos em cada um e não podem ser comuns com um outro vivente, cada um na sua medida, e não pode haver duas plenitudes em nenhuma coisa.

34 – Três dons de Deus a todo vivente: a plenitude de sua raça; a consciência de sua humanidade; o desprendimento de seu gênio primitivo em relação a todo outro, e é daí que cada um difere dos demais.

35 – Pela compreensão de três coisas diminui-se o mal e a morte, e triunfa-se: de sua natureza; de sua causa; de sua ação. E elas se encontram no “Gwynfyd”.

36 – Três fundamentos da ciência: a renovação da passagem de cada estado de vida; a lembrança de cada transmigração e de seus incidentes; o poder de atravessar cada estado de vida, para experiência e julgamento, e isto se acha no círculo de “Gwynfyd”.

37 – Três distinções de todo vivente no círculo de “Gwynfyd”: a inclinação (ou vocação); a posseção (ou privilégio) e o gênio; dois viventes não podem ser primitivamente semelhantes em nada, porque cada um está pleno do que o distingue e nada está pleno sem que esteja na sua inteira medida.

38 – Três coisas impossíveis, exceto para Deus: suportar a eternidade do “Ceugant”; participar sob toda condição sem se renovar; melhorar e renovar toda coisa sem fazê-lo com perdas (a sua custa).

39 – Três coisas que jamais desaparecerão por causa da necessidade de sua potência: a forma do ser; a substância do ser; o valor do ser, pois, pela libertação do mal, elas existirão eternamente, sejam vivas, sejam inanimadas, nos diversos estados do belo e do bem no círculo de “Gwynfyd”.

40 – Três bens supremos que resultam das renovações da condição humana no “Gwynfyd”: a instrução; a beleza; o repouso, por sua inaptidão de suportar o “Ceugant” e sua eternidade.

41 – Três coisas em crescimento: o fogo ou a luz; a inteligência (ou a consciência) ou a verdade; a alma ou a vida. Elas triunfam sobre tudo e daí o fim do “Abred”.

42 – Três coisas em decréscimo: a obscuridade; a mentira; a morte.

43 – Três coisas se reforçam dia a dia, visto que a maior soma de esforços vai, sem cessar, em direção delas: o amor; a ciência; a plena justiça.

44 – Três coisas se enfraquecem cada dia, porque a maior soma de esforços vai contra elas: o ódio; a deslealdade; a ignorância.

45 – Três plenitudes da felicidade do “Gwynfyd”: participar de toda qualidade com uma perfeição principal; possuir toda espécie de gênio com um gênio preeminente; abraçar todos os seres com um mesmo amor e com um amor de primeira qualidade, conhecer o amor de Deus, e é nisso que consiste a plenitude do céu e do “Gwynfyd”.⁵⁴

Observa-se que essas *Triades*, por sua forma concisa e seu sentido profundo, constituem uma obra original e poderosa, que não pode ser considerada como invenção de pensadores isolados,

mas antes como a expressão sintética do gênio de uma raça inteira. Elas se religam a verdades de ordem eterna, e talvez fosse preciso a incubação de séculos para se compreender todo seu alcance. Elas surgiram da sombra, numa hora histórica em que o ideal se enfraquece, para restituir ao nosso país sua fé em si mesmo, a confiança em seu destino, e tornar-se assim o instrumento de uma civilização mais elevada, mais nobre e mais digna.

* * *

A lei das reencarnações, esse retorno das almas sobre a Terra, suscita objeções às quais é necessário responder, temores que é preciso dissipar. Entre aqueles que interrogam, uns temem não mais reencontrar, no além, os seres que eles amaram aqui na Terra. Pergunta-se se, em virtude dessa lei, nós seremos separados dos membros atuais de nossas famílias e obrigados a prosseguir isoladamente, nossa lenta e penosa evolução. Outros estão apavorados pela perspectiva de retomar a tarefa terrestre, após uma vida laboriosa semeada de provas e de males. Apressemonos em tranquilizá-los.

A reencarnação é rápida, a estada do espírito no espaço é de curta duração somente no caso de crianças mortas com pouca idade. Tendo malgrado a sua tentativa para reaparecer no cenário terrestre, quase sempre por causas fisiológicas devidas à mãe, essa tentativa será renovada desde que condições favoráveis sejam apresentadas no mesmo meio. Caso contrário, o espírito se reencarnará nas proximidades desse meio, isto é, entre parentes ou amigos, de maneira a permanecer em relação com aqueles que ele tinha escolhido, em virtude de uma atração resultante de ligações anteriores, de forças afetivas que constituem uma certa afinidade fluídica.

Os espíritos formam famílias numerosas cujos membros continuam através de suas múltiplas reencarnações. Enquanto que uns prosseguem sobre o plano material sua educação e sua evolução, outros ficam no Espaço para os proteger, na medida de seus meios, sustentá-los, inspirá-los, esperá-los a fim de os receber no término da vida terrestre. Mais tarde, esses aqui

renascerão para a vida humana e, por sua vez, de protetores se tornarão protegidos. A duração da estada no Espaço é muito variável e, conforme o grau de evolução, pode durar muitos séculos ou somente algumas dezenas de anos, para os espíritos ambiciosos de progresso.

Há sempre correlação entre a vida terrestre e a do Espaço. A família visível está sempre ligada à família invisível, mesmo sem seu conhecimento. Os afetos, os sentimentos provenientes dos laços estabelecidos no curso das vidas sucessivas, transmitem-se de um plano ao outro com maior intensidade quanto mais sutil for o estado vibratório dos seres que compõem essas famílias.

A união perfeita que reina em certas famílias se explica pelas numerosas vidas comuns. Seus membros foram reaproximados por uma atração espiritual, uma adaptação do pensamento idêntico, de gostos e de aspirações da mesma ordem, e isso em graus diversos.

É fácil reconhecer em uma família aquele que nela se encarna excepcionalmente e pela primeira vez, seja para ali se aperfeiçoar intelectual e moralmente, em contato com seres mais evoluídos, seja, ao contrário, para servir de exemplo, de modelo, de treinador de espíritos atrasados e, ao mesmo tempo, para ajudá-los a suportar as provas que o destino lhes reserva, o que torna uma missão uma tarefa meritória. Em certos casos o contraste é tão notável entre os caracteres, a maneira de pensar e de agir é tão surpreendente que as pessoas não iniciadas chegam a proferir este julgamento: “Aquele não é da família, poder-se-ia crer que ele foi trocado pela ama-de-leite!”

Desde a vida no espaço, entre certos espíritos são assumidos os compromissos de reencarnarem nos mesmos ambientes e aí prosseguir uma evolução comum. Outras almas evoluídas aceitam a função penosa de descer a lares materiais para neles dissipar, por suas irradiações, os elementos grosseiros que dominam tais ambientes, e este ato de abnegação será para elas um novo motivo de progresso.

Algumas pessoas nos interrogam sobre as diferenças de raças e suas relações com a evolução. Os espíritos dizem, sobre esse

assunto, que cada região do globo atrai do Espaço os fluidos em harmonia com os eflúvios que se desprendem do solo. Daí resulta que os espíritos que renascem nessas regiões terão gostos e aspirações diferentes. Por exemplo, os africanos receberão os fluidos próprios para desenvolver a sua vitalidade física, porque seu espírito tem necessidade de se sentir em um envoltório sólido.

Entre os orientais, os japoneses, por exemplo, a evolução terrestre é mais completa, os corpos são pequenos, a sensibilidade desenvolvida, a percepção do além mais nítida. O misticismo está presente. O perispírito do japonês, de uma grande sutileza, vibrará mais fortemente do que o do senegalês.

Entre os ocidentais, em geral, a evolução não tem sido uniforme. Ela variou conforme os países. Os montanhese e os marítimos, sob formas mais rudes, guardaram um certo fundo de idealismo ou um espírito religioso. Aí estão dois tipos humanos cujas aspirações se relacionam mais diretamente com o mundo superior, porque eles se comungam com a Natureza.

Não é de espantar se um espírito, na sua curta evolução, experimenta, às vezes, a necessidade de mudar de meio para adquirir qualidades ou conhecimentos que ainda lhe faltam. Mas esses mesmos seres, voltando ao espaço, ali logo encontram os elementos espirituais de que se haviam afastado por certo tempo e dos quais tinham guardado lembranças. Já, no sono, o ser encarnado se aproxima de seus amigos do Espaço e revê, em alguns instantes, sua vida passada, mas, ao despertar, essa impressão se apaga, porque ela poderia perturbar e diminuir o seu livre-arbítrio.

Se ele se afasta, por um certo tempo, de sua família terrestre, não abandona nunca sua família espiritual e, quando a família humana evoluiu e atinge um plano fluídico superior, a ação inversa se produzirá, e será ela que, por sua vez, atrairá no espaço o espírito menos avançado. A lei de evolução do ser através de suas vidas renascentes é admirável, mas a inteligência humana não pode entrever senão seu pálido reflexo.

Os ensinamentos contidos nestas páginas não são uma obra de imaginação. Eles emanam de mensagens espirituais obtidas por todos os processos mediúnicos e recolhidos em todos os países. Até aqui, não tínhamos, sobre as condições de vida no Além, a não ser hipóteses humanas, sejam filosóficas ou religiosas. Hoje, os que vivem essa vida a descrevem para nós e falam sobre as leis da reencarnação. Com efeito, o que são certas exceções assinaladas entre os anglo-saxões, e cujo número diminui cada dia em presença da enorme quantidade de documentos, de testemunhos concordantes recolhidos desde a América do sul até as Índias e o Japão?

Não é mais, como no passado, um pensador isolado, ou mesmo um grupo de pensadores, que vem mostrar à humanidade a rota que ele julga verdadeira; é um mundo invisível, inteiro, que se abala, e se esforça para tirar o pensamento humano de suas rotinas, de seus erros, e lhe revela, como no tempo dos druidas, a lei divina da evolução. São os próprios parentes e amigos mortos que nos expõem sua situação, boa ou má, e a consequência de seus atos no decorrer de palestras ricas de provas de identidade.

Possuo sete grandes volumes de comunicações, recebidas no grupo que por longo tempo dirigi, que respondem a todas as questões que a inquietude humana apresenta à sabedoria dos invisíveis.

Os espíritos guias nos instruíam por meio de diversos médiuns que, geralmente, não se conheciam entre si, e sobretudo por mulheres pouco letradas, cheias de preconceitos católicos e pouco inclinadas à doutrina das encarnações. Ora, todos aqueles que consultaram esses arquivos ficaram surpreendidos pela beleza do estilo, como também pela profundidade das idéias emitidas.

Talvez essas mensagens sejam um dia publicadas. Então, ver-se-á que, nas minhas obras, não sou inspirado somente por mim, mas sobretudo por aqueles do outro lado da vida. Reconhecer-se-á, pela variedade das formas, uma grande unidade de princípios e uma perfeita analogia com os ensinamentos obtidos dos espíritos guias, em todos os meios, e onde Allan Kardec se inspirou para delinear as grandes regras de sua doutrina.

Após a guerra (1ª Guerra Mundial, 1914-1918), nossos instrutores continuaram a se manifestar por diferentes médiuns. Por meio de entidades diversas, a personalidade de cada um deles se afirmou por seu caráter próprio, por uma originalidade talhada, em uma palavra, de maneira a evitar toda possibilidade de simulação. Pode-se seguir, anualmente, na *Revue Spirite*, a quintessência dos ensinamentos que nos foram dados sobre assuntos sempre substanciais e elevados.

Depois, próximo ao congresso (Espírita) de 1925, foi o grande iniciador (Allan Kardec) que veio nos certificar de seu curso e nos esclarecer com seus conselhos. Hoje ainda é ele, Allan Kardec, que nos anima a publicar este estudo sobre a reencarnação.

* * *

Até aqui não insistimos muito sobre o principal argumento que se evoca contra a doutrina das preexistências, isto é, o esquecimento das vidas anteriores. Esse argumento foi refutado, em detalhes, em quase todas as obras que escrevemos.⁵⁵ Esse esquecimento, já vimos, não é tão geral como se pretende, e se a maioria dos homens se dedicasse a um estudo atento de sua própria psicologia, eles encontrariam, facilmente, os vestígios de suas vidas passadas.

Assim, como demonstra o Sr. Bergson, no seu belo livro *A Evolução Criadora*, este argumento não é concludente. A partir da vida atual, e sobretudo no estado sonambúlico, oposto ao estado normal, produzem-se eclipses de memória que tornam compreensível o desaparecimento das lembranças longínquas. Todos os espíritos sabem que esse esquecimento do nosso passado é temporário e acidental.

Mesmo que o espírito seja pouco evoluído, a lembrança integral se reconstituirá no além, até mesmo no decorrer desta existência, durante o sono.

No estado de desprendimento, ele poderá retomar o encadeamento das causas e efeitos que formam a trama de seu destino. É somente no período da luta material que a lembrança se apaga, precisamente para nos deixar a plenitude de nosso livre-arbítrio,

indispensável para ultrapassar as dificuldades, as provas terrestres, e delas recolher todos os frutos.

Em suma, o esquecimento das vidas passadas deve ser considerado como um benefício para a maioria das almas humanas no ponto não muito elevado de sua evolução. A lembrança seria, freqüentemente, inseparável de revelações humilhantes e de pesares dolorosos como queimaduras. Em vez de se hipnotizar sobre um passado mau, é para o futuro que convém fixar o objetivo de nossos esforços e o impulso de nossas faculdades.

O provérbio não diz que ao colocar as mãos na charrua não se deve olhar para trás? Com efeito, para traçar bem direito o sulco, isto é, para afrontar e prosseguir no combate da vida com alguma vantagem, não é preciso ser obsedado pelo cortejo de más lembranças.

É somente mais tarde, na vida do espaço, e sobretudo nos planos superiores da evolução, que a alma humana, libertando-se do jugo da carne e livre do pesado capuz da matéria que limita as suas percepções, pode abranger sem desfalecimento, sem vertigem, o vasto panorama de suas vidas planetárias. Então, ela adquiriu a maturidade necessária para discernir, por sua razão e por seu saber, o vínculo que as religa todas, os resultados recolhidos, e tirar os ensinamentos que eles comportam. É o que diz a *Triade 19*:

19 – Há três necessidades antes de se chegar à plenitude da ciência: atravessar o “Abred”, atravessar o “Gwynfyd” e lembrar-se de toda coisa até no “An-noufn”.

Tal é o julgamento particular, o inventário de nossa alma evoluída, que no início de suas existências passa em revista a longa seqüência de suas etapas através dos mundos. Com a sua sensibilidade aumentada, sua experiência, sua sabedoria, sua razão engrandecida, ela julga do alto todas as coisas. E nas suas lembranças, conforme a sua natureza, ela encontra as causas da alegria ou do sofrimento. A sua consciência purificada perscruta os menores sinais de sua memória profunda. Tornada o árbitro infalível, ela pronuncia sem apelo, aprova ou condena, e às vezes, à título de reparação e sob a inspiração divina, ela decide

e impõe os renascimentos nos mundos da matéria e da dor. É o que atesta a *Triade* 18:

18 – Três calamidades primitivas do “Abred”: a necessidade, o esquecimento e a morte.

* * *

Terminado este capítulo, insistiremos ainda sobre a importância do movimento espiritualista atual, que, na realidade, é um despertar das tradições de nossa raça céltica. Para tornar plena, inteira e fecunda a sua vida, todo homem deve compreender seu sentido profundo e discernir seu objetivo, porque, seja por reflexão, seja por uma espécie de instinto, a idéia que dela se faz é a que domina toda a sua vida, inspira seus atos e os orienta em direção de objetivos inferiores ou elevados.

Resulta que esta noção essencial deveria participar de toda educação humana, mas nem a escola, nem a Igreja nos dão, sobre este assunto capital, informações nítidas e precisas. Daí, em grande parte, a perturbação moral e a confusão de idéias que reinam em nossa sociedade.

Se nós conhecêssemos toda a regra soberana dos seres e das coisas, a lei e a consequência dos atos e sua repercussão sobre o destino; se nós soubéssemos que se colhe sempre o que se semeou, as reformas sociais seriam mais fáceis e a face do mundo seria rapidamente transformada. Mas a maioria dos homens, absorvidos por tarefas, por preocupações materiais, privados dos lazeres necessários para cultivar sua inteligência e seu coração, percorrem a vida como se passassem por uma neblina. A morte não é para seus olhos mais do que um espantalho, do qual eles afastam, com pavor, o pensamento importuno. É assim que, quando vêm os dias de provas, se o vento sopra com tempestade, eles se acham logo desamparados.

Isso é o que ocorre em nossa época. Para tirar o homem das pesadas influências que o oprimem, seriam precisos eventos importantes, crises dolorosas que, mostrando-lhe o caráter precário, instável da vida na Terra, deviam abater o seu orgulho, obrigá-lo a afastar para longe suas atenções e fixar mais alto seus objetivos. Seria lucro para a humanidade, se os tempos de prova,

que a nossa civilização atravessa atualmente, esclarecessem suas taras e seus vícios e lhes ensinassem a curá-las.

Não é uma coincidência notável que, ao mesmo tempo em que as crenças religiosas se apagam cada vez mais, em que o materialismo espalha ante nossos olhos seus efeitos destruidores, uma revelação do Alto se difunde pelo globo por milhares de vozes, oferecendo uma doutrina, um ensino racional e consolador para todos os interessados de boa-fé?

O Espiritismo é o maior e mais solene movimento do pensamento que se produziu desde o aparecimento do Cristianismo. Não somente pelo conjunto de seus fenômenos, ele nos traz a prova da sobrevivência, mas, sob o ponto de vista filosófico, suas conseqüências são mais grandiosas. Com ele, o horizonte se aclara, o objetivo da vida torna-se preciso, a concepção do Universo e de suas leis aumenta, o pessimismo sombrio se esvaece para dar lugar à confiança, à fé em destinos melhores.

O Espiritismo pode então revolucionar todos os domínios do pensamento e do conhecimento. No lugar de ambientes estreitos onde se achavam confinados, ele abre grandes portas para o desconhecido e para o inexplorado. Pelo estudo do ser em seu “eu” profundo, neste mundo fechado onde se acumulam tantas impressões e lembranças, o Espiritismo cria uma Psicologia nova, muito maior e variada do que a Psicologia clássica.

Até aqui, nós somente conhecemos a parte mais grosseira, a mais superficial de nosso ser. O Espiritismo no-lo mostra como um reservatório de forças escondidas, de faculdades em estado germinativo, que cada um de nós é chamado a valorizar, a desenvolver através dos tempos. Pelos métodos hipnóticos ou magnéticos tornar-se-á possível chegar até às origens do ser, reconstituindo o encadeamento das existências e das lembranças, a série de causas e efeitos que são como a trama de nossa própria história. Aprenderemos que o próprio ser cria sua personalidade e sua consciência no decorrer de uma evolução que o conduz, vida após vida, em direção de planos melhores. E assim se afirma nossa liberdade que se engrandece com nossa elevação e fixa as causas determinantes de nosso destino, feliz ou infeliz, conforme nossos merecimentos. Desde então, não mais esses

debates estéreis que assistimos há longo tempo e que provêm da insuficiência de pontos de vista e do campo muito limitado de nossas observações, nesta vida passageira e sobre este mundo mísero, parcela ínfima do Todo-poderoso.

Em outras palavras, o ser nos aparece sob aspectos mais nobres e mais belos, levando consigo todo o segredo de sua grandeza futura e de sua potência radiante. Com a cultura dessa ciência, um dia virá em que todo homem poderá ler claramente, em si mesmo, a regra soberana de sua vida e de seu futuro. E daí decorrerão as grandes conseqüências sociais. A noção dos deveres e das responsabilidades se tornará mais precisa. No lugar de dúvidas, de incertezas e do pessimismo atuais, a esperança se originará do conhecimento de nossa natureza imperecível e de nossos destinos infinitos.

Pode-se, então, dizer que a obra do Espiritismo é dupla: no plano terrestre ela tende a reunir e a fundir em um sistema grandioso todas as formas, até o momento discordantes e freqüentemente contraditórias, do pensamento e da ciência. Num plano mais amplo, ele une o visível ao invisível, essas duas formas de vida que, na realidade, se penetram e se completam desde o princípio das coisas. Com esse objetivo ele demonstra que o nosso mundo e o Além não são separados, mas estão um no outro, constituindo assim um todo harmônico.

CAPÍTULO IX

Religião dos celtas, o culto, os sacrifícios, a idéia da morte

A obra dos druidas, cujos pontos principais acabamos de descrever, já demonstra toda a extensão de sua ciência e de sua erudição. Mas não é somente na sua doutrina que ocorre o sopro poderoso da inspiração: é também sua religião, seu culto que revela um sentido profundo do mundo invisível e das coisas divinas. Nesse ponto de vista é preciso refutar as críticas e os erros sob os quais se tem querido enterrar o Druidismo.

Como atestam os historiadores como A. Thierry, Henri Martin, Jean Reynaud, toda a grandeza do gênio céltico se apresenta nessa obra. Na base da instituição druídica encontram-se estes dois princípios que se irradiam sobre a sociedade gaulesa e dela fazem mover todas as engrenagens: a igualdade e o direito eleitoral.

Todo gaulês podia se tornar druida, o nascimento não dava nenhum direito a esse título, porque a antiga Gália nunca conheceu a hereditariedade. Para adquiri-la, para obter a iniciação, era preciso justificar os méritos pessoais, além de lentos e pacientes estudos, pois os celtas colocavam a instrução em primeiro lugar na sociedade e só isso já bastaria para afastar a acusação de barbárie que tão levemente dirigem aos nossos antepassados.

As informações que damos sobre a organização do Druidismo provêm, em grande parte, de autores latinos e gregos, no total de dezoito, sejam filósofos e historiadores, sejam geógrafos e poetas.

Além de César, de quem já falamos, citamos Aristóteles e Cétion, Diógenes de Laerte, Posidônio, Cícero,⁵⁶ no ano 44, Diodoro de Sicília, ano 30, Timogéne, pelo ano 14, em uma *História da Gália*, da qual Ammien Marcellin nos deixou um extrato; Estrabão, no ano 20 d.C.; Pomponius Méla, no ano 40; Lucano, entre 60 e 64, Plínio, o naturalista, pelo ano 77; Tácito, pelo ano 96; Suetônio, no fim do século I; Dión Crisóstomo, no início do

século II. Nós concluiremos pelas indicações daqueles nossos guias espirituais que viveram na época céltica.

O chefe dos druidas era eleito pela corporação inteira e investido de um poder absoluto. Era ele que resolvia as divergências entre as tribos turbulentas, agitadas, sempre prontas a recorrer às armas. Estando acima das rivalidades dos clãs, essa instituição representava a verdadeira unidade da Gália. Toda a elite juvenil da nação se agrupava em volta desses filósofos, ávida de receber seus ensinamentos que eram dados longe das cidades, no interior dos recintos sagrados.

Os druidas não só mantinham a justiça nas tribos, como também se pronunciavam sobre as causas graves, em uma assembleia solene que se reunia todos os anos no país de Chartres. Essa assembleia tinha ao mesmo tempo um caráter político, e cada república gaulesa a ela enviava seus delegados.

O gênio religioso dos celtas tinha estabelecido três formas superpostas de crenças e de culto em relação com o grau de aptidão e de compreensão dos gauleses. Inicialmente era o culto dos espíritos dos mortos, ao alcance de todos e que todos praticavam, pois os videntes e médiuns eram numerosos nessa época. Depois vinha o culto popular dos semideuses ou espíritos protetores das tribos, símbolos das forças da natureza ou das faculdades do espírito; esse culto tinha sobretudo um caráter local. Finalmente, havia o culto do espírito divino, fonte e criador da vida universal, que domina e rege todas as coisas e cujas obras são o principal objeto dos estudos e pesquisas dos druidas e dos iniciados.

Na realidade, o politeísmo gaulês, que se condena como sendo uma idolatria, não era senão a representação dos espíritos tutelares, guias, protetores das famílias e das nações, dos quais nós podemos constatar, hoje em dia, pelos fatos, a existência e a intervenção nas horas necessárias. O mesmo se deu em todas as religiões antigas e nas crenças dos povos que colocavam na classe dos deuses os espíritos daqueles que eram distinguidos pelos seus méritos e suas virtudes. O povo tem necessidade de crer nos intermediários entre ele e Deus infinito e eterno, que ele imagina estar bem afastado, embora todos estejamos mergulha-

dos nele, conforme a palavra de São Paulo. Em todos os países, vários seres simbólicos, concebidos pela imaginação dos seus primeiros homens, são, sob formas materiais, graciosas ou terríveis, a expressão viva de seus temores e de suas esperanças.

Os druidas, dizíamos, ensinavam a unidade de Deus. Os romanos, pervertidos nesses assuntos, confundiram os personagens secundários do céu gaulês, as personificações simbólicas das potências naturais e morais, com seus próprios deuses. O Panteão gaulês apresenta mais frescor e beleza do que os deuses envelhecidos do Olimpo. O Teutatès gaulês era uma representação das forças superiores; Gwyon representava a ciência e as artes; Esus o símbolo da vida e da luz. Outros, como Hukaddarn, chefe da grande migração “kymris”, eram heróis glorificados. Mas, nesse Panteão não se encontravam os deuses do mal, os ídolos do Egito e de Roma. Ali não se viam os deuses infames, um Júpiter adúltero, uma Vênus lasciva, um Mercúrio corrompido. Também não se encontrava esse cortejo imundo dos Bacos, dos Priapos, isto é, os vícios endeusados. Conhecia-se somente a sabedoria, a virtude e a justiça. E mais alto, acima dessas forças intelectuais e morais, resplendia o foco de onde todas elas emanam, a potência infinita e misteriosa que os druidas adoravam ao pé dos monumentos de granito, na solidão das florestas. Eles diziam que o ordenador do imenso Universo não poderia estar preso entre as muralhas de um templo, que o único culto digno dele devia cumprir-se nos santuários da natureza, sob as abóbadas sombrias dos grandes carvalhos, à beira dos vastos oceanos. Eles afirmavam que Deus era muito grande para ser representado por imagens, sob formas modeladas pela mão do homem. Por isso, eles somente lhe consagravam monumentos de pedra bruta, dizendo que toda pedra talhada era uma pedra maculada.

Assim, todos os símbolos religiosos dos druidas eram emprestados da natureza virgem, livre. O carvalho era a árvore sagrada, seu tronco colossal, seus possantes galhos representavam o emblema da força e da vida. O visco, que era retirado com pompa, o visco sempre verde, mesmo quando a natureza adormece, quando os vegetais parecem mortos, era, para seus olhos,

o emblema da imortalidade e, ao mesmo tempo, um princípio regenerador e curativo.

Esses ritos do Druidismo, esse culto sóbrio e grande, não teriam alguma coisa de imponente? As matas de carvalho, o visco renascente sobre os troncos carunchosos, as grandes rochas de pé, na beira do oceano, eram, do mesmo modo, símbolos da eternidade dos tempos e do infinito dos Espaços.

O Catolicismo parece ter tomado emprestado do culto druídico o que há de mais nobre e belo. Os pilares e as naves das catedrais góticas são a imitação dos troncos esbeltos e dos galhos dos gigantes das florestas; o órgão, pelos seus sons, lembra o sussurro do vento na folhagem; o incenso é o vapor que se eleva das planícies e dos bosques ao surgirem os primeiros raios solares.

O Druidismo era o culto do imutável, do que permanece, em uma palavra, o culto da natureza infinita, dessa natureza fecunda no seio da qual todo espírito se revigora, se viriliza, reencontra as forças naturais.

Para nós, como para nossos antepassados, os espetáculos que ele oferece são as fontes de meditação salutares, de ensinamentos pelos quais se revela o Deus imenso, eterno, que os celtas adoraram, Deus, alma do mundo, “eu” consciente do Universo, foco supremo em direção do qual convergem todas as ligações e de onde se irradiam, através dos espaços sem limites e dos tempos sem demarcações, todas as potências morais: o Amor, a Justiça, a Verdade e a Infinita Bondade!

* * *

Uma sombra, porém, se estende sobre o Druidismo. A história nos ensina que os sacrifícios humanos se cumpriam sob os grandes carvalhos, o sangue corria sobre as mesas de pedra. Talvez esteja aí o erro capital, o lado imperfeito do culto, tão grande em outros pontos de vista. Não esqueçamos, entretanto, que todas as religiões, na sua origem, todos os cultos primitivos tinham o sacrifício do sangue.

Ainda hoje, cada manhã e em todos os ambientes do mundo católico o sangue do Cristo não jorra sobre o altar, pela voz do

padre? Com efeito, ante os olhos dos crentes isso não é uma simples imagem, é o corpo e o sangue do grande crucificado que lhes são oferecidos. O dogma da presença real é, para eles, absoluto. Se alguma dúvida subsiste em certos espíritos, meditemos nestas palavras de Bossuet:

“Por que os cristãos não conhecem mais o santo pavor de que eram tomados outrora ante o sacrifício? Será que ele cessou de ser terrível? Será que o sangue de nossa vítima não corre mais a não ser sobre o Calvário? ⁵⁷

Além do sacrifício sangrento da missa, é preciso ainda lembrar os suplícios e as fogueiras da inquisição, todas essas imolações que não são somente atentados à vida, mas também ultrajes à consciência?

Esses sacrifícios não são mais odiosos do que aqueles dos druidas, onde somente figuravam criminosos e vítimas voluntárias? É preciso lembrar que os druidas eram magistrados e justiceiros. Os condenados à morte, os assassinos, eram oferecidos em holocaustos àquele que era para eles a fonte da justiça.

Era um ato sagrado e, para torná-lo mais solene, para permitir ao condenado refletir em si mesmo e preparar-se para o arrependimento, eles deixavam sempre um intervalo de cinco anos entre a sentença e a execução. Essas cerimônias expiatórias não seriam mais dignas do que as execuções de nossos dias, onde vemos um povo, que pretende ser civilizado, passar as noites ao redor das guilhotinas, atraído pelo chamariz de um espetáculo horrível e de impressões nocivas?

Os sacrifícios voluntários entre os gauleses revestiam-se também de um caráter religioso. Seus sentimentos profundos de imortalidade faziam com que se entregassem facilmente aos nossos antepassados. O homem se oferecia como uma hóstia viva pela família, pela nação, pela salvação de todos. Mas todos esses sacrifícios caíram em desuso e tornaram-se bem raros no tempo de Vercingétorix. Em lugar de matar, contentavam-se em tirar algumas gotas de sangue dos fiéis estendidos sobre a pedra dos dolmens.

* * *

Um das características da filosofia céltica é a indiferença pela morte. Sob esse ponto de vista, a Gália era um objeto de admiração para os povos pagãos, os quais não possuíam, no mesmo grau, a noção de imortalidade. Nossos antepassados, não receando a morte, certos de viver no além-túmulo, estavam libertos de todo temor.

Em nenhuma crença encontra-se um sentimento tão intenso do invisível e da solidariedade que une o mundo dos vivos ao dos espíritos. Todos aqueles que deixavam a Terra o faziam carregados de mensagens destinadas aos mortos. Diodoro de Sicília nos deixou esta passagem preciosa: “Nos funerais eles depositavam as cartas escritas aos mortos, pelos seus parentes, para que elas lhes fossem transmitidas”. A comunicação dos dois mundos era coisa comum. Pomponius Méla, Valério Máximo e todos os autores latinos que nós citamos dizem que entre os gauleses “emprestava-se dinheiro para ser reembolsado no outro mundo”.

Se, como no exemplo de nossos ancestrais, consideramos a morte como um véu, uma simples cortina que pende sobre o caminho que percorremos, véu de grande efeito para nosso olhar, que ele detém, mas impotente para impedir a nossa marcha que não pára; se compreendemos que só se trata de abandonar esse corpo usado para nos encontrarmos em nosso manto fluídico permanente, essa morte, tão temível para aqueles que nela vêm o aniquilamento, nada teria de espantoso para nós.

Os druidas, dizíamos, tinham um amplo conhecimento da pluralidade dos mundos. Sua fé na imortalidade lhes apresentava as almas, libertas dos liames terrestres, percorrendo os espaços, reunindo os amigos, os parentes que partiram antes delas, visitando com eles os arquipélagos estelares, as esferas inumeráveis onde desabrocham a vida, a luz e a felicidade.

Que espetáculos, que maravilhas representam para nossa vista esses mundos longínquos, que variedade de sensações que se podem recolher desses universos! E essas almas prosseguem sua viagem na imensidade, até que, submetidas à lei eterna, retomam

órgãos novos, se fixam sobre um desses mundos para cooperar, pelo trabalho, para o seu adiantamento, para o seu progresso. Ante esses horizontes imensos, como nossa Terra fica pequena! E, diante de tais perspectivas, pode-se temer a morte?

Os gauleses não conheciam, então, os infernos sinistros nem os paraísos de imobilidade. As vidas de além-túmulo eram, para eles, repletas de atividade, fecundadas por uma faina constante, vidas onde a personalidade e a liberdade do ser se desenvolviam e se aperfeiçoavam incessantemente.

É isto que diz Lucano para os druidas, no primeiro canto de *A Farsália*:

“Para vós, as sombras não estão enterradas nos reinos sombrios de Plutão, mas a alma voa para animar outros membros em mundos novos. A morte nada mais é do que o meio de uma longa vida. Felizes são os povos que não conhecem o temor da morte. Daí seu heroísmo no seio das disputas sangrentas, seu desprezo pela morte.”

Horácio definia a Gália nestes termos: *A região onde não se sofre o terror da morte.*

Não haveria um contraste chocante entre esta crença máscula e poderosa e a idéia da eternidade dos suplícios ou daquela, não menos importuna, do aniquilamento absoluto? A fé na sobrevivência era a essência do Druidismo, e deste ponto de vista decorria uma ordem política e social fundada nos princípios de igualdade, de liberdade moral.

Essa mesma fé inspirava também as práticas, as cerimônias fúnebres, tão diferentes das nossas. Nós, modernos, temos por nosso corpo uma complacência infinita; os gauleses consideravam os cadáveres como ferramentas quebradas, apressavam-se em dar-lhes fim. Frequentemente eles queimavam os corpos, recolhendo as cinzas em urnas. Nós estendemos a credulidade até crer, com o Catolicismo, que nossa alma está ligada a esses resíduos e que um dia ela ressuscitará com eles!

Mas o tempo zomba de nossa cegueira e sejam nossos restos enterrados sob o mármore ou sob a pedra, sempre chega uma

hora onde, pó, eles retornam ao pó, onde a grande lei cíclica dispersa seus átomos.

Um dia que está próximo, quando estaremos mais esclarecidos sobre nossos destinos, nós não suportaremos mais esse aparato e esses cantos lúgubres, todas essas manifestações de um culto que responde tão pouco à realidade das coisas.

Penetrados, como nossos antepassados, pela idéia de que nossa vida é infinita, de que ela se renova incessantemente em diversos meios, nós veremos na morte somente uma transformação necessária, uma das fases da existência do progresso.

É dos gauleses que nos vem a comemoração dos mortos, essa festa do dia dois de novembro que caracteriza o nosso povo entre todos. Só que, em vez de comemorar, como nós, nos cemitérios, entre túmulos, era no lar que eles celebravam a lembrança dos amigos afastados, mas não perdidos, que eles evocavam a memória dos espíritos amados que algumas vezes se manifestavam por meio das druidisas e dos bardos inspirados.

Henri Martin, na sua *Histoire de France*, volume I, página 71, assim se expressa:

“Tudo o que se relaciona à doutrina da morte e do renascimento periódico do mundo e de todos os seres parece estar concentrado na crença e nos ritos do primeiro de novembro.

Noite cheia de mistérios que o Druidismo legou para o Cristianismo e que o dobre de finados anuncia, ainda hoje, a todos os povos católicos esquecidos das origens desta antiga comemoração. Cada uma das grandes regiões do mundo gallo-kímrico tinha um centro ou ambiente sagrado a cuja jurisdição correspondiam todas as partes do território confederado. Nesse centro queimava um fogo perpétuo que era chamado de “fogo-pai”.

Na noite de primeiro de novembro, conforme as tradições irlandesas, os druidas se reuniam em volta do “fogo-pai”, guardado por um pontífice forjador, e o extinguíam. A este sinal, pouco a pouco, se apagavam todos os fogos; por toda parte reinava um silêncio de morte, a natureza inteira parecia mergulhada em uma noite primitiva. De repente, o fogo bri-

lhava de novo sobre a montanha santa e gritos de alegria re-
bentavam de todas as partes. A chama cedida pelo “fogo-
pai” corria de foco em foco, de uma ponta a outra, e reani-
mava a vida em toda parte.”

* * *

À questão do culto dos mortos entre os celtas está ligada a
lembrança de Carnac com seus monumentos megalíticos.

Todos os celtistas conhecem esta imensa necrópole, que se
estendia por muitas léguas de comprimento desde Locmariaquer
até Erdeven. Os alinhamentos de menires, hoje em parte destruí-
dos, contavam ainda com milhares de pedras levantadas na Idade
Média. Deve-se ver nessas longas filas sombrias outros tantos
monumentos funerários? Tem-se duvidado, porque, nas escava-
ções praticadas ao pé dos menires, somente foram encontrados
raros fósseis humanos. O espírito Allan Kardec nos assegura
que, escavando-se mais profundamente, ter-se-ia encontrado
mais ossadas. As grutas sepulcrais de Locmariaquer, os dolmens
de Erdeven e de outros lugares não deixam dúvidas quanto ao
destino desse vasto campo fúnebre. Os menires constituíam os
túmulos de chefes políticos ou religiosos, enquanto que as grutas
e os dolmens recebiam os restos mortais de personagens menos
elevados na ordem social.

Na sua *Histoire de la Gaule*, Camille Jullian escreveu que os
cortejos fúnebres se dirigiam para essa região vindos de vários
pontos da Gália.

Qual era, então, o pensamento mestre que agrupava todos es-
ses mortos na extremidade do continente? Muitos escritores
tentaram descobri-lo, sem o conseguir. Entretanto, a explicação
parece ser a seguinte:

Ante os horizontes infinitos do mar e do céu, acreditava-se,
então, que o vôo das almas era mais fácil em direção desses
mundos que brilham no além, no seio das noites, ou em direção
aos lugares que se sombreiam, durante o entardecer, nas brumas
do poente. Essas praias varridas pelas ondas, essas fronteiras de
uma vastidão desconhecida tinham, para nossos antepassados,
um caráter misterioso e sagrado.

Camille Jullian e outros historiadores atribuem o levantamento dos monumentos megalíticos a povos anteriores aos celtas e particularmente aos lígures, povo meridional de cabelos marrons e de pequena estatura. Ora, esses escritores esquecem que esses monumentos se elevam em todo o ocidente da Europa até nas Ilhas Órcades e Shetland, situadas na ponta extrema da Escócia, nas brumas do mar do Norte. Pode-se contar 145 monumentos em todo o arquipélago. O grupo de pedras de Stonehenge, na Câmbrria, Inglaterra, compreende 144 pedras elevadas, formando um conjunto que parece ser o complemento dos alinhamentos de Carnac (França).

Pode-se também assinalar o “túmulo de Taliésin”, situado na base do maciço de Plynlimmon, cercado de dois círculos de pedras, e o grande dólmen da península de Gower, no País de Gales. Na entrada de Clyde todos os picos são rodeados por megálitos. Mencionamos ainda os monumentos da Escócia, chamados “Casa dos Pictos”; e na Irlanda, no Donegal, 67 pedras elevadas formando um grupo comparável ao de Stonehenge.

Nessas sepulturas – dolmens, grutas funerárias e túmulos pré-históricos de todas as dimensões – encontram-se objetos diversos misturados com restos humanos calcinados ou com esqueletos inteiros. São sílex brutos ou polidos, urnas, armas e até foices de ouro que serviam para o culto. Esses objetos pertenciam, portanto, a todas as épocas, desde priscas eras: paleolíticas, neolíticas, idades do bronze e do ferro. É preciso então atribuir esses vestígios aos celtas e não aos lígures ou pelasgos, povos pouco conhecidos, dos quais se ignora a língua e mesmo a localização exata.

Crer que esses monumentos sejam obra sua seria pretender que os gauleses, tão laboriosos e engenhosos em outras matérias, não tenham deixado nenhum rastro no país que eles habitaram durante séculos.

Os megálitos não consistem somente em sepulturas, mas também em monumentos consagrados ao culto. Os mais importantes são os “cromlechs”, ou círculos de pedras, no centro dos quais se ergue geralmente um grande menir. Alguns são duplos e triplos e representam, então, os três círculos da vida universal,

conforme as indicações das *Triades*. Nesses lugares praticavam-se os ritos divinos e se evocavam as almas dos mortos.

Entre essas pedras, algumas representavam o mesmo papel que o das mesas falantes de nossos dias e respondiam, pelos seus movimentos, às questões dos assistentes. Assim, o *Manuel pour servir à l'étude de l'antiquité celtique*, na página 253, cita a pedra falante “cloch labhrais”, que dava respostas, como a “lech lavar” dos gauleses.

Acrescentamos, de memória, que os autores antigos atribuíam aos druidas uma potente mágica, completamente esquecida atualmente, e da qual encontram-se somente resquícios nas práticas do hipnotismo, do magnetismo e do faquirismo. Plínio denominava os druidas de “Magi”, nome que lhes é constantemente dado nos textos latinos e irlandeses, afirma Dom Gougaud, beneditino inglês, no seu livro *Les Chrétientés Celtiques*.⁵⁸

Segundo esse autor, os druidas tinham os seguintes poderes: “condensações da neblina, precipitações atmosféricas, tempestades sobre o mar e sobre a terra, etc”. Ele acrescenta que “o druida Fraechan Mac Tenuisain protegia a armada do rei da Irlanda, Diarmait Mac Cerbaill contra o inimigo, por meio de uma barreira mágica (*airbe druad*) que ele traçou na frente dela. Todos os que atravessavam essa muralha fluídica eram feridos de morte. Todos os velhos textos irlandeses estão repletos de feitos semelhantes.”

Quase sempre, os círculos de pedras dos quais falamos estavam dispostos nas clareiras das florestas, porque, em matéria religiosa, a floresta sempre guarda para os celtas seu prestígio augusto e sagrado.

Na época dos druidas a natureza não estava ainda alterada pela influência nociva, pela corrente destruidora das paixões. Ela era como o grande médium, o intermediário poderoso entre o Céu e a Terra. Os druidas, sob a abóbada das árvores seculares, cujos cumes eram como antenas que atraíam as radiações do espaço, recebiam mais facilmente as intuições, as inspirações, os ensinamentos do alto. Ainda hoje, apesar de tantas destruições sofridas, a floresta não nos causa uma impressão salutar e reconfor-

tante por seus eflúvios, uma espécie de dilatação da alma? É, pelo menos, o que eu experimentei tantas vezes.

Certas pessoas, privadas de faculdades mediúnicas, perguntam-me como fazer para entrar em relação com o invisível. Sobre isso respondo: “Afastai-vos do barulho das cidades, entrai numa floresta, é na solidão dos grandes bosques que se julga melhor a vaidade das coisas humanas e a loucura das paixões. Nessas horas de recolhimento, parece que um diálogo interior se estabelece entre a alma humana e as potências do além. Todas as vozes da natureza se unem, os murmúrios que a Terra e o espaço sussurram para o ouvido atento, tudo nos fala das coisas divinas, nos esclarece com conselhos de sabedoria e nos ensina o dever. É o que dizia Joana d’Arc a seus interrogadores de Rouen que lhe perguntavam se ela ouvia sempre suas vozes: “O barulho das prisões me impede de as perceber, mas se me levarem para qualquer floresta eu as ouvirei bem.”

O mesmo ocorre com a ciência dos mundos; é uma fonte incomparável de elevação, porque ela nos revela todo o gênio do Criador. No interior dos recintos sagrados, os druidas se dedicavam a observações cuidadosas e para esse objetivo possuíam meios que provocavam a admiração dos antigos.

É um fato que o desfile imponente dos astros, durante as noites claras de inverno, torna-se um dos espetáculos mais impressionantes que a alma humana pode apreciar. Uma paz serena desce do espaço, parece que se está num imenso templo, o pensamento, então, se eleva num impulso mais rápido para essas regiões superiores e interroga esses milhares de mundos cujas sutis radiações parecem responder a seus apelos.

A aplicação das forças radiantes aos usos terrestres permite crer que uma transmissão, mesmo física, não é impossível através dos abismos do espaço.

As estradas do destino que nos são abertas nos ligam estreitamente a esse esplêndido Universo, do qual somos, como espíritos, um elemento imperecível; seu futuro é o nosso, nós prosseguimos com ele e nele está nossa evolução, nós participaremos de sua obra, de sua vida, de modo sempre crescente.

CAPÍTULO X

Considerações políticas e sociais. Papel da mulher. A influência céltica. As artes. Liberdade e livre-arbítrio

No início desta obra esboçamos, por alto, a organização da Gália. Sublinhamos as usurpações da aristocracia, a divisão dos chefes, a rivalidade das tribos, as diversas causas que a levaram à perda da independência.

Os druidas, como já descrevemos, viviam distantes das cidades ruidosas, nos santuários da natureza, e tinham, por isso mesmo, mais facilidade de entrar em relação com o mundo oculto e dele receber inspirações. Esse fato é que os fazia dizer que não são as coisas visíveis que nos conduzem, mas, de preferência, as coisas invisíveis. É devido a isso que eles pesquisavam o invisível e se afastavam, às vezes, do mundo real e das contingências humanas. Sua influência nem sempre era suficiente para comprimir a impetuosidade das paixões reinantes nessa raça gaulesa, jovem, ardente, sem experiência, arrebatada pelo excesso de sua vitalidade.

A liberdade e o direito eleitoral eram, portanto, as próprias bases da ordem social, mas os chefes eleitos estavam cercados por um grupo de homens armados, cavaleiros, escudeiros, que estavam presos à sua sorte, e se seus chefes fossem mortos, morriam com eles. Graças a essa força, a aristocracia desempenhava uma autoridade que degenerava, às vezes, em opressão sobre as classes populares. Vimos, anteriormente, como a discórdia e a indisciplina provocaram a queda da Gália, e não voltaremos ao assunto. Resta-nos, agora, falar da mulher e de seu papel social, que era grande.

A mulher era honrada e respeitada entre os gauleses; considerada como igual ao homem, ela podia escolher seu esposo e gozava da metade dos bens comuns. A educação das crianças lhe era confiada até que atingissem a idade militar. Às vezes, encarregada de funções oficiais, a mulher trabalhava na diplomacia e

conseguia resolver problemas árdios, controlar conflitos graves, como a história relata com destaque.

Sua castidade igualava a sua coragem; sabe-se, também, que as mulheres gaulesas não hesitaram em morrer, após a derrota dos “kymris” em Pourrières, a fim de não cair nas mãos dos soldados de Mário e tornarem-se vítimas de seus excessos.

Mas o que dava a real medida do respeito que cercava a mulher na Gália era a parte que lhe estava reservada no sacerdócio. As druidisas realizavam oráculos e presidiam as cerimônias do culto. Enquanto que outra religião, pelo dogma do pecado original, denegriu a mulher durante séculos, tornando-a responsável pela decadência do gênero humano, os druidas viam nela seus dons de adivinhação e a faziam intérprete natural do mundo dos espíritos.⁵⁹

As ilhas do oceano (Atlântico) possuíam vários santuários onde se praticava a evocação dos mortos.

Foram necessários longos séculos para reabilitar a mulher e devolver-lhe seu papel predestinado; Joana d’Arc e muitas outras ilustres inspiradas foram levadas à fogueira por terem recebido os dons do céu. Coube ao espiritualismo moderno reconhecer as faculdades psíquicas da mulher e, apesar de certos abusos inerentes às coisas humanas, a missão que ela pode realizar na parte experimental e nas revelações do mundo invisível.

* * *

Seria pueril restringir a influência céltica aos limites dos territórios habitados pelos homens dessa raça. A questão das fronteiras aqui não interessa, pois se trata da irradiação de um grande pensamento através do mundo sob formas diversas, de uma colaboração eficiente à obra geral da civilização e do progresso.

Antes de tudo, é uma doutrina poderosa, suscetível de regenerar toda a Filosofia, resolvendo os problemas difíceis da vida e da morte e abrindo à alma as perspectivas de um futuro sem limites. Mas o gênio céltico se manifesta também em formas de arte, sobretudo na poesia e na música. Neste último campo, os estrangeiros, principalmente os alemães, lhe tomaram numerosos empréstimos, como estabeleceu o Sr. Le Goffic.

A música gaulesa exprime um sentimento profundo da natureza. Ela está assinalada por uma melancolia penetrante que lhe dá uma originalidade, um sabor particular. Quanto à poesia, deve-se consultar a obra volumosa do Sr. H. de la Villemarqué,⁶⁰ para se atestar a sua riqueza e a sua variedade. Atualmente, surge além da Mancha um florescimento da arte céltica, que tem suas repercussões no continente.

Na poesia, os gauleses parecem ter sido os inventores da rima, tendo por base os testemunhos irlandeses. Seus cantos de guerra e de amor estão marcados por uma grandeza viril.

Bosc e Bonnemère, na sua *Histoire des Gaulois*, enumeram as obras teatrais e líricas que lhes devem ser atribuídas. Suas cerâmicas, suas armas, suas bijuterias constituem uma arte real. A prova disso foi verificada nos resultados das escavações e pesquisas feitas nos dolmens e túmulos funerários, que revelaram um grande número de objetos de trabalho delicado.

Quando se quiser verificar a participação do Celtismo em tudo que ilustrou a Inglaterra, tanto no domínio do pensamento como no da aplicação, ver-se-á, com surpresa, a importância das contribuições vindas dessa parte. Entre os ingleses célebres, muitos foram influenciados. Assegura-se que um dos seus maiores gênios, Shakespeare, foi fortemente impregnado pelo Celtismo, tendo nascido e vivido longo tempo em Stratford on Avon, isto é, nos confins da Câmbrica (País de Gales).

Se, apesar de todas as opressões e perseguições sofridas, o gênio céltico pôde expandir-se em tantas obras importantes e graciosas, o que não se deve esperar dele quando, tendo recuperado sua plena independência, puder dar livre impulso às suas esperanças e seus sonhos?

A maior glória do Celtismo será, após ter guardado silenciosamente, durante séculos, o contato com o mundo invisível, a de revelar, para nossas sociedades decadentes, a existência desse imenso reservatório de força e de vida que nos cerca e os meios de nele se abeberar com sabedoria e ponderação. Pois somente tornando-se comuns os recursos e as potências dos dois mundos,

o visível e o invisível, é que se abrirá uma nova era, e uma civilização superior e mais bela brilhará para a humanidade!

* * *

Nossos antepassados, dizíamos, tinham feito do princípio da liberdade a base de suas instituições sociais e, ao mesmo tempo, o coroamento de sua filosofia, visto que a liberdade social ocasiona, logicamente, a liberdade moral, a da alma na Terra e no espaço. Aqui aparece a questão, tão controvertida, da liberdade e do livre-arbítrio, duas palavras para uma mesma idéia, porque o livre-arbítrio é a aplicação individual do princípio da liberdade.

A liberdade é a condição essencial do desenvolvimento, do progresso e da evolução do homem. A lei de evolução, deixando-nos o cuidado de edificarmos, através dos tempos, a nossa personalidade, a nossa consciência e, portanto, nosso destino, deve nos fornecer os meios para isso, assegurando-nos o exercício de nossa livre escolha entre o bem e o mal, visto que os méritos adquiridos constituem o preço de nossa elevação.

O mesmo ocorre quanto às conseqüências dos atos, o encadernamento das causas e dos efeitos que recaem sobre nós. Daí a nossa responsabilidade, inseparável de nosso livre-arbítrio, sem o qual o ser não seria mais do que um brinquedo, uma espécie de marionete nas mãos de uma potência externa, por conseqüência, um ser desprovido de originalidade e sem grandeza.

Tendo em vista a imensa trajetória que a alma deve realizar através do tempo e do espaço, ela deve possuir o livre exercício de suas faculdades, a inteira disposição das energias que Deus colocou nela, com os meios de desenvolvê-las. Que confiança poderíamos ter no futuro, se nós nos sentimos os brinquedos cegos de uma força desconhecida, sem vontade, sem energia moral?

Eis por que os druidas afirmavam o princípio da liberdade desde a primeira *Triade* e, mais explicitamente, nas *Triades* 22, 23 e 24:

22 – Três primeiras coisas simultaneamente criadas: o homem, a liberdade, a luz.

23 – Três necessidades do homem: sofrer, renovar-se (progredir), escolher.

24 – Três alternativas do homem: “Abred” e “Gwynfyd”, necessidade e liberdade, mal e bem, todas as coisas estando em equilíbrio, e o homem tendo o poder de se ligar a uma ou a outra, conforme a sua vontade.

Vão me contrapor, sem dúvida, a diferença nos homens das faculdades, das vontades, dos caracteres, a força moral de uns e a fraqueza de outros. Em face de um ato desleal, mas vantajoso, ou ante a sedução das paixões, um homem poderá se deixar seduzir enquanto que outro ficará firme, inabalável. Como medir a parte da liberdade atribuída a cada um, como conciliar o problema do livre-arbítrio com as teorias de determinismo?

Nesse assunto, como em tudo que se relaciona à natureza íntima do ser, é preciso se elevar acima dos horizontes estreitos da vida presente e considerar as enormes perspectivas da evolução da alma. É o que os druidas souberam fazer por sua doutrina, e o que, a seu exemplo, repetem os espiritualistas modernos, pelo menos os da escola de Allan Kardec.

O círculo estreito dos conhecimentos, a exigüidade de nosso campo de observação, a ignorância geral das origens e dos fins são obstáculos à solução dos grandes problemas. É preciso, para resolvê-los, elevar-se bem alto pelo pensamento e considerar o conjunto das vidas da alma, sua lenta ascensão através dos séculos; então, tudo que parecia confuso, obscuro, inexplicável, torna-se claro, dissipa-se.

Compreendemos como nossa personalidade se engrandece, pouco a pouco, pelas relações sucessivas de nossas vidas, como a experiência e o julgamento se desenvolvem, e como nossa liberdade se afirma, cada vez mais, à medida que a nossa evolução se acentua e que participamos mais intimamente na comunhão universal.

No início de sua imensa trajetória, o ser ignorante, inexperiente, é submetido firmemente às leis universais que comprimem e limitam a sua ação. É o período inferior. Mas, à medida que ele se eleva na escala dos mundos, seu livre-arbítrio adquire uma amplitude sempre maior, até que, tendo atingido as alturas celestes, seu pensamento, sua vontade e suas vibrações fluídicas se acham em harmonia perfeita, isto é, em sincronismo com o

pensamento e a vontade divina; seu livre-arbítrio é definitivo, porque ele não pode mais falhar.

Àqueles que exigem axiomas ou fórmulas científicas pode-se dizer: o livre-arbítrio está, para cada um de nós, em relação direta com as perfeições conquistadas; o determinismo está em razão inversa com o progresso da evolução.

Apresentam-nos como oposição a previsão do futuro entre certas pessoas. Mergulhando-se até às causas do passado, é possível deduzir-lhe o porvir e predizer os acontecimentos futuros na medida em que eles são a resultante lógica dos atos livremente cumpridos, o feixe dos fatos anteriores que se desenrolam, através dos tempos, na sua ordem lógica e implacável. Ora, a reconstituição do passado pode ser obtida nos fenômenos de exteriorização,⁶¹ como também nas revelações dos espíritos, bastante evoluídos para reencontrar, na memória subconsciente dos pacientes, o encadeamento de suas vidas anteriores.

É assim que o espiritualismo experimental nos demonstra, por fatos, a existência do livre-arbítrio e nos fornece a prova de que, sobre este ponto, como em tantos outros, nossos antepassados não se enganaram.

Entretanto, é preciso reconhecer que, com o nosso planeta ocupando um grau pouco elevado na escala de evolução, o ser humano – ainda que desfrutando de uma parte de liberdade suficiente para ocasionar a responsabilidade de seus atos – não saberia possuir um livre-arbítrio absoluto. É isso que os druidas definiram nestes termos, desde a primeira *Tríade*, fazendo figurar entre as três unidades primitivas: “Um ponto de liberdade, onde se equilibram todas as oposições.”

Esta fórmula exprime a ação das leis universais que comprimem e restringem nossos meios de ação. Nenhum ser está abandonado a si mesmo; a influência providencial age sobre ele de duas maneiras: pela consciência ela nos comunica as inspirações, as intuições necessárias, tanto mais claras e precisas quanto mais aptos estivermos para recebê-las pela orientação de nosso pensamento e de nossa vida; em seguida, pela ação dos invisíveis,

que se estende sobre nós, às vezes, intensamente, para que se possa dizer que são os mortos que governam os vivos.

Cada um de nós pertence a um grupo espiritual, uma família de almas em que todos os membros são solidários e evoluem em comum. Todos esses espíritos, encarnados ou desencarnados, desempenham, uns para com os outros, alternativamente, a função de protetores ou de protegidos. Os que permanecem no espaço ajudam, inspiram, sustentam aqueles que vivem e sofrem na Terra. Se os homens soubessem quanta assistência lhes vem do Alto e quanta doce solicitude os envolve, eles teriam mais segurança, mais confiança na lei superior de justiça e de harmonia que rege os seres e os mundos. Eles prestariam mais atenção nas sugestões benéficas das quais eles são objeto, em vez de permanecerem insensíveis e indiferentes a elas, por efeito de uma liberdade mal empregada. Essas sugestões foram tais que se pode afirmar que, por intermédio de nossa consciência, entramos em contato com as coisas divinas.

Cada grupo de almas é dirigido e inspirado por um ou mais espíritos eminentes cujos méritos os fizeram chegar às alturas celestes, ao círculo de “Gwynfyd”, de onde a irradiação de sua sabedoria e de sua experiência se estende, através das distâncias, até os membros de sua família ainda atrasados nos mundos da matéria.

Em outra parte descrevemos, conforme as lições de nossos guias, as condições da vida celeste, as grandes tarefas e as nobres missões que ela comporta, o crescimento gradual das percepções e das sensações, a participação sempre mais intensa na obra eterna de poder e de beleza que é o Universo e as felicidades obtidas ao preço de numerosas existências de trabalho, de estudo e de provas.

Deus, dizem as *Triades*, atribui a cada alma nova o “Awen”, parcela de gênio que ela é chamada a desenvolver, na seqüência dos tempos, de modo a transformar, pouco a pouco, essa centelha primitiva em um foco radiante que dote o espírito de uma luz imperecível.

TERCEIRA PARTE

O mundo invisível

CAPÍTULO XI

A experimentação espírita

Vimos que os druidas só concediam a iniciação a discípulos escolhidos, submetidos a um treinamento intelectual e moral demorado. Segundo afirmações de autores antigos, esses estudos podiam durar muitos anos e comportar o conhecimento de vinte mil versos. Realmente, o verso, pelo seu ritmo, se fixa mais facilmente na memória, ele não se altera, nem se deforma como a prosa, e conserva, por mais longo tempo, o seu sentido exato, sua primeira originalidade.

Portanto, só após uma longa e paciente reparação é que os discípulos podiam ser admitidos para participar dos ritos sagrados, que eram, na verdade, a comunicação com os espíritos superiores e a prática de seus ensinamentos. Esses eram transmitidos ao povo sob uma forma mais concreta e, às vezes, metafórica, sempre aceita com respeito, pois o druida era objeto de uma grande veneração.

Hoje é bem diferente: os recém-chegados, sem preparação, sem estudos, sem cuidados, crêem poder entrar em relação com os seres invisíveis que os cercam. Não se teme aventurar-se sem guia, nem bússola, no oceano de forças e de vida em que estamos imersos. Ignora-se, em demasia, que uma multidão de espíritos inferiores rodeie o ambiente terrestre, ao qual ela está ligada por seus fluidos materiais. São eles os que respondem, de mais bom grado, aos chamados dos homens com finalidades de divertimento, e muito pouco se pode esperar desse ambiente onde reinam as mais diversas influências, às vezes más, como aquelas muito conhecidas dos misticistas e dos obsessores. E daí o descrédito que recai, em certos casos, sobre as práticas desprovidas de regra, de método e de seriedade.

Não se deve ficar indiferente, sem dúvida, aos apelos misteriosos, aos ruídos, aos golpes que se ouvem à noite em nossas moradias, e que parecem ser promessas de assistência, de proteção, às vezes bem necessárias. Sim, devemos nos prestar a convites desse gênero, pois eles podem provir de amigos invisíveis que nos pedem socorro, ou ser o prenúncio de conselhos, de revelações, de ensinamentos preciosos nos tempos de provas que vivemos. Porém, logo que encontremos um meio de comunicação que se adapte às nossas possibilidades psíquicas, não devemos hesitar em exigir, dos que se manifestam a nós, as provas formais de identidade e empregar em todas as nossas relações com o além esse rigoroso espírito de controle e de exame escrupuloso que não deixa lugar algum às trapaças dos espíritos levianos.⁶²

Os espíritas conservam uma idéia regeneradora, bela e fecunda, que não devem deixar ocultar nem depreciar, sob a acusação de credulidade que lhes é dispensada. As verdades superiores não se adquirem sem dificuldade. Só por nossos esforços repetidos para nos livrar das incertezas, das trevas, é que os véus da matéria se levantam e as saídas se abrem para a vida espiritual, a vida infinita!

O Espiritismo, após 75 anos de experimentação e de trabalhos, tornou-se uma fonte de luz e de ensinamentos. Sua doutrina resulta de mensagens espirituais obtidas por todos os processos mediúnicos, em todos os países, e se completam, controlam-se umas às outras. Até o momento, as religiões e as filosofias somente apresentavam, sobre as condições de vida no Além, simples hipóteses. Atualmente, os que lá vivem descrevem essa vida por si mesmos e nos falam das leis da reencarnação. Com efeito, com algumas exceções assinaladas entre os anglo-saxões, cujo número diminui dia a dia, há uma quantidade enorme de documentos, de testemunhos concordantes, recolhidos desde a América do Sul até às Índias e o Japão, a favor da reencarnação.

Não é mais, como no passado, um pensador isolado ou mesmo um grupo de pensadores, que vem mostrar à humanidade o caminho que ele pensa ser verdadeiro; é o mundo invisível, todo ele, que se agita e se esforça para tirar o pensamento humano de

suas rotinas, de seus erros, e de lhe revelar, como nos tempos dos druidas, a lei divina da evolução. São nossos próprios parentes e amigos mortos que nos expõem sua situação boa ou má, e a consequência de seus atos, durante sessões ricas de provas de identidade.

Censura-se sempre os espíritas por darem mais importância à teoria do que à prática experimental. No Congresso Oficial de Psicologia de 1900, um sábio nos objetava: “O Espiritismo não é uma ciência, é uma doutrina”. Certamente, consideramos sempre o fato como sendo a base, o fundamento do Espiritismo.

Sabemos que a ciência vê na experimentação o meio mais seguro de chegar ao conhecimento das causas e das leis; mas estas permanecem obscuras, inacessíveis em muitos casos, sem uma teoria que as esclareça e as torne precisas. Quantos pesquisadores ficaram desorientados no emaranhado dos fatos, perdidos no labirinto dos fenômenos, e terminaram por se desanimar e renunciar a todas as pesquisas, devido à falta de um fundamento geral que religasse e explicasse esses fatos. O eminente Charles Richet, após ter feito experiências durante toda a sua vida, registrou os resultados de suas pesquisas em um grande volume (*Tratado de Metapsíquica*), sem conseguir obter uma conclusão.

Poder-se-ia chegar, pelo estudo dos infinitamente pequenos, a uma concepção geral do Universo? Poder-se-ia, pelas manipulações de laboratório, alcançar a compreensão da unidade da substância? Se Newton não tivesse a idéia prévia da gravitação, teria dado alguma importância à queda da maçã? Se Galileu não tivesse a intuição do movimento da Terra, teria prestado atenção às oscilações do candelabro de bronze da catedral de Pisa? A teoria nos parece inseparável da experiência, ela deve mesmo precedê-la, a fim de guiar o observador, a quem a experiência servirá de controle.

Censuram-nos por chegarmos a conclusões muito apressadamente! Ora, eis aqui fenômenos que se produzem desde os primeiros séculos da história. Eles são comprovados experimental e cientificamente desde cerca de cem anos, e ainda assim alguns acham que nossas conclusões são prematuras! Mas em mil anos, ainda haverá os retardatários que acharão que é muito

cedo para concluir. A humanidade experimenta uma necessidade imperiosa de saber, e a desordem moral que castiga a nossa época é devida, em grande parte, à incerteza que reina ainda sobre esta questão essencial da sobrevivência.

Quando, na minha distante juventude, vi um dia, na vitrine de uma livraria as duas primeiras obras de Allan Kardec, logo as adquiri e absorvi seu conteúdo. Nelas encontrei uma solução clara, completa, lógica do problema universal, e minha convicção ficou assegurada.

Entretanto, apesar de minha juventude, já havia passado pelas alternativas da crença católica e do cepticismo materialista, mas em parte alguma encontrei a chave do mistério da vida. A teoria espírita dissipou minha indiferença e minhas dúvidas. Como tantos outros, pesquisei as provas, os fatos exatos que viessem apoiar minha fé; mas esses fatos demoraram a aparecer. No início, insignificantes, contraditórios, mesclados de fraudes e de mistificações, eles estavam longe de me satisfazer, e eu teria renunciado, mais uma vez, a toda investigação, se não fosse sustentado por uma teoria sólida e princípios elevados.

Parece, de fato, que o invisível queria nos experimentar, medir nosso grau de perseverança, exigir uma certa madureza de espírito, antes de nos dar seus segredos. Todo bem moral, toda conquista da alma e do coração parece que deve ser precedida por uma iniciação dolorosa. Enfim, os fenômenos chegaram, comprováveis e notórios. Foram as aparições materializadas, na presença de muitas testemunhas, cujas sensações concordavam; os casos de escrita direta, em plena luz, chegando do Alto, fora do alcance dos assistentes, e que continham predições que foram, desde então, realizadas.

Depois, foram as entidades de valor que se manifestaram por todos os meios à sua disposição, inicialmente pela mesa, depois pela escrita automática, enfim, e sobretudo pelas incorporações, processo com o auxílio do qual eu conversei com meus guias espirituais, assim como com os homens. Sua colaboração foi preciosa para a redação das minhas obras, pelas informações recolhidas sobre as condições de vida no Além e sobre todos os problemas que abordei.

Esses espíritos se comunicaram por diversos médiuns, que não se conheciam. Qualquer que fosse o intermediário escolhido, eles apresentavam sempre caracteres pessoais muito contrastantes, alguns de uma originalidade notável, se bem que de uma grande elevação, com detalhes psicológicos, provas de identidade que constituíam o critério de certeza dos mais absolutos. Como é que esses médiuns, que se ignoravam entre si, ou mesmo seus subconscientes, poderiam ter se entendido para imitar e reproduzir caracteres tão distintos, e portanto sempre idênticos a si mesmos, com uma constância e uma fidelidade que persistem há cinquenta anos? Pois, há quase meio século que esses fenômenos se desenrolam ao meu redor com uma regularidade matemática, salvo em casos de algumas lacunas, como, por exemplo, quando um dos médiuns desaparece e é preciso um certo tempo para se encontrar um outro sensitivo apropriado.

Eu possuo sete grandes volumes de comunicações recebidas no grupo que por grande tempo dirigi e que respondem a todas as questões que a inquietude humana apresenta à sabedoria dos invisíveis. Ora, todos aqueles que consultaram posteriormente esses arquivos ficaram impressionados pela beleza do estilo, assim como pela profundidade das idéias apresentadas. Talvez, um dia, essas mensagens sejam publicadas. Então, ver-se-á que nas minhas obras, eu não fui inspirado somente pelas minhas próprias vistas, mas sobretudo por aquelas do Além. Reconhecer-se-á, sob a variedade das formas, uma grande unidade de princípios e uma perfeita analogia com os ensinamentos obtidos dos espíritos guias, em todos os meios, e nos quais Allan Kardec se inspirou para traçar as grandes linhas de sua doutrina.

Depois da guerra (a 1ª Guerra Mundial) nossos instrutores continuaram a se manifestar por vários médiuns. Através desses diversos mediadores, a personalidade de cada um deles se confirmou pelo seu caráter próprio, de modo a afastar toda possibilidade de simulação. Pode-se acompanhar, de ano a ano, na *Revue Spirite*, a quintessência dos ensinamentos que nos foram dados sobre assuntos sempre substanciais e elevados.

Então, ao se aproximar o Congresso de 1925, foi o grande Iniciador, ele mesmo, que veio nos certificar de seu concurso e

nos esclarecer com seus conselhos. Atualmente ainda é ele, Allan Kardec, quem nos anima a publicar este estudo sobre o gênio céltico e a reencarnação, como se poderá verificar pelas mensagens publicadas mais adiante.

Peço desculpas aos meus leitores por fazer intervir tanto minha própria personalidade, mas como poderia dedicar-me a uma análise dessa natureza senão sobre mim mesmo e sobre meus trabalhos?

Chego, agora, a viver com os espíritos quase tanto quanto com os homens, a sentir sua influência e distinguir a sua presença pelas sensações fluídicas que experimento. Sei que essas almas constituem minha família espiritual. Liames bem antigos me unem a elas, liames que se fortificam todos os dias, pela proteção que elas me concedem e o reconhecimento que lhes consagro.

O peso dos anos se faz sentir e minha cabeça branca se inclina em direção do túmulo, mas sei que a morte é apenas uma saída que se abre para a vida infinita. Atravessando esse limiar, estou certo de encontrar essas queridas almas protetoras, assim como os numerosos amigos com os quais lutei aqui por uma causa sagrada. Iremos juntos visitar esses mundos maravilhosos que contemplei e admirei freqüentemente no silêncio das noites e que são, para mim, testemunhos do poder, da sabedoria e do gênio do Criador.

Na sua obra *Evolução Biológica e Espiritual do Homem*, Oliver Lodge fala com entusiasmo “dessas grandes estrelas que são um milhão de vezes maiores do que o Sol e cenários de fenômenos prodigiosos”.

Mais tarde, reviveremos juntos, nesses mundos, a fim de continuar nossos trabalhos, nossa ascensão comum em direção às regiões serenas de paz e de luz.

E quando relembro todas as belezas dessa revelação, todas as promessas de um futuro sem-fim, sinto-me tomado por uma imensa piedade por todos aqueles que, em suas provas, não são sustentados pela perspectiva das vidas futuras, e cujo estreito

horizonte se limita ao nosso mundo de sangue, de lama e de lágrimas.

* * *

Deve-se admirar se for pequeno o número de sábios oficiais que admitem a realidade dos fatos espíritas? Não, se se considerar que o preconceito e o espírito de rotina existem, de forma acentuada, na maioria deles. Todos aqueles que souberam se libertar desses empecilhos reconheceram a intervenção de espíritos nos fenômenos e a existência de um mundo invisível, tais como William Crookes, Russel Wallace, Myers, Oliver Lodge, o professor Barrett, Lombroso, etc.

Os espíritas que não são cientistas possuem uma grande vantagem sobre os sábios de carreira. Se estes são, às vezes, desprovidos de conhecimentos técnicos, em compensação conservam a liberdade de pensamento e a independência de espírito, tão necessários para a interpretação dos fatos. Porque eles consideraram esses fatos em si mesmos e não à luz difusa das teorias preconcebidas. Se experimentaram algumas decepções nas suas pesquisas, não lhes foi de todo mal, pois com essas decepções sua experiência se formou. Não se pode ignorar-lhes o mérito de haverem, desde o princípio, explorado os domínios da vida que outros, saturados de fórmulas e de teorias, declararam in-existent. Por aí eles abriram o caminho para descobertas que levam a uma verdadeira revolução em todos os domínios da ciência.

Quando a história pesquisar as origens do movimento espírita, após ter glorificado os sábios dos quais citamos os nomes com respeito, ela fará justiça a essa multidão anônima, a esses pesquisadores obscuros que, no mundo inteiro, exploraram as veredas da vida invisível e restabeleceram o contato entre as duas humanidades, contato que estava perdido há séculos.

Foi o trabalho paciente e desinteressado desses observadores desconhecidos que obrigou os observadores oficiais a se ocuparem de uma questão tão importante como a prova da sobrevivência e a colaboração do visível e do invisível. São eles que proporcionam aos técnicos os intermediários necessários, médiuns e pacientes, sem os quais eles nada poderiam obter, porque não é

entre eles que se acham as faculdades psíquicas, os sentidos especiais que abrem esses vastos domínios para nossas investigações.

Compreender-se-ão nossas reservas sobre o movimento psiquista oficial na França. Após anos de tentativas e a criação de centros de pesquisas, de institutos especiais, nós devemos constatar a mediocridade dos resultados obtidos.

Ainda não podemos, no presente momento, em nosso país, citar um só nome de sábio oficial que esteja relacionado às altas verdades psíquicas, embora na Inglaterra e na América existam dezenas desses sábios.

Certos psiquistas e metapsiquistas se esforçam em reduzir o conjunto dos fenômenos espíritas a uma extensão anormal das faculdades mediúnicas. Isto constitui uma explicação arbitrária, tão abusiva quanto a teoria espírita que consistiria em atribuir todos os fatos de ordem oculta à intervenção dos espíritos. Há um exagero, tanto de um lado quanto de outro, e a verdade se acha no meio termo. Para todos aqueles que aprofundaram a questão, os fatos de animismo, tanto quanto as manifestações dos mortos, se relacionam e se completam entre si e lançam uma luz igual sobre os aspectos obscuros e misteriosos da natureza humana.

A teoria do subconsciente, da qual tanto se usou e abusou em certos meios, não é outra coisa senão um domínio mais amplo da memória, envolvendo as lembranças das anterioridades da alma e as aquisições de suas vidas passadas, como já o demonstramos, amplamente, em outra parte.⁶³

No passar dos séculos, a ciência por longo tempo se inspirou em princípios superiores do conhecimento que a dominavam e a dirigiam. As contingências não a interessavam a não ser à medida que vinham confirmar esses princípios. Hoje, a ciência prefere estudar o fenômeno em si mesmo, de uma maneira completamente terra a terra e material. Não é mais pelas altas faculdades do ser que ela procura adquirir a verdade, isto é, pelo que há de mais nobre em nós: a razão, a intuição e o julgamento, mas pelo testemunho dos sentidos, ou seja, pelo que há de mais inferior,

pois o testemunho dos sentidos é enganador, como provaram tantas descobertas do gênio.

* * *

A força do Espiritismo está, ao mesmo tempo, no seu ensino e nas provas que lhe servem de apoio. Ele mostra para todos os homens o objetivo da vida terrestre, os meios de preparação da vida espiritual que é a sua seqüência. Esse objetivo, esses meios são comuns para todos os habitantes da Terra, e isso será um novo elo que os unirá, elo mais possante do que todos os outros, porque a solidariedade, a paz e a harmonia entre os povos só poderão se estabelecer pela solidariedade de idéias, de crenças e de aspirações. Os homens, em primeiro lugar, são espíritos, e somente o Espiritismo lhes revela as leis superiores do espírito; seu ensino resume os princípios essenciais de todas as religiões, esclarece-as, completa-as e adapta-as às necessidades dos tempos modernos.

Pela cooperação do mundo invisível, que se manifesta sobre toda a Terra, ele oferece uma base moral, uma base comum para a educação universal. A Sociedade das Nações está qualificada para apresentar os primeiros marcos dessa imensa renovação. Ela criou, sob o nome de “Escritório da Cooperação Intelectual Internacional”, uma obra indicada para a realização desse vasto programa, obra que eminentes espiritualistas, como os Srs. Bergson, de Jouvenel e a Sra. Curie, dirigem ou já dirigiram.

Se, por razões políticas, essas duas instituições não podiam ou não queriam abraçar essa grandiosa obra de levantamento moral, o que elas não conseguiram fazer coube aos espíritos concretizá-lo.

Um Congresso Espírita Internacional, composto de cerca de mil pessoas, representando os numerosos grupos e sociedades, entre elas os delegados de uma trintena de nações estrangeiras, reuniu-se em Paris, de 6 a 12 de setembro de 1925, na sala da Sociedade dos Sábios, para constituir a Federação Espírita e Espiritualista Internacional. Esta sociedade, que possui representantes em todos os pontos do mundo, é uma organização que se

desenvolverá com o tempo e tornar-se-á uma alavanca capaz de fazer progredir o mundo do pensamento e da ciência.

Foi um espetáculo emocionante ver desfilar na tribuna homens de todas as raças e de todas as cores: hindus de turbante, negros, sendo um deles advogado, ingleses, porta-vozes de uma centena de assistentes de sua nação; americanos do Norte e do Sul, representando sociedades espiritualistas que contam com mais de cem mil adeptos, espanhóis, gregos, romenos, etc. Todos vinham afirmar, em diversas línguas, a mesma fé na sobrevivência e na evolução indefinida do ser, na existência de uma causa suprema cujo pensamento irradiante anima o Universo. Homens eminentes nas ciências e nas letras, como Sir Oliver Lodge, Sir Conan Doyle, o procurador geral Maxwell, deram suas adesões formais aos vibrantes discursos dos oradores. Sentia-se passar pela assistência o sopro inspirador de uma multidão invisível, e os videntes atestaram a presença de mortos ilustres que tomavam parte ativa na elaboração de uma grande obra.

Essa cooperação oculta torna-se geral. Mesmo nos meios mais refratários, o mundo invisível está agindo. Apesar do cuidado especial que existe no Vaticano para abafar o boato em torno das aparições de Pio X, as indiscrições dos eclesiásticos demonstram que esses fenômenos não cessaram. Voltará a Igreja a essa concepção mais justa da mediunidade que a fez colocar, em plena Capela Sistina, as sibilas na mesma ordem que os profetas, sob o pincel prestigioso de Michelangelo? Um grande escritor católico, Maurice Barrès, dizia: “As sibilas vivem ainda, porque representam a faculdade eterna e desconhecida de atingir o invisível e de nos unir a ele.”⁶⁴

Por toda parte, a idéia está em progresso e a comunhão se estreita, pouco a pouco, entre os dois mundos, entre as duas humanidades: a da Terra e a do espaço. Um dia virá em que as inteligências e os corações vibrarão sob a ação de uma fé comum. As três grandes correntes do pensamento superior, disseminadas sobre a Terra: o Budismo, o Cristianismo e o Druidismo, vão se reencontrar e se juntar no seio do Espiritualismo moderno.

Somente então a onda das paixões e dos interesses materiais será detida e uma liga de fraternidade se estabelecerá entre os

povos. A paz e a harmonia reinarão, sem restrições, sobre a Terra regenerada.

CAPÍTULO XII

Resumo e conclusão

Em resumo, pode-se dizer que, sob seu duplo aspecto, filosófico e experimental, o Espiritismo ou o Espiritualismo responde às duas tendências que caracterizam o homem moderno: o idealismo ou o realismo. Uns, isto é, todos aqueles que sabem que o fim da vida é o melhoramento, o aperfeiçoamento do ser, se ligam de preferência à Doutrina, porque ela lhes proporciona consolação, esperança e força moral. Os outros preferem a experimentação; mas esta, verificou-se, necessita de condições múltiplas e de qualidades raras, isto é, um ambiente fluídico favorável, a paciência e a perseverança, o hábito do controle e, sobretudo, um conhecimento antecipado das forças e das causas em ação nos fenômenos – conhecimento que não se adquire a não ser por meio de estudos sérios e aprofundados.

Por esses estudos, uma grande clareza se faz sobre as condições de existência no além. Estabelece-se a certeza de que o ser humano não é somente um agregado de átomos que se dispersam pela morte, mas, acima de tudo, um espírito imortal provido de uma forma invisível para nossos sentidos, de um invólucro fluídico que é o esboço do corpo material destinado a evoluir e a se aperfeiçoar através de suas vidas sucessivas e renascentes. O ensino dos espíritos, ampliando nossos horizontes, nos leva a compreender a ordem e o equilíbrio perfeitos que reinam em todas as coisas. A vida visível e a invisível formam um todo inseparável, e uma não se explica sem a outra. A nova revelação traz, então, um poderoso elemento, uma extensão ilimitada no domínio dos conhecimentos humanos. Todos os pensadores que queiram refletir seriamente sentirão sua importância e necessidade.

Na parte experimental só se obtêm resultados importantes com a assistência e a proteção dos espíritos elevados. Mas estes somente intervêm com conhecimento de causa e quando lhes apresentamos as disposições que lhes convêm.

Está provado atualmente (ver meu livro *No Invisível*) que cada um de nós está envolvido por uma atmosfera fluídica formada pelas radiações de nossos pensamentos e de nossa vontade, que varia de natureza e de brilho de modo a representar exatamente nosso grau de evolução e o valor de nossa alma. Estas radiações escapam aos nossos sentidos, mas os videntes as percebem e a fotografia reproduz seus eflúvios.

A comunicação não se torna possível e a ação dos espíritos não é realizada a não ser quando nosso estado fluídico vibra em harmonia com o dos manifestantes invisíveis.

É preciso um exercício espiritual, um longo e perseverante esforço de vontade, para colocar nossas radiações psíquicas em condições de sincronismo que permitam entrar em relação com as entidades de uma certa ordem e obter os fenômenos intelectuais que são a quintessência do Espiritismo.

Foi esse o caso dos druidas, das druidisas, dos bardos, cuja fé ardente facilitava as relações com os mundos superiores e lhes proporcionava as revelações que serviam de base para seus ensinamentos.

Em nossos dias a situação é outra. Os séculos de críticas e de cepticismo privaram o pensamento de sua potência de irradiação. A fé retrocedeu. No seio do caos das idéias e das contradições, tornou-se mais difícil achar um ponto de apoio para toda crença.

A maioria dos psiquistas não parece duvidar que o seu estado de espírito, sempre impregnado de cepticismo, de desconfiança, de negação, seja a causa principal da esterilidade nas experiências. Como obteriam a assistência, a proteção dos invisíveis, se eles começam por negar a sua existência e se entregam, a esse respeito, a críticas pouco oportunas?

Sem dúvida, não se deve negligenciar os fenômenos de ordem inferior, nada daquilo que concorre para estabelecer a realidade da sobrevivência e as condições variadas da vida no além; nós devemos encorajar todas as pesquisas feitas para esse fim.

Na confusão das teorias e dos sistemas que reina em nossa época, o fato continua sendo, para os olhos de muitos pesquisadores, a única base sólida de toda certeza.

* * *

Chegados ao fim desta obra, lembraremos seu objetivo essencial. Desde a guerra (a 1ª Guerra Mundial), o pensamento francês explora o horizonte intelectual e, em geral, só consegue ver incertezas, obscuridades, contradições; e, em sua angústia, indaga de onde virá a luz que deve clarear o caminho e mostrar o objetivo da vida. Quem nos dará, então, a fé elevada que sustenta, consola e reanima, a força da alma que faz suportar com coragem as provas e os males, e permite triunfar na luta pela vida?

Nem a cultura universitária nem a Igreja conseguiram, até aqui, dar à França a plena consciência de sua função e de seu destino, ideal moral que oferece um objetivo para os esforços de todos. Em muitos casos, elas barraram seu impulso, contiveram seu gênio. Nossa nação deverá então soçobrar na anarquia e na confusão? Não! O que os vivos não puderam fazer, os chamados mortos cumprirão. Suas vozes aparecem em todas as partes para nos lembrar os sentimentos de nossas origens, de nossas tradições sagradas.

Os espíritos dos antigos druidas, tendo Allan Kardec à frente, vêm nos afirmar que o Espiritismo é uma ressurreição de suas doutrinas e que eles vão trabalhar para propagá-las em todos os ambientes, acrescentando que, na sua intervenção, serão seguidos por todas as nobres e grandes almas que ao longo dos séculos conseguiram, pela literatura, perpetuar a idéia a fim de que ela não pereça totalmente.

Do que precede, não se deve deduzir que nós abandonamos os princípios do Cristo e renunciemos ao nosso título de cristãos. Não, seguramente, assim como nos afirma Allan Kardec, as três grandes revelações: oriental, cristã e druídica emanam de uma única fonte e se reúnem no seu foco inicial.

O ensino de Jesus foi mais ou menos velado e desnaturado pelos homens; reconstituindo-o em sua essência pura, vamos encontrá-lo idêntico às doutrinas dos druidas, com mais mansidão e caridade. Sua semelhança não pode nos surpreender, pois sabemos que elas têm uma origem comum, sobre-humana; mas,

hoje, para a reabilitação de nosso país, as branduras do Evangelho não são mais suficientes e é preciso acrescentar a virilidade céltica.

Respeitando-se as doutrinas oriental, búdica e cristã, e nos adequando àquilo que elas têm de belo e grande, devemos nos ligar, de preferência, às nossas verdadeiras tradições nacionais, porque elas respondem à nossa natureza, ao nosso caráter, às nossas necessidades intelectuais. Elas inspiraram tudo o que nossa raça produziu de nobre e generoso no passado e constituem o móvel essencial de nossa evolução futura. É retornando a elas que reencontraremos a plena consciência de nós mesmos, nosso equilíbrio moral, a alegria de nos sentirmos no caminho verdadeiro traçado pelas leis superiores.

Após as terríveis provas da guerra, no meio do arrebatamento das paixões e dos interesses, a voz dos antepassados se fez ouvir e a verdade saiu da sombra. Ela nos diz:

“Tu morres para renascer, renasces para progredir, para te elevares através da luta e do sofrimento. A morte deve deixar de ser um motivo de pavor, porque atrás dela vemos a ascensão na luz.”

Assim como, acima da camada sombria das nuvens que, às vezes, envolve a Terra, o céu permanece eternamente azul, do mesmo modo, além das vidas terrestres agitadas e dolorosas, reina a vida calma e serena de “Gwynfyd”, a vida radiante do Espaço.

CAPÍTULO XIII

Mensagens dos invisíveis

Publicamos aqui a série de mensagens ditadas, por meio de incorporação mediúnicamente, pelos grandes e generosos espíritos que quiseram colaborar com a nossa obra. A autenticidade desses documentos reside não somente neles mesmos, pelo fato de ultrapassarem, em muitos pontos, o alcance das inteligências humanas, mas também nas provas de identidade que a eles de ligam. Assim é que no curso de nossas conversas com o espírito Allan Kardec, este entrou em certos detalhes preciosos sobre sua sucessão e as discussões que surgiram, sobre este assunto, entre duas famílias espíritas, com particularidades que o médium não podia, absolutamente, conhecer, pois era somente uma simples criança, filha de pais que ignoravam completamente o Espiritismo. Esses detalhes se apagaram de minha memória e não pude reconstituí-los senão após pesquisas e investigação.

Quanto ao seu valor científico e moral, ver-se-á que os assuntos tratados nessas mensagens atingem o mais alto grau de compreensão humana atual. E até o ultrapassam, em certos casos, mas nos permitem, entretanto, entrever a gênese da vida universal. Considerando esta obra sob o seu ponto de vista, os autores nos dizem que se poderá haurir uma nova orientação que, no estado atual da evolução que atingimos, é a única compatível “com o grau de compreensão e de resistência do cérebro humano”.

Lembremos, porém, àqueles que tenham esquecido, que os espíritos experimentam, às vezes, grandes dificuldades para exprimir, por meio de um organismo, de um cérebro alheio, noções e idéias pouco familiares a este último. Ora, é precisamente o caso relativo ao nosso médium e à questão céltica. Allan Kardec verificou isso no curso de suas mensagens, como se verá em seguida. É preciso esforços persistentes da vontade para criar, no cérebro de um médium, expressões e imagens inusitadas. Isto explica as críticas que puderam ser endereçadas a certos

mortos famosos, a propósito das diferenças de estilo reveladas nas suas comunicações.

Uma outra objeção consiste em pretender que Allan Kardec está reencarnado no Havre, desde 1897. Ele teria chegado, portanto, aos trinta anos da sua nova existência terrestre.⁶⁵ Ora, pode-se admitir que um espírito deste valor tenha esperado tão longo tempo para se revelar por obras ou ações adequadas? Além disso, Allan Kardec não se comunica unicamente em Tours, mas também em muitos outros grupos espíritas da França e da Bélgica. Em todos esses lugares, ele se afirma pela autoridade de sua palavra e a prudência de suas observações.

Eis aqui, inicialmente, a apresentação do espírito Allan Kardec pelo guia diretor de nosso grupo:

“Eu vos anuncio a visita do espírito Allan Kardec. Constatei a ambiência pura e a bela cor fluídica que envolvem este espírito, o brilho de sua fé na força divina superior. É o que lhe permitiu, no decorrer de suas existências, prosseguir uma evolução que lhe dá, em cada vida, os conhecimentos, as intuições mais precisas sobre as formas e as leis da vida universal.

Ele se ligou particularmente à França, e a chama céltica, também chamada a primeira fé natural, sempre brilhou sobre ele. Allan Kardec se dedicou a reanimar essa fé na consciência e na subconsciência dos franceses, a fim de ajudá-los a elevar seu espírito e a se aproximar do raio celta.

O médium, ignorando completamente a questão céltica, nos oferece uma garantia perfeita contra a auto-sugestão.

O Celtismo representa a fé ardente emanada das correntes superiores e transmitida na vossa região por uma radiação que auxiliou, de modo poderoso, o desenvolvimento da consciência francesa. É um dos vínculos mais vivazes ao culto divino, ao culto da sobrevivência e ao da pátria. Assim, a pequena chama céltica que ilumina vossas consciências de franceses se eleva, em vossas preces, brotando à medida que a sinceridade se sublima.

Vós deveis, na vossa obra, fazer um apelo às reminiscências célticas para ativar essa fé ardente na divindade que provoca, sobre nosso mundo, o envio de correntes geradoras e benfeitoras. Esta alta aspiração, os corações puros a possuem. Como outrora os celtas, as almas que têm sede de ideal procuram nas fontes da natureza essa luz benfeitora que simboliza a grandeza divina. Allan Kardec vos dirá como e por que esse raio céltico estava ligado ao solo armoricano.⁶⁶

Se eu estivesse ainda sobre a Terra, me serviria desse tema para demonstrar que é à centelha transmitida pelos celtas que devemos, em graus diversos, a necessidade de crença no Além, a satisfação do desabrochamento da alma e a percepção da luz espiritual que nos prova que todas as criaturas são obra de Deus.

Concluo afirmando que o raio céltico é o guia que vos dirige para o supremo foco de luz. É por esta luz que chegareis a compreender a marcha da vida universal. Em vossas vidas, à medida que subirdes para Deus, vós vos saciareis nessas fontes poderosas, aprenderéis a conhecer as forças insuspeitas do éter e as vibrações criadoras que demonstram a existência do foco divino.”

1 - Fonte única das três grandes revelações: búdica, cristã e céltica.

15 de janeiro de 1926.

Sou feliz por vir até vós, pois experimento uma satisfação moral, um prazer real, ao me sentir bem adaptado aos seres que desenvolvem radiações sensivelmente idênticas às do meu perispírito. Isto nos mostra que é preciso a adaptação fluídica para se poder compreender, trocar pensamentos e observações, conforme os lugares nos quais se quer descer. Cada indivíduo projeta uma radiação em relação com o número de suas existências; e a riqueza molecular de seus fluidos, que compõem seu “eu” psíquico, está igualmente em razão direta dos trabalhos, das provas sofridas e do esforço continuado durante suas existências, seja em um mundo, seja no espaço.

Acrescento que me é particularmente agradável descer nesta região da França, que amei e habitei materialmente, desde a Armorique até Maurienne.

Cada torrão formou para mim imagens que jamais se apagarão. Como celta, me impregnei dessa mística que tinha trazido de modo palpitante do espaço. Depois, em minha penúltima existência, na Savoie, adquiri a resistência moral que me foi necessária para ensinar a doutrina que vós conheceis.

Mas, inicialmente, falemos da existência pela qual me fixei na Bretagne, e que foi como a vida inicial, projetando, no meu ser, a centelha da vida universal. Esta centelha brilhou mais ou menos durante minhas diferentes vidas, conforme eu procurava adquirir uma ou outra qualidade, aproximando-se, mais ou menos, da matéria ou do espírito.

Há pessoas que não podem admitir as vidas sucessivas. Para elas a faísca iniciadora fica velada, porque a vida material as absorve inteiramente. Há existências de fé, há existências de trabalho, porque é uma lei imutável, um dos princípios fundamentais, que o ser se desenvolva através das alternativas para recolher os germes benfeitores que devem ajudá-lo a progredir nos espaços.

Deus projetou a parcela de luz que é a alma, e esta radiação do pensamento divino deve chegar, por transformações e crescimentos sucessivos, a formar um foco radiante que contribuirá para a manutenção e o equilíbrio da atmosfera dos mundos. É este um preceito de ordem geral que indica a necessidade da pluralidade das vidas.

As primeiras sociedades humanas que povoaram vossa Terra trouxeram o esquema das civilizações futuras; em certos lugares a iniciação espiritual foi bastante avançada; os egípcios, os celtas, os gregos, por exemplo, levaram com eles os focos radiantes que paralisavam forças materiais. Os elementos do progresso já foram por eles estabelecidos em vosso globo. O vai-e-vem dos seres que viverão, ora na sua superfície, ora no espaço, poderá, desde então, prosseguir, com regularidade. Os recém-chegados, conforme o seu grau de evolução, procederão de

grupos pertencentes a mundos inferiores, existentes ou desaparecidos. Estas considerações de ordem geral eram necessárias antes de falar mais especialmente da França, de sua influência fluídica e de sua irradiação no mundo.

A idéia céltica é a sua própria essência; ela emana do foco divino e representa o espírito de pureza na raça; ela deve iluminar, através dos séculos, a alma nacional. É o impulso para as esferas superiores, o conhecimento inicial do foco divino, a sobrevivência do pensamento, a correlação das almas e dos mundos, a orientação em direção a um alvo que deve tornar-se claro e preciso de acordo com a nossa evolução.

O Celtismo é o raio que assinala o caminho para os estudos psíquicos futuros. É sobre ele que está enxertado, no vosso país, o pensamento do Cristianismo, como o Cristianismo havia se impregnado dessa outra radiação: o misticismo oriental.

Existem em vosso mundo certos pontos fluidicamente privilegiados, que são como espelhos, condensadores e refletores de fluidos, destinados a fazer vibrar as mentes e os corações dos povos do planeta. Sobre esses pontos, três focos se iluminaram: o foco oriental, nas Índias; o foco cristão, na Palestina, e o foco céltico, no ocidente e no norte.

Ao estudar a gênese dos fenômenos que concretizaram as doutrinas, vê-se que a causa superior é sempre a mesma e que vosso planeta recebe essas correntes, ou feixes de ondas superiores, que são as artérias verdadeiras da vida universal.

Para a vossa evolução, agora se produz um novo foco radiante de pensamento, que mostrará à humanidade toda a beleza, a grandeza e a potência da obra divina.

Allan Kardec

2 - Evolução do pensamento através dos séculos.

12 de junho de 1926.

Em nossa última conversa, vos falei dos três grandes focos espiritualistas iluminados sobre a Terra para clarear a marcha da humanidade. O foco oriental foi posto em ação pelos espíritos

das esferas superiores, cuja missão era escolher seres que se ligassem ao máximo com a natureza. Eles queriam demonstrar que o ser carnal, libertando-se das paixões, podia entrar em relação direta com as grandes correntes superiores que devem ajudar a evolução das sociedades terrestres. Disso tereis a prova no estudo da vida dos grandes sacerdotes hindus, dos lamas, que tomavam Buda como exemplo e procuravam, antes de tudo, imunizar-se contra os fluidos materiais que percorrem a Terra.

Os espíritos superiores tinham agido sobre uma região onde a humanidade é menos sujeita aos desejos da paixão. Refiro-me aos monges do Tibet, e depois a outros vultos da Índia. Eis então um ponto certo: o ser humano, em certas condições de isolamento, de ascetismo e de aspirações elevadas, pode sentir-se em constante relação com os mundos superiores. Aí estão os ancestrais dos médiuns; eles chegarão a fazer conhecer sua existência à humanidade, mas não deverão se dividir nem dissipar suas forças, e por isso ficarão no círculo oriental.

Para que o pensamento humano fosse atingido de uma maneira mais concreta, foi preciso a vinda do Cristo, que se misturou profundamente nas multidões. O Cristo, como os iniciados da Índia, trazia consigo numerosas centelhas da força divina; força esta que se transmitia por sua palavra e pela ação dos apóstolos. Mas sobre certos pontos da Terra, particularmente na vossa Gália, os sacerdotes celtas, os druidas, transmitiam igualmente as radiações do foco divino, simbolizando-os à sua maneira, isto é, inspirando-se na natureza.

O druida, como o lama, retirava das fontes geradoras do espaço as forças que despertavam sua fé e o atraíam para o foco superior. As formas podem variar, mas no círculo do oriente, no Cristianismo e entre os druidas há um ponto absolutamente idêntico: o ser humano, quando sabe se desligar das atrações materiais, vibra suficientemente para perceber as emissões nos grandes focos celestes. Os sacerdotes do oriente, Cristo e os druidas estavam impregnados dessas ondas poderosas e, em consequência, podiam produzir fenômenos que impressionavam as multidões.

Nos vossos tempos modernos, o magnetismo, que é uma das formas do dinamismo universal, desempenha uma função importante em todos aqueles que constituem pólos da atração e sabem usar a oração.

É preciso reconhecer que, entre os druidas, produziam-se comições violentas, como, por exemplo, os sacrifícios humanos, últimos vestígios de uma grosseira barbárie e destinados a chocar as massas.

Desde a origem desses três grandes focos de difusão espiritualista, a fé e o ideal sofreram, alternadamente, paradas e retornos; o impulso do misticismo despertou aqui e ali, sob a ação de ondas correspondentes ao estado de evolução de nossa humanidade.

De outro lado, a ciência positiva marchou guarnecendo a fé. No dia em que um novo foco se acender sobre a Terra ele suscitará uma curiosidade bem natural. Na presente hora, os centros parecem se deslocar. Não ficarei surpreso ao ver um dia, na América, formar-se um pólo capaz de deter o positivismo do povo americano. Esse povo é, assim como sua composição étnica, muito matizado, sob o ponto de vista ideal. É do lado da Índia que se deve esperar que surjam, um dia, os fenômenos que vos interessarão no mais alto grau. Essa região da Terra está sempre impregnada de misticismo como, na França, a vossa Bretagne conserva sempre uma fé ardente no espírito do além.

Recentemente, experiências foram feitas com a participação de um ser que parecia possuir belas qualidades de transmissão fluídica; mas ele estava cercado de apóstolos muito realistas, contudo há aí uma indicação, uma direção, um simples elo de união que se liga aos feixes espirituais. É um ser evoluído, mas não comparável a Buda e nem ao Cristo! ⁶⁷

A espiritualidade deve evoluir e, em certas épocas, reavivar a fé que se afogaria no materialismo. Buda, Cristo e os espíritos dos druidas representam as forças superiores ligadas ao foco divino e trabalham para manter a Terra num grau de equilíbrio necessário para prosseguir sua evolução, porque, se a espiritualidade fosse eliminada do vosso planeta, a matéria a invadiria e

terminaria por desgastá-la e dissolvê-la. A matéria deve ser mantida em suspensão pela ação superior do espírito. Na realidade, ela só é o anteparo sobre o qual se reflete o raio da vida universal.

Allan Kardec

3 - Mesmo assunto.

2 de março de 1926.

Já falei de três focos: o budista, o cristão e o druídico. Sabeis que o foco cristão, que, em suma, é uma emanção das doutrinas orientais, difundiu-se avançando para a Itália, depois foi de encontro a uma esfera independente que representava um pólo de atração igual, constituído pelo mundo céltico. Mesmo em épocas afastadas, grandes focos de atração foram criados, e vieram seres em missão, após terem habitado planetas mais avançados, mais antigos que o vosso, a fim de aí lançar, ao lado do trabalho material, a semente que alimentava a chama das consciências humanas.

O tempo não existe; o destino e a vida universal se desenvolvem eternamente. Quando as moléculas gasosas de calor, de vapor e de água, que formaram a vossa Terra, se condensaram para formar o protoplasma da matéria, era preciso que, entre os seres que deviam povoar este mundo novo, os iniciados superiores viessem transmitir às consciências bem primitivas a aceitação de uma lei de ordem superior.⁶⁸

É com essa finalidade que no Oriente, na Palestina e na Gália os focos de atração foram formados. Se o princípio fundamental que os inspirava era o mesmo, a forma pôde variar nas suas aplicações; mas analisando estes princípios, nota-se que a tese da sobrevivência eterna aí é igualmente aceita. Os druidas, estabelecidos no litoral, se inspiraram em elementos diretos exteriores para a concepção dos três círculos, sintetizando as forças naturais e morais. Existia uma iniciação de vários graus e pode-se reencontrá-las nas formas do culto; é no Cristianismo que a iniciação foi menos investigada. Julgo que a doutrina do Cristo era mais pura que as outras, por ser mais simples.

Os druidas eram tanto mais iniciados quanto mais acentuado era o seu grau pessoal de mediunidade. Entre eles, o sacerdote e a sacerdotisa, vivendo no seio da natureza, recebiam a iniciação por intuição de um modo mais direto do que no culto cristão. Ao se analisar o Druidismo, encontramos um ensino esotérico muito desenvolvido. Entretanto, o Cristianismo lhe é superior sob o ponto de vista humano, porque se adapta mais particularmente às fraquezas humanas, enquanto que o Druidismo, com as suas doutrinas de ordem elevada, considerava a raça humana como inferior. Seu ensino, melhor compreendido pelos privilegiados, levava para o povo certas superstições.

Em resumo, no Celtismo deve-se somente guardar o princípio inicial; seus sacerdotes, vivendo em contato com a natureza, ligavam-se intimamente com as forças invisíveis; mas, por haverem conservado, apesar de tudo, moléculas materiais, disso resultava que a transmissão de seu ensino se deformava, negligenciando muito as noções de justiça e de amor, no seio de uma população ainda bárbara naquela época.

Nota-se, pois, que os três focos: budista, cristão e druídico se completam. Jesus Cristo personifica a luz das esferas quase divinas, luz que, por suas ondas benfeitoras, deve esclarecer e vivificar a consciência. O Druidismo, bebendo nas fontes vivas da natureza, sentia as vibrações do mundo e as emanções da vida universal. Aquilo que o Cristo recebia diretamente dos seres superiores o druida obtinha por meio de correntes transmissoras do pensamento dos seres desencarnados.

Formam-se na hora atual novos grupamentos fluídicos, que ainda não se condensaram, destinados a formar um foco atrativo que será o quarto ciclo. Este aceitará a realidade da vida superior, suscetível, em certas condições, de comunicar com os seres humanos dotados de conhecimentos científicos aliados a um ideal elevado. Suas convicções ajudarão a restabelecer o equilíbrio necessário entre a existência material e a inspiração espiritual.

Allan Kardec

4 - Celtas e atlantes.

23 de abril de 1926.

Vosso grupo está imunizado porque permanece fora das paixões humanas. Sois mesmo celtas graças à vossa vontade de continuar na consciência primitiva de vossa raça.

Uma das formas do Celtismo puro é o amor à Natureza; e esta não é o reflexo da beleza e da grandeza divina? Ela proporciona aos homens as mais puras alegrias do espírito e dos sentimentos; ela estabelece uma comunicação através dos globos celestes e das correntes extraterrestres.

O Celtismo é ainda o amor da família, o conhecimento intuitivo das anterioridades e das afinidades; a dedicação ao solo cujas radiações geológicas se assimilam às radiações individuais.

Pergunta: Há, como alguns pretendem, uma diferença entre os celtas e os gauleses?

Resposta: Há entre os celtas, sob o ponto de vista humano, duas origens: a origem normanda e a anglo-normanda.

Existem na Bretagne pessoas de raça mais bronzeada, de pigmento mais vermelho; talvez viessem da Atlântida, mas são casos isolados e raros.

Parece que teria havido, entre a Atlântida e a Bretagne francesa uma ilha sobre a qual teriam vivido esses povos. Do país da Gasconha uma colônia teria emigrado para a Ilha de Oléron.

Lembraí-vos de que a centelha céltica é o elemento primordial que deve manter o atual nacionalismo francês, porque a centelha vital da consciência do francês originou-se do celta.

Allan Kardec

5 - Sobre a origem da corrente céltica.

22 de maio de 1926.

A vida dos planetas, como a dos indivíduos, deve passar por fases sucessivas e, conforme essas fases, a homogeneidade dos fluidos é mais ou menos destruída ou respeitada. Vossa Terra entrou, no seu percurso, em contato com uma das grandes cor-

rentes que constituem as artérias da vida universal. Essa corrente é extremamente poderosa e vai produzir efeitos diferentes, conforme a natureza dos seres. Os espíritos de ordem inferior, que permanecem entre vosso planeta e essa corrente, não podem suportar a atração fluídica que dela se desprende, originando o afastamento automático desses seres em direção à matéria. Sua influência motivará uma recrudescência das paixões inferiores.

Quanto aos terráqueos que se comprazem na meditação e recorrem às forças e às aspirações superiores, os eflúvios dessa corrente os atingirão e é por aí que eles receberão as intuições e as comunicações. Acrescentarei que essa corrente vital tem a propriedade de manter, no Espaço, a vida espiritual e perispiritual e, sobre a Terra, a de esclarecer as consciências evoluídas.

Vós podeis, então, constatar sobre vossa Terra, no momento atual, uma queda de todas as crenças elevadas e também um afluxo do misticismo. É porque vossos estudos sobre o Celtismo vêm na hora certa e espero que a corrente de que falo possa ajudar, reanimando as consciências, ao fazer brilhar a centelha das anterioridades.

Vós sabeis que um dos principais elementos de vossa raça é o Celtismo, que se formou na época da constituição da Terra, quando os primeiros seres humanos apareceram. O Celtismo é, na realidade, uma projeção de centelhas provenientes de um dos feixes da vida universal.

Cada raça é influenciada por um feixe diferente, feixe cujas radiações se adaptam a certas partes do solo conforme a sua natureza.

Quando o vosso planeta ainda estava em formação, suas diferentes camadas já se encontravam em relação direta, por vibrações, com certos feixes das artérias que animam o grande todo.

É por isso que cada raça conservou, no âmago de sua subconsciência, a centelha geradora que anima as primeiras manifestações da vida. Cada raça possui, então, qualidades diferentes. O ser deve adquiri-las todas na seqüência do tempo, em uma ordem sucessiva, e para isso deve passar pelos meios dominados por tal virtude ou tal paixão. Notemos que a paixão não é mais

uma virtude e que a virtude se altera, quando a emanção fluídica é maculada de ondas que podem empanar o seu brilho.

Não vos falarei da composição química das ondas que geraram a centelha primária que anima cada povo e cada ser. A França sempre conservou a sua centelha primitiva. De acordo com o estudo da vossa história e da vossa pré-história, a França, apesar de certas deformações, viu persistir, através dos séculos, as virtudes da raça. Estas são:

- atividade cerebral sustentada;
- consciência no indivíduo de seu automatismo integral;
- necessidade de misticismo e de ideal, mesmo quando a consciência do indivíduo se desviou;
- luta constante entre a paixão e o ideal.

Tais são as características de vossa raça. Sobre todo o território encontram-se essas qualidades fundamentais e as paixões aí são mais ou menos idênticas. Na origem, foram as radiações vindas do oeste que influenciaram o vosso país.

Se, do espaço, vós tivésseis seguido a gênese de um mundo, vós veríeis que, antes que ele fosse libertado, uma espécie de rede fluídica, carregando a essência nutritiva, o envolvia. O pólo vibratório que nutre a vossa raça ligou-se ao vosso planeta no sul da Bretagne. Nesta época, é verdade, não havia nem a Bretagne, nem a Gália, mas somente uma camada gasosa e homogênea, as vibrações se estendiam do sul ao norte, na forma de um leque, e entraram em contato nessa direção com a camada gasosa. Esse estado de coisas durou em todo período de transformação da crosta e, quando os primeiros seres humanos apareceram, eles foram impregnados por essas radiações.

Essa radiação primária que atingiu vosso país transmitiu-se através das gerações e das existências, porque cada ser carrega consigo, no seu subconsciente, a centelha vital produzida pelo primeiro impulso.

Atualmente, seja na Bretagne ou sobre as costas inglesas do sudeste, encontram-se as mesmas características de aspirações e de apego ao solo, que provam que as vibrações são as mesmas

em toda essa região, enquanto que, quanto mais se afasta do centro-oeste, mais se constata que a pureza do sentimento celta se enfraquece.

Em resumo, o Celtismo corresponde, então, ao ponto de chegada de uma corrente, retirada das artérias da vida universal, e que penetrou no envoltório terrestre desde a sua formação, bem no centro-oeste. Daí as centelhas vitais que dormitam sempre na consciência francesa.

Allan Kardec

6 - A corrente céltica e o caráter francês.

4 de junho de 1926.

A raça céltica que, de um modo geral, apareceu sobre vosso globo no oeste da França, com prolongamento para o nordeste, aproveitou-se das radiações transmitidas pelo feixe vibratório de que vos falei. Todo celta puro devia, então, estar impregnado de virtudes e pensamentos vindos diretamente dos focos superiores. Eles se traduzem, entre os inspirados, druidas e bardos, por um impulso e um retorno em direção à luz do espaço, em um jato de amor, de reconhecimento das alegrias sentidas nas esferas vibratórias do astral.

À medida que se afasta do ponto de partida desse raio vibratório, as virtudes primárias por ele transmitidas se enfraquecem; mas os seres que vão aparecer na crosta terrestre continuarão a receber, por feixes complementares e intermitentes, apesar de menos intensos, as radiações do pensamento superior.

Quanto mais o ser humano se desprender da influência material, sob o ponto de vista vibratório, mais sua compreensão se reaproximará, intuitivamente, da vida extraterrestre. Tentemos reconhecer o que resta, através dos séculos, da centelha primitiva, transmitida por reflexo, à época da criação do vosso globo.

Na vossa raça francesa o misticismo derivou da centelha céltica com a generosidade particular dessa raça; depois, à medida que sobe do sul para o norte, ele toma um sentido cada vez mais refletido, mais temperado.

Através dos séculos, essas diversas qualidades se fundiram para formar a vossa raça francesa. Analisando de perto, essa raça tem subdivisões e, se vós pudésseis ver, ao microscópio, o que resta da centelha individual, da essência divina, poderíeis constatar que foi do misticismo que ela ficou mais fortemente impregnada.

Há causas e leis que regem cada indivíduo. Todo ser humano deve possuir suas qualidades próprias, suas vibrações particulares, a fim de receber e de permutar as intuições com os mundos superiores. Se analisardes a alma de um bretão, quando ele está orando, vereis a pequena centelha de sua consciência vibrar, de um modo intenso, sob o efeito dos raios refratados do solo e que devem manter a crença mística.

Se esse bretão, saído do seu ambiente, for colocado em contato com um médium sincero, sua educação esotérica se tornará fácil e um grande número achará, em pouco tempo, na sua subconsciência, a crença pura das vidas passadas.

Allan Kardec

7 - Analogia do ideal japonês com o Celtismo.

25 de junho de 1926.

Meu país está longe do vosso. Escrevi na minha língua matematicamente humana. Vós não me compreendestes; os caracteres estavam de cima para baixo, eles são fonéticos (o espírito, antes de falar, tinha traçado sobre a mesa sinais incompreensíveis para nós). Isto vos dirá um pouco de minha origem. Fui enviado por Allan Kardec para vos dizer que a essência espiritual que anima o povo japonês é idêntica àquela que impressionou os primeiros celtas. A espiritualidade é bebida nas mesmas fontes de luz do espaço. Assim como vós recebestes um raio que se ligou ao planeta, na Bretagne, como vos foi explicado, um raio da mesma essência se uniu sobre a parte do globo que compreende o Japão e se irradiou até a Madchúria. Nós, japoneses, adquirimos por esse fato a impressão indelével da vida no Espaço. A vida terrestre é um sonho e a vida superior, majestosa e luminosa vida, está no seio do éter.

O japonês, que tem preocupação com sua elevação moral, conserva sempre no fundo de sua consciência a lembrança íntima do liame que o liga à vida superior. Daí o nosso culto por Deus e os seres evoluídos que povoam o Universo sob formas diferentes. Daí o nosso culto do pensamento, em homenagem aos desencarnados que, de longe ou de perto, formaram nossa família espiritual e humana.

Quando o espírito vai diretamente e sem segundas intenções para os focos eminentemente espiritualizados, ele sente de retorno outros pensamentos que são o intercâmbio de pontos de vista que devem produzir a evolução moral e preservar da influência do materialismo. É por isso que os orientais conservaram o culto dos mortos. É por isso que, de vosso lado, os druidas evocavam sempre, nos círculos de pedra, os seres que vivem nos diversos planos. Daí, instintivamente, a coragem ante a morte, o espírito de sacrifício e de amor à natureza.

A natureza japonesa parece, na hora atual, ter perdido a chama mística dos séculos passados. Isso se relaciona às trevas que envolvem vossa terra. Como, na origem, as grandes correntes atingiam a nebulosa em sua formação, na hora presente, esta Terra, que não é mais nebulosa, torna-se anteparo às radiações do espaço e, por consequência, deixa-se prender pela materialidade no lugar da iniciação e da fé mística. Eis o que me é permitido dizer-vos, hoje, para a vossa documentação pessoal. Tenho dificuldades em expressar meu pensamento, porque não conheço a vossa língua. Foi preciso o auxílio de um espírito assistente para que minhas formas-pensamento se tornassem claras no cérebro do médium e fossem traduzidas por ele.

Eu retorno para o espaço, livre e satisfeito, por ter podido voltar à Terra para vos comunicar um pensamento que possa iluminar a flor cujo perfume vai espalhar-se através das folhas de vosso futuro livro.

Kasuli

(Antigo preceptor na corte imperial do Japão)

8 - Procedimentos espirituais dos druidas.

25 de junho de 1926.

Seria interessante vos fazer conhecer o ponto de contato e as diferenças que existem entre as religiões orientais e o Celtismo. Reencontra-se no Japão os pontos fundamentais idênticos às correntes vibratórias lançadas na Bretagne.

Vós tendes noções precisas sobre o Celtismo e sabeis que os druidas e certos iniciados sentiam essas vibrações que, menos analisadas do que hoje, se traduziam entre eles por simples intuições.

Durante as cerimônias druídicas, os sacerdotes e as sacerdotisas passavam pelo estado de êxtase. A druidisa era a médium dos druidas, melhor resguardada, habitando no meio da natureza. Em geral ela era casta.

As populações dessa época estavam ao abrigo do materialismo e por isso era preciso sacudir sua imaginação por sacrifícios. Os sacrifícios, seja de seres humanos, seja de animais, formavam a base das cerimônias druídicas e eram precedidos de cantos que constituíam apelos vibratórios, próprios para facilitar as intuições. Certos druidas tinham o poder de provocar a exteriorização de pacientes, de modo que estes, sob a influência de sono magnético, marchavam voluntariamente para a morte.

Nessa época e nessa parte da França, a atmosfera terrestre, sob a radiação vibratória de que já vos falei, era mais fluídica do que a atmosfera de nossos dias.

Vibrações mais fortes vieram atingir a vossa Terra e, à medida que a sua crosta se espessava, a natureza das vibrações se transformou. Nós não podemos sempre, sob o ponto de vista vibratório, agir sobre o solo como se fazia no tempo dos druidas; devemos nos limitar a influenciar certos temperamentos suscetíveis de armazenar as forças fluídicas, veículos do pensamento. Seguindo a evolução de vosso planeta, vós constatareis que os eflúvios perdem o seu caráter volátil para servir-se de mais forças vibratórias, e é por aí que o cérebro humano chegará, por adaptação científica, a descobrir as fontes da alma universal.

Digo a adaptação científica e não a ciência pura, sozinha, porque se deve pôr a ciência no caminho da orientação espiritualista, e é a consciência, esclarecida pela fé, que a guiará para um conhecimento mais alto e mais amplo.

Voltando aos druidas, eles recorriam às invocações da natureza para se pôr num estado de equilíbrio, capaz de lhes fazer sentir as vibrações dos pensamentos superiores. Daí resultava para eles que o sopro superior existe, que a Terra está cercada de forças criadoras e que a vida não se detinha nos limites das florestas bretãs. Certamente, essas forças não desenvolviam, nos cérebros dos habitantes de então, invenções geniais que podiam conduzir uma civilização material quase espontânea. Mas o que os druidas já ensinavam é que a Terra é uma estação que se formou fluidicamente, devendo evoluir e depois desaparecer.

Os pensamentos dos espíritos que atingiam os druidas eram aqueles de seres que habitavam seja o Espaço, seja os mundos já formados. Quando um planeta está em formação e seres conscientes devem povoá-los, o primeiro afluxo que recebem é aquele que lhes dará, de modo imperecível, a crença na vida superior e invisível. Essa crença deve transmitir, através das gerações, a luz da consciência que, no ponto de vista carnal, é necessária para a evolução e a transferência na pluralidade das existências.

Somos, aqui, levados a falar das raças. Deixamos o druida proceder à iniciação toda espiritual dos habitantes de uma parte da França. O camponês bretão nessa época é, naturalmente, um primitivo, sob o ponto de vista da civilização humana. Através da história nós o achamos sempre imutavelmente ligado a três grandes princípios: amor ao sobrenatural, amor à sua terra, amor à sua raça. O amor ao sobrenatural veio-lhe por este afluxo das radiações transmitidas pelos médiuns dos druidas, que, do ponto de vista humano, impregnou a matéria carnal de um misticismo sustentado por uma imaginação religiosa e uma fé ardente por tudo que é oculto. Daí um temor da vida futura no caso de uma impiedade para com o Criador. Daí derivam a ingenuidade mística das massas e também a elevação sincera que inspira a abnegação entre os marinheiros e a resignação de quase todos os habitantes da península de Armor.

A piedade, para o bretão, é a provisão que sustenta o elo da corrente das vidas. O envoltório carnal do bretão aspira os eflúvios nutritivos transmitidos pelo solo. Se, na sua consciência, ele conserva sempre o misticismo e a confiança na força divina, ele experimenta uma espécie de prazer ao se penetrar da ambiência que se desprende da sua Bretagne. Este fenômeno lhe dará o equilíbrio, forçando-o instintivamente a permanecer sobre esse solo. A natureza de sua terra se assemelha aos braços de uma mãe afetuosa, cujo coração é representado pela fé mística transmitida pelos raios do Espaço.

Em resumo, o amor ao sobrenatural e o amor ao solo natal são os dois principais fatores que formam a raça bretã. Nesse ambiente de solo ardente e misterioso, cercado pelo mar, o habitante adquirirá as qualidades superiores do ponto de vista da sensibilidade mística.

A raça bretã é por vezes sensível e robusta. A sensibilidade vibratória lhe veio do espírito e é do solo que lhe vêm o ardor e um ponto de selvageria que se refletirão no seu temperamento.

A natureza armoricana mantém na sua imaginação o culto da lenda e dos antigos ritos e, apesar das existências sucessivas e das deformações inerentes à civilização, quando vem a morte, o desencarnado bretão leva consigo os mesmos estigmas nele impressos há séculos.

A marca do Celtismo tocou, então, a raça bretã, como já disse, por capilaridade através do solo e, através das migrações humanas, a centelha céltica é e será um dos focos que animam e iluminam toda a França.

Allan Kardec

9 - A variedade das raças humanas.

9 de julho de 1926.

Os celtas foram os primeiros padres da espiritualidade. Estas foram as palavras de um dos grandes dignitários da Igreja, Leão XIII, que tive a oportunidade de encontrar no espaço e que me comunicou este pensamento; eu dou muita importância e essas

palavras e elas provam que a visão do Espaço é mais clara do que a da Terra.

A respeito das pretendidas origens orientais dos celtas, certos historiadores se enganaram. Eu vos disse que um raio fluídico tocou o ocidente, na vizinhança da Bretagne, quando da formação da Terra, raio que transmitiu os elementos necessários da vida universal. Mais de um raio semelhante atingiu o vosso planeta.

Muitas dessas correntes tinham fundamentos distintos, ainda que a velocidade das vibrações fosse a mesma. Notai que, se do lado ocidental existe a bela luz espiritual céltica, não se deve deixar de constatar que no oriente, e mesmo no extremo-oriental, existe um misticismo muito elevado que se pode assemelhar, entre os japoneses, por exemplo, com certas crenças célticas.

Sob o ponto de vista da raça, vós tendes elementos terrestres que se relacionam aos da Bretagne. Devido ao duplo fenômeno das radiações, os seres humanos, igualmente tocados pelas radiações do espaço e por aquelas de seu solo natal, podem apresentar as mesmas características, em graus diferentes daqueles de outras raças. É assim que existe, entre o camponês bretão e o camponês do sul da Rússia, na Ucrânia, por exemplo, características análogas: veneração da Natureza, ligação ao solo, confiança nativa no sobrenatural. Não há, então, nada de surpreendente em que certos escritores, que não conhecem os fenômenos da vida magnética e extraterrestre, tenham ficado simplesmente chocados por essas analogias e levados a classificar muitas raças num único tipo.

Mas pode acontecer que, entre dois raios elevados, haja nascimento de seres quase selvagens ou organizados de modo rudimentar. Vós tendes uma prova na presença de raças selvagens, como os hunos, fixados na Hungria, e mais ao Norte os povos germânicos; no início, essas tribos se achavam colocadas a igual distância do raio celta e do raio oriental.

Cada raça evoluída se acha sob a ação do raio regenerador, depois se estende em ondas humanas em volta desse raio até que este encontre as ondas vindas de um outro raio. E isso explica as

diferenças de raças, porque entre o raio céltico (eu o cito porque ele está mais perto de vós) de uma ordem espiritual muito elevada, e o raio oriental, de igual ordem, existem, além deles, outros raios que têm uma outra característica, cuja luminosidade é rica em número de cores e cujas vibrações são mais pesadas.

Esses raios representam a coragem brutal, a força dominadora, e vós tendes o testemunho entre os germanos e húngaros. Daí os choques entre as correntes e, por conseqüência, a luta das raças. Essas correntes sempre existem, mas se transformam durante os séculos; elas fornecem aos homens o alimento e a assimilação do pensamento conforme o seu grau de evolução e a natureza do seu solo.

Certamente, os seres humanos, colocados entre os dois raios superiores, podem chegar, seja individualmente, seja em grupo, a se afirmar e a assimilar mais elementos vibratórios superiores do que no início. É uma questão de consciência no sentido absoluto da palavra, e também de elevação pessoal.

A natureza dos raios evoluiu muito desde o início da vida autônoma de vosso planeta. Os grandes raios espirituais elevados não têm mais a força regeneradora de outrora, e mesmo os raios primários menos espiritualizados foram transformados; daí as flutuações de cada raça. Vós achais em cada povo épocas de elevação espiritual, alternando com períodos de influências materiais. É a lei de trabalho absoluto e sem coação.

A França atualmente nos parece, do Espaço, sempre envolvida de raios provenientes de esferas muito elevadas, mas que parecem encobertos de uma espécie de vapor vindo das emanações terrestres materiais. É por isso que vós tendes, no momento atual, em vosso país, choques que não se produziam entre os celtas que se impregnavam e obtinham suas diretrizes das próprias fontes da natureza.

Os dois grandes raios de que falei continuam a enviar seus fluidos vitais que devem manter nas consciências humanas a crença no invisível, na sobrevivência e também na força divina criadora da grande vida. Na Inglaterra existe uma dupla corrente

que sempre nos indica a proximidade do raio que gerou o Celtismo:

- 1ª) confiança da sociedade culta na existência do ser invisível;
- 2ª) misticismo na classe popular.

Os seres refratários a esta dupla corrente ficam presos aos gozos materiais e repelem a doutrina superior.

Encontrei, ultimamente, na Inglaterra famílias que possuem uma fé sincera e profunda na bondade divina, aceitando a sobrevivência superior e orando no silêncio da natureza. Essas famílias mantinham ainda viva a chama céltica, não maculada pelas gerações. Fiquei muitíssimo impressionado pelos espíritos que vinham ao redor dessas pessoas para sustentar a chama de sua consciência.

Na Bretagne Francesa também existe uma pequena chama, mas ela é mais vacilante, porque o ambiente das radiações vizinhas prejudica a sua elevação para o Alto. No centro da França subsistem, entre vossos camponeses, parcelas de fé céltica, fixadas no subconsciente; elas se revelam entre certos pacientes por uma expressão de candura e de sinceridade na oração, único elemento que ficou das radiações célticas. Nas vossas cidades este elemento desapareceu devido à influência materialista.

O raio céltico e o oriental não são os únicos raios elevados que devem transmitir a alta espiritualidade para os homens. Há um muito bom na Escandinávia, um outro no Egito, vindo do golfo Pérsico, que se prolonga no norte da África até o Atlântico. Os raios céltico, escandinavo e oriental são os mais puros. O raio celta é mais fluídico, mas o escandinavo possui mais cor. O raio oriental é, ao mesmo tempo, composto da cor azul do celta e da cor do sol dourado representando a força na crença mística.

Vossos filósofos e historiadores ficaram chocados pelas analogias que existem entre as influências das diversas correntes e colocaram o berço dos celtas em pontos diferentes.

Allan Kardec

10 - O raio céltico (continuação).

25 de julho de 1926.

O raio céltico do qual vos falei conservou-se através dos tempos na vossa consciência francesa, sob a forma de amor ao solo. Os druidas possuía, em alto grau, esta radiação que fazia deles pólos magnéticos que, por refração, podiam transmitir aos seres circunvizinhos a chama mística e superior que eles tinham recebido. Seu poder sobre as massas ignorantes foi grande. A um dado momento, por intuição, um certo número de druidas recebeu a missão de ir mais adiante nas terras. Munidos de poderes ocultos, eles impressionavam os bárbaros e transmitiam seu magnetismo por seu encantamento sob a forma de culto e, por isso, o lençol fluídico se estendia mais ainda sobre a Gália.

A passagem dos druidas no centro da França e na Lorraine é incontestável. Pode-se dizer que o Celtismo é o fogo irradiante de onde surgiu a raça nacional gaulesa. Sob a influência dos ritos célticos o homem se impregnou de misticismo, seu corpo se refinou e pôde receber certas vibrações do espaço. Essas vibrações não puderam se desenvolver gradualmente, porque as gerações não possuíam todas as qualidades de absorção necessárias à assimilação dos fluidos.

As vibrações primárias célticas ficaram impressas nas almas. Adormecidas durante a vida de alguns, elas se revelaram entre os descendentes conforme as suas aptidões.

Por isso vós pudestes constatar, na vossa história, impulsos e recuos que se traduziram pela ascensão para o ideal ou a queda para a matéria.

Seres vindos do mesmo grau de evolução e tendo armazenado o mesmo número de vibrações célticas, não as exteriorizaram no mesmo momento, nos mesmos lugares. Um bretão, tendo recebido a centelha céltica diretamente dos druidas, no país natal, a transmitirá aos seus filhos, que a conservarão em estado de ignição até o momento em que ela se reacenderá sob a forma de uma chama insuspeita.

Este momento se aproxima. Logo ireis comprovar um movimento de espiritualidade constante e durável. Deus tem projetos

sobre a Terra. Pressentimos grandes coisas, porque a parte espiritual deve fazer evoluir a humanidade.

Allan Kardec

11 - Métodos de comunicação entre os espíritos e os homens.

20 de agosto de 1926.

Desde a nossa última palestra foi preciso pesquisar o método mais fácil para infundir no cérebro do médium e nos seres humanos a solução dos problemas que vós me perguntais. Entrei em contato com os espíritos das esferas superiores, que me falaram da transmigração dos seres desde a sua origem.

No espaço, nós nos estabilizamos numa esfera de densidade média e de lá chamamos os seres superiores. Eles não vêm sempre porque seu raio não pode ser mantido por nós, mas seu pensamento nos atinge como as ondas da Terra atingem o ressonador telefônico.

Quando o apelo foi ouvido e os dois seres desencarnados ficam em sintonia, os pensamentos se trocam sob a forma de cores transmitidas por vibrações. Mas quando se perguntam as soluções dos problemas, de um grau de elevação superior à compreensão humana, nós, os desencarnados, nos assemelhamos aos encarnados correspondentes ao último plano de sua evolução terrestre.

Tomai, sobre a Terra, dois indivíduos de inteligência e compreensão diferentes, e abordai uma questão desconhecida para eles. Ela será compreendida imediatamente por um e não pelo outro, e um esforço de adaptação será necessário. Ocorre o mesmo no espaço. Já vos expliquei, portanto, o problema da vida psíquica, sob o ponto de vista das reencarnações, a correlação entre a vida humana planetária e a vida dos encarnados.

Mas o que pedis é a maior precisão possível sobre a molécula primitiva, isto é, o ponto inicial da vida. Agora é preciso que vos traga o raio superior que ensina o mistério. Quando esse raio chegar até vós, terei a possibilidade de vos informar.

Os mistérios da criação não podem ser revelados a toda criatura humana. Para isso os seres devem se colocar em disposições especiais a fim de que as suas vibrações se harmonizem com as vibrações superiores.

É preciso reunir-vos numa sala fechada, com as janelas fechadas. Tomar as instruções ao clarão de uma lâmpada abrigada por um quebra-luz. Antes da reunião vós banhareis a testa do médium com um pano embebido de um pouco de água fresca. Ao me ligar ao médium, eu magnetizarei a camada de água e isto servirá de fluido amortecedor.

Eu receberei então do Espaço as vibrações que me farão compreender os problemas. Eu vos prometo uma ajuda séria do espaço e vós tereis a documentação que desejais; mas deveis reunir os meios para isso. Já que haveis consagrado vossa vida à difusão de uma crença, assim como eu o fiz, vós ficastes meu colaborador na Terra. Eu vos concedo toda minha personalidade fluídica para obter a chave de um problema misterioso. Mas, para isso, é preciso que os raios das grandes esferas venham vos tocar diretamente.

A humanidade não deve transgredir, sob o ponto de vista evolutivo, as regras colocadas como base da vida universal. Para compreender a menor parte desta vida universal é preciso desenvolver a sua vontade, seu desejo de se elevar para o ideal, penetrar-se de um banho fluídico puro e regenerador.

Existem grandes espíritos que são incapazes de entender de onde e como vieram e para onde vão. Mesmo que o tenham compreendido no espaço, eles o esquecem ao se incorporarem no médium, e com mais forte razão ao se encontrarem na Terra para uma nova vida.

Quando penso e reflito, no espaço, as vibrações psíquicas de todo meu ser podem realizar a plenitude de minhas faculdades, mas, desde que me ligo ao médium, estas vibrações diminuem e meu poder perde muito de sua amplitude. Há mundos fluídicos onde a compreensão é mais nítida do que entre vós. À medida que a matéria perde seu poder, o estado psíquico torna-se mais

sutil e se impregna mais facilmente de radiações da vida universal.

No seu período de formação, vossa Terra foi impregnada de grandes correntes, das quais já vos falei, cujas vibrações diretas os celtas e os druidas perceberam porque vosso planeta estava ainda vibrante por obra de uma ação superior que foi se atenuando no curso do tempo.

Allan Kardec

12 - Origem e evolução da vida universal.

3 de setembro de 1926.

Vós pedistes esclarecimentos sobre certos pontos obscuros da doutrina druídica. Para esse fim pus-me em relação com as esferas elevadas a fim de obter alguns índices sobre o foco superior regenerador de vida e de amor. Três círculos, vós o sabeis, formam as bases da doutrina céltica; por conseqüência, o mais elevado corresponde ao foco divino.

As explicações fornecidas pelos espíritos superiores indicam que a inteligência humana não deve conhecer o segredo da fonte suprema da vida. Eis o que posso dizer segundo as radiações que me chegam. Existe além dos planos formados pelas criaturas, de acordo com a sua evolução através da sua própria vida, uma esfera inteiramente vibratória, sem limites, que mergulha na imensidão do Universo, mas que não é sentida a não ser a partir de uma certa evolução. Essa esfera vibra e a criatura terrestre que dela saiu a percebe ainda sob a forma de vibrações da consciência no “eu” interior.

As vibrações do grande foco estão em comunicação com a consciência, e quando essa última é desenvolvida, o sentido místico o é igualmente. Isto acontece em razão direta da evolução da consciência.

O grande foco vibratório anima todo o Universo e, de grau em grau, cada ser recebe as inspirações e as impressões diretas do foco que, na Terra, vós chamais Deus.

Vós tereis um dia a definição exata da palavra Eterno e compreenderéis a célula viva inicial desse grande círculo superior vibratório. Mas o vosso cérebro humano se romperá se a chave do mistério aí for colocada. Agora, eis o ponto estabelecido sobre o objetivo e a admissão do grande círculo superior em que reside a potência criadora. As moléculas que dele emanam se difundem pelo espaço como um buquê de fogos de artifício. Elas se estendem em ondas que vão formar as centelhas criadoras dos seres. Em volta dessas moléculas fundamentais circulam as vibrações que vão formar os focos representando os mundos. Constantemente, são criados novos mundos.

Todo sistema criado tem a sua vida própria e se subdivide, ele mesmo, em um sistema particular. Os planetas têm a sua vida, as suas transformações. Os sóis, por sua vez, lançam ondas. Inicialmente forma-se o sistema gasoso, depois o mineral, o vegetal, para chegar à criatura humana. Esta, ser pensante, é movida pela centelha vinda do grande foco enquanto que os sistemas minerais e vegetais são criados pelos reflexos da geração secundária.

Tal é a evolução da matéria resultante no envoltório carnal, à qual se adaptará a vibração inicial da consciência em conexão direta com a centelha suprema. É assim que a projeção se estabelece.

As vibrações do grande Todo não são especiais a uma região comum, como se crê geralmente, mas preenchem todas as regiões do Universo. Elas não são perceptíveis para os seres a não ser na medida do crescimento de sua sensibilidade. As religiões, nas suas concepções de paraíso e de regiões celestes, apresentam somente imagens, enquanto que é verdadeiro que as vibrações do pensamento divino animam todo o Universo.

Nem todos os espíritos estão em condições de penetrar no azul vibratório, porque é preciso um grau suficiente de aperfeiçoamento para perceber e apreciar a beleza e a grandeza da vida superior. Cada sistema planetário tem seu grau de elevação e chega um momento em que todos os seres evoluídos, que habitam os planetas em via de progresso, são mergulhados mais diretamente no azul celeste. Os espíritos inferiores passam rente aos espíritos luminosos sem os ver, mas, em certas condições, os

espíritos superiores podem tornar-se visíveis a fim de esclarecer os espíritos menos evoluídos.

Quando o espírito em vias de evolução pode, por seus méritos, entrar em relação com o mundo superior e receber a luz vibratória do grande foco, ele recolhe uma impressão de força, de potência, e logo que a impulsão cessa, ele fica com a percepção da luz que se liga a seu grau de evolução. Essa luz se traduz por milhões de centelhas vibratórias dotadas de uma radiação intraduzível aos sentidos humanos e que enriquecem o seu perispírito.

* * *

Voltemos à molécula vibratória saída do círculo de Ceugant, criadora da vida. Ela é toda pureza e luz, é a fonte das criações inferiores, a animadora das vidas sucessivas, tais são os elementos que constituem a vida superior.

Os druidas foram colocados em vosso globo para levar-lhe o máximo possível de luz deste plano superior que refletia sua consciência. Nos primeiros tempos a iniciação foi direta, pois a dita consciência era pura.

Esta palavra, consciência, significa para nós centro vibratório ainda não maculado e podendo comunicar-se com o plano divino. É porque, no estudo dos seres humanos, ainda que seus atos vos pareçam repreensíveis, se a sua consciência não está destruída, fica neles um pequeno centro vibratório suscetível de reabilitação.

No início de sua religião, os druidas gozaram dos benefícios de uma comunhão vibratória muito intensa, o que lhes valeu o título de iniciados. Mas em contato com a matéria, por refração, os ensinamentos druídicos foram deformados pelos homens. As consciências foram obscurecidas e as intuições foram cobertas com um véu, as iniciações foram fechadas.

Então, em graus diversos, a consciência humana é muito impregnada de graça divina. Conservará ela esse patrimônio? Na desencarnação, a alma humana se coloca na luz que ela pode assimilar, conforme o seu grau de recepção e de conservação, de vibrações divinas.

Se, na saída de uma vida terrestre, a molécula divina é paralisada pela matéria, a progressão é suspensa, a lembrança das paixões materiais perturba a consciência e leva a uma espécie de entorpecimento do ser espiritual. É o que os druidas chamavam de “princípio da destruição”, porque a evolução é suspensa.

Para que a evolução retome seu curso, é preciso que os espíritos luminosos dissolvam essa espécie de casca passional fluídica para reavivar a centelha consciente, e o ser espiritual, reanimado, retomará sua caminhada através de suas existências. Numerosos são os espíritos desencarnados que se acham presos na sua evolução.

Assim como a centelha perde sua chama quando está recoberta de cinza, a consciência espiritual volta ao nada quando está muito carregada de matéria, sendo esta, sob o ponto de vista material, o suporte da essência espiritual.

Vós sabeis que essa matéria é produzida pela velocidade, maior ou menor, das vibrações entre as diferentes camadas de ondas emanadas de um ponto vibratório. Quando, desse ponto, emanam ondas espirituais para a formação de um mundo que deverá conter as centelhas conscientes, é preciso, como consequência, que as moléculas vibratórias mais pesadas se transformem em matéria.

No curso da evolução, chega um momento em que a molécula material evolui suficientemente para se tornar, por sua vez, uma molécula vital consciente, e isso se produz quando essa matéria se desprende de um mundo inferior para retornar ao espaço e se ligar às moléculas vitais de luz. Os druidas tinham intuição disso, visto que consagravam um culto a certos objetos materiais.

Terminarei dizendo que a centelha vital consciente, uma vez lançada na imensa arena, deve percorrer um ciclo de vidas sucessivas através dos mundos e dos espaços variados, porque tudo que muda de forma muda de meio. A marcha da sua evolução está na razão direta da conservação e do desenvolvimento da molécula vital consciente. Quando esta realizou um certo número de etapas num sistema planetário, ela se purificou e continua a

subir na escala dos mundos em paralelo com outras centelhas vitais conscientes.

Há, pois, duas criações paralelas: a criação da centelha vital consciente, que corresponde ao ser humano, e a evolução da matéria constitutiva dos mundos.

Allan Kardec

13 - As forças radiantes do Espaço. O campo magnético vibratório.

15 de outubro de 1926.

A propósito de uma questão de um artigo do periódico *Le Matin* (3 de outubro de 1926), anunciando a descoberta de certas radiações do Espaço,⁶⁹ essa descoberta ou experiência é somente uma orientação, pois vós deveis, sob o ponto de vista psíquico, receber os ensinamentos graduados, a fim de não serdes perturbados.

Os druidas já conheciam essas ondas. No meio da natureza as paixões materiais não exercem uma influência parasitária.

O druida era iniciado tendo em vista deixar à história futura os documentos que se aproximassem, um dia, das doutrinas científicas. Eles podiam, assim, servir para a elaboração de fórmulas, constituindo-se, no seu conjunto, um ensino superior idealista (alusão às *Triades*).

O druida recebia, intuitivamente, os eflúvios que vinham de seres e focos superiores, e isto por meio de ondas. Mas era preciso séculos para que o ser humano, por seu trabalho pessoal, por sua adaptação científica, pudesse assimilar todas as consequências de fenômenos que não poderiam ser admitidos na época druídica. Era preciso, pelo menos, que a doutrina pura fosse registrada pelo ser humano vivendo naquela época no seio da natureza e conservada através dos tempos, a fim de que, no certo momento, ao comparar a doutrina ideocéltica e a doutrina ideocientífica moderna, houvesse entre elas um laço imperecível.

Brevemente se observará a produção de fenômenos extremamente curiosos para os não iniciados e cativantes para os iniciados. Se os diferentes ciclos da doutrina céltica representam

diferentes escalas na ascensão da vida espiritual, a descoberta das diversas espécies de ondas vos concretizará a composição dos diferentes meios e chegará um dia quando vós recebereis, por uma linguagem convencional, as gamas de cores que se assemelham ao pensamento.

Quanto mais o meio vibratório for estudado e analisado, mais vós tereis a possibilidade de conhecer e de captar as forças exteriores do vosso globo.

Nós, que estamos no Espaço, concebemos a marcha da vida de uma maneira bem diferente da vossa. Sabemos que as vibrações vos são transmitidas, que o ser humano recebe e armazena algumas, mas vossos sentidos particulares são muito inferiores para vos permitir exteriorizá-las. O campo magnético vibratório virá se revelar, para vós, aos poucos. Não é preciso que procureis ter a chave do problema de uma só vez, porque o vosso cérebro físico se desagregaria. O druida, imunizado até certo ponto, estava em relação quase direta com as forças superiores que nessa época tinham um afluxo maior do que nos tempos modernos. Era preciso que nesse momento a vida fosse simples, rústica, e que a base espiritual se estabelecesse solidamente a fim de que, gradualmente, a arte e a ciência viessem vos ajudar a desenvolver o quadro que vos mostra alguns aspectos da organização universal.

A ciência não podia ter razão de existir sem que a centelha geradora caísse do alto, visto que todo problema artístico ou científico tem como base uma parte de intuição, sendo esta de ordem divina.

O druida respirou a atmosfera pura no seio da floresta; o topo das árvores atraía as camadas vibratórias que envolviam e envolvem sempre vosso planeta. Em frente da floresta havia o mar que servia de condutor ao outro pólo magnético, isto é, sob o ponto de vista psíquico, para reforçar e estabilizar o conjunto. Era preciso, de outro lado, que a grande massa fluídica achasse seu equilíbrio sobre a terra e sobre as águas.

O druida, quando observava o mar, banhava-se ao mesmo tempo, em ondas provindas da floresta e que se refletiam como

um espelho sobre o lençol líquido. É assim que lhe veio a intuição da existência dos ciclos que vós conheceis. Em resumo, vós sabeis que a onda é uma sucessão de círculos, do ponto de vista vibratório.

Um dia ser-lhes-á dito porque o druida tinha essa intuição e porque, na obra divina, ela não é concretizada senão muitos milhares de anos mais tarde. Vós podeis notar que o movimento céltico de um lado, os movimentos cristão e budista-hindu de outro, se produziram nos países ao mesmo tempo montanhosos, cobertos de bosques e vizinhos do mar.

Se o druida adorava a floresta, o Cristo amava a colina. Então, podeis daí evidenciar o fenômeno científico real de que a onda se presta mais à captação sobre um local elevado do que em baixadas, e que a vizinhança do mar auxilia poderosamente para a sensação das camadas vibratórias. A água capta o pensamento depois o transmite; ela é necessária para a fecundação da terra, este é um fato que vós considerais sob o ponto de vista material e nós sob o ponto de vista espiritual.

As forças provindas do Espaço são absorvidas pela vossa Terra graças aos lençóis de água, à vegetação luxuriante, às montanhas, às colinas, às planícies, e cada ser humano pode ser impressionado por essas ondas. Vós tivestes o testemunho disso estudando de perto a doutrina céltica. Eu vos tenho falado de raios que vieram banhar a charneca e a floresta bretã, raios, lençóis de ondas que são igualmente dispersos em diferentes partes de vossa Terra. Mas devo acrescentar que vossa raça francesa deve em grande parte sua orientação às camadas de ondas recebidas do oeste de vosso país.

O druida, por seus encantamentos, pela forma de seu culto, atraía forças invisíveis cujos efeitos ele percebia sob a forma de leves toques fluídicos. Hoje essa sensibilidade desapareceu para a maioria dos seres humanos. É preciso achar-se em condições especiais para poder, como o druida, sentir o afluxo exterior.

Vós podeis dizer que a palavra Celtismo representa, para o homem moderno, a forma concreta de uma doutrina tendo por base a assimilação, a concentração, o desenvolvimento e o

surgimento de forças, formando parte integral do movimento cósmico.

Eu vivi nessa época e posso vos afirmar que nos tempos druídicos o ser humano sentia essa força radiante que, no curso dos séculos, foi preciso adaptar cientificamente – este é o único termo que encontro – ao seu envoltório carnal. Ele podia assim aprender a ler, a analisar e a dissociar as partes impalpáveis e vibratórias suscetíveis de lhe dar alguns esclarecimentos sobre o mistério da criação. O druida, por causa de sua iniciação, era capaz de compreender a função das camadas de ondas, mas ele estava rodeado por uma massa humana primitiva, muito pouco evoluída para perceber a ação. Conforme a vontade superior, convinha, nessa época, depositar uma centelha que, entre os druidas, se traduzia pela compreensão da evolução universal.

E, a majestade dessa evolução, tendo-se gravado primitivamente com intensidade, a essência da doutrina permaneceu latente através dos séculos. Tal era o objetivo do Druidismo que devia ser o detentor do conhecimento das forças superiores.

Faltava propagar, entre o maior número possível de pessoas, a autenticidade dessa revelação. Dois fatores ajudaram na sua difusão: a teoria das vidas sucessivas e as desordens materiais e morais que se espalham através da vida dos seres e dos mundos.

Hoje, pudestes ver, no curso da história, como nascem, crescem e decrescem as paixões, conforme as alternativas de progresso e de retrocesso, e, conseqüentemente, a elevação do ser humano do estado selvagem para o estado atual.

As artes floriram, mas o seu desenvolvimento foi barrado pela atrocidade das guerras. Em suma, após os fluxos e refluxos inumeráveis, vós chegareis, hoje, a fazer certos homens compreenderem que a natureza e o ser humano são campos de observação magnética que, em certas condições, vibram e comandam de tal forma que constituem as máquinas estáticas da ordem universal.

O homem moderno evoluído obterá suas diretrizes pela ação de forças superiores e se tornará comparável à antena de vossos telégrafos sem-fio. Não está longe o dia em que sereis convenci-

dos de que o infinito é o próprio Deus e de que a vida universal circula por toda parte, sendo os Espaços os campos vibratórios radiantes.

Allan Kardec

14 - O Celtismo e a Natureza. A evolução do pensamento.

29 de outubro de 1926.

O Celtismo é o símbolo de um pensamento que emana do infinito e é transmitido por correntes emprestadas das artérias da vida universal. É uma das formas evolutivas da vida vibratória do Espaço. As árvores ajudaram poderosamente na aspiração dessas vibrações. O solo e as plantas, que aí estão entrosados, agiram no mesmo sentido.

O ser humano irá também aspirar essas vibrações? O druida, vivendo no íntimo da Natureza, ao se adaptar, por suas aspirações, à vida no Espaço, foi um dos primeiros seres que registrou as vibrações sob a forma de intuições. Mas o druida era um ser um pouco especial, animado de uma fé ardente. Ele se exteriorizava em uma grande amplitude da vida material ambiente. Era um ser evoluído, mas os seres rudimentares, que viviam ao seu redor, levaram séculos antes de serem capazes de aspirar as ondas do espaço.

Percorrendo a história, vós podereis constatar que as flutuações morais se alternaram como as flutuações materiais. Assim como os druidas levavam em conta o fluxo e o refluxo do mar, as civilizações humanas se inspiram no fluxo e refluxo do pensamento.

Conforme a lei das reencarnações, as massas humanas não estão na mesma evolução, pois não aspiram em um mesmo grau as ondas do espaço. Houve, então, retrocesso após os tempos druídicos. Era preciso civilizar o ser humano, infundindo-lhe, inicialmente, o Cristianismo e depois o culto da beleza pelas Artes e as Letras. Finalmente, o ponto de vista científico desenvolve-se e o Celtismo e a ciência vão, fatalmente, se unir.

A doutrina céltica, na sua pureza e na sua beleza, é como a essência do ensino inspirado pela fé na vida superior. Através da

história o ser humano foi abalado, em épocas diferentes, por inspirações geniais, e se vós comparardes o ensino dos druidas com a recepção intuitiva de pensamentos superiores mais ou menos modernos, vós podereis verificar que há uma correlação.

Fazendo caminhar em igualdade a civilização humana e a elevação do pensamento, tomando como ponto de partida o ponto de vista céltico, vós vereis que, em todos os grandes momentos da história, a centelha mais ou menos genial de vossa raça é alimentada nas fontes puras do Celtismo. Mas, com o fluxo e o refluxo do pensamento, esta centelha foi encoberta, em diferentes momentos, pela falta de homogeneidade dos seres que viveram em determinadas épocas. Há uma lei que exige que o progresso da encarnação não seja sempre constante. Mas, na criação de um mundo, há sempre elementos imperecíveis tomados emprestados da vida universal.

Os primeiros druidas inculcaram nas populações uma fé bem viva por meio de exemplos retirados da natureza, mas num dado momento a fé foi obscurecida e foi discutida. A sua forma mudou através do tempo, mas se vós analisardes todas as religiões, aí encontrareis sempre a essência do divino que anima, incontestavelmente, a doutrina céltica pura.

Por isso o Celtismo reconhece a existência de um foco superior que influenciará nas condições racionais o ser humano que vive sobre vosso globo. Como o druida foi atingido pelas ondas do espaço, a fé, sob muitas formas, tocou os seres através dos tempos, e agora a fé e a ciência devem reencontrar-se.

No presente, posso dizer-vos que o ser humano, após um certo número de encarnações, e quando possui uma sensibilidade constante e equilibrada, recebe diretamente os pensamentos transmitidos por ondas do espaço completando o seu livre-arbítrio, mas é preciso que chegue a um desenvolvimento superior para receber essas vibrações. Ele deve estar isento de emanções materiais que se desprendem de seu ser e paralisam a marcha do fenômeno da recepção. Se o druida recebia quase diretamente as intuições, é que ele bebia nas próprias fontes da natureza.

Ele era, por destino, um iniciado. No correr dos tempos esses iniciados foram reencontrados; poder-se-ia chamá-los de neodruídas. Não adiantarei muito vos dizendo que, no futuro, se a fé ardente não penetrar no íntimo de certos indivíduos, pelo menos vós registrareis, com o auxílio de vosso trabalho científico, fenômenos surpreendentes. Vós publicareis a marcha ascendente e descendente dos rastros de ondas extraplanetárias.

Os druidas ensinaram a existência dessas forças desconhecidas. As vibrações de amor pelo foco divino, a figuração da natureza sempre animada foram os primeiros sinais de que tudo no Universo é regido por leis superiores. As vibrações harmônicas mantêm a vida e fazem escoar através de seus anéis a luz que esclarecerá o mistério da vida superior e divina.

A doutrina materialista baseada unicamente na ciência soçobrará. A doutrina espiritualista baseada na fé e na experiência deve auxiliar na iniciação progressiva. É preciso que a inspiração gradual dada pela fé espiritualista esteja a par com a ciência. A ciência é o farol e a fé é a luz que o alumia.

Allan Kardec

15 - Joana d'Arc, espírito céltico, anunciada por Jules Michelet.

Amei a França e minh'alma foi iluminada por um ideal superior. Consignei meu modo de ver na minha obra *Histoire de France*. Com o auxílio de Joana d'Arc, que glorifiquei, este ideal me ajudou a desencarnar, a achar a minha estrada na luz celeste. Este espírito, que até o momento chamais de "Espírito Azul" é sinônimo para vós de espírito de luz, de patriotismo e de amor. Ao pronunciar o seu nome, senti eflúvios radiantes que me indicam que Joana d'Arc tinha a possibilidade de vir até vós e participar da vossa próxima sessão.

O Celtismo, no meu parecer, é a centelha embrionária absolutamente necessária à irradiação da vida nacional francesa. É graças a esse esplendor da essência divina que a molécula que se transmite através das gerações francesas não está aniquilada. A alternância dos retornos de cepticismo e de materialismo com as

efusões de luz idealista constitui um jogo de leis da reencarnação.

Joana d'Arc encarna no mais alto grau esta alma céltica que, de modo fundamental, se inspira em três grandes elementos: a fé na força divina, a fé na vida renascente através do espaço e a sensação de seus reflexos sobre a criatura francesa. O que se traduz pelo patriotismo nacional e pelo amor de Deus criador. Joana d'Arc recebeu durante toda a sua vida de missionária a irradiação provinda das moléculas de ordem divina. Se os olhos de seu corpo se recusavam a ver a luz astral, o seu subconsciente estava esclarecido pela via celeste. É por isso que ela teve uma força genial e que obteve a inspiração num ideal de beleza e amor. Joana, como missionária e como francesa, veio trazer aos povos bárbaros, desorientados e desagregados, a iniciação que lhes devia servir de ajuda indispensável.

No decorrer do tempo e das gerações é preciso que, de vez em quando, um pólo tão poderoso quanto puro receba as vibrações que formam a corrente da vida universal. Desde as épocas mais remotas, grandes iniciados vieram para os mundos; vós tivestes sobre vossa Terra: Buda, Cristo e Joana d'Arc.

O Celtismo é uma das formas da vontade divina, visto que sua doutrina emana diretamente dos focos superiores e que os druidas foram, sobre vosso solo, os primeiros seres capazes de compreender e de transmitir as impressões e os ensinamentos recebidos pela iniciação, capazes, também, pela irradiação, de espalhar um ensino salutar para as massas populares.

Joana d'Arc foi inspirada por suas vozes do Bosque Chenu. Ela recebeu de espíritos superiores os ensinamentos que fizeram dela a heroína sagrada. O druida, com sua foice de ouro nas mãos, não via os anjos do bosque Chenu, mas recebia o pensamento através da luz divina, em uma só palavra, eis a impressão sentida pelo druida. Ele entrava em êxtase inspirando-se na natureza e via, num certo momento, todo seu ser entrar em vibração. Ele se sentia como que acima do chão e sua personalidade física estava cercada de uma auréola de eflúvios ora quentes, suaves ou fortes, fato este que vós podeis traduzir em linguagem moderna por atração extática, vibração constante e recepção de ondas radian-

tes em todo ser humano. O druida era, na realidade, um médium dotado de faculdades psíquicas e morais bem desenvolvidas.

Em certos momentos, o druida, não somente sentia a influência astral, mas via também luzes, vapores e condensações fluídicas. Se vivesse em vossa época atual, em razão do progresso da ciência, ele poderia explicar melhor e assimilar todos esses fenômenos, mas no seu tempo tudo lhe parecia maravilhoso.

Quando via apenas condensações de vapores, tinha a impressão de que um primeiro círculo ocultava outras luzes. E quando sentia uma transmissão do ponto de vista da iniciação, parecia-lhe que um ciclo encoberto encerrava a presença da força das forças e que ele devia se inclinar ante essa vontade desconhecida. Pelo desaparecimento dessas impressões, uma espécie de torpor, de desalento, de embotamento sucedia ao êxtase, e a vontade do ser humano, animada por um desejo formado antes do nascimento, levava ao druida a força de continuar o ensino e de espalhar em seu redor a fé nascente. Ademais, em geral, o druida tinha o dom de exteriorizar as radiações que influenciavam os seres que o cercavam. Joana d'Arc recebeu as mesmas impressões que o druida, mas num sentido ainda mais elevado.

O reconhecimento dos três ciclos alterava-se em planos bem distintos: o plano da ordem divina que espalha sua luz e anima os grandes espíritos; o todo envolvido de uma luz mais ou menos viva que toca as criaturas sob a forma de graça; o terceiro plano, perto da Terra, é mais humano. Joana d'Arc foi, então, na sua época, a grande iniciadora celta, pois ela veio em missão para disseminar em seu redor a fé que devia salvar pela abnegação, a dor e a renúncia; sua irradiação humana foi grande, sua irradiação espiritual é imensa. Cada parcela fluídica que emana de sua alma tem o dom de guardar, através dos espaços, os raios de luz superior que representam o astral divino, e quando o pensamento de Joana toca um ser humano, ela fica como ornada de uma palheta de ouro sobre a qual brilha uma gota de luz divina.

Joana veio na hora para restaurar uma atmosfera viciada pela frouxidão, pelo prazer e pelo materialismo. Se o druida deu o toque inicial, Joana d'Arc revivificou, no seu tempo, o brilho de

uma luz que se escurecia, peneirada por vitrôs, obscurecida pela franja da paixão e da matéria.

É preciso, então, associar a luz de Domremy às luzes da Armorique. Aliás, os druidas não somente permaneceram na Bretagne, mas foram até as vertentes dos Vosges.

Eu concludo prosternando-me ante Joana, pois que ela obteve de seu solo regional a herança céltica transmitida por gerações.

A fé divina está acima de tudo; os grandes missionários devem vos fazer compreender que o amor a Deus, o amor à humanidade e o amor à pátria são as essências das vibrações célticas.

Jules Michelet

16 - O Celtismo na consciência francesa.

(Mensagem do “Espírito Azul”)

10 de outubro de 1926.

Não é sem emoção que volto a esta terra onde vivi dedicando-me à minha pátria e de onde parti para as esferas divinas. Fazeis um livro sobre o Celtismo e devo vos dar a minha opinião sobre este assunto, pois que vos sou agradecida por terdes escrito minha modesta vida.⁷⁰

Como reconhecimento, oro a Deus e a seus eleitos, de todo meu coração, para vos abençoar e para vos dar intuições que permitam à alma regozijar-se na beleza e na luz dos céus.

O Celtismo é a centelha animadora da fé superior junto ao ser sobre o qual ela age; este ser é, particularmente, o francês. Ele representa a molécula inicial que fez nascer em nossos antepassados o conhecimento do infinito. Foi um dos raios que levou à Terra a lembrança do passado criador. Fé religiosa, fervor na evolução do ser, trabalho da consciência através da história, tais são os princípios recebidos pelos druidas e transmitidos, pela palavra, às famílias que os cercavam.

Descendo ao fundo de nossas consciências, nós encontramos a raiz do bem e do mal, e é ainda ao Celtismo que devemos o livre-arbítrio no sentido de que, recebendo a iniciação superior e não podendo mais negar o conhecimento de Deus, nosso ser será

impregnado desse fluido superior que atingiu o druida e se espalhará sobre as criaturas. Conforme a marcha da história, houve deformação da iniciação primária, mas não se deve negar que foi o druida que transmitiu o raio superior sobre a parte do planeta que nos interessa. Cantando a glória das esferas invisíveis e recebendo a luz, o duplo sentimento do amor divino e do patriotismo integral foram revelados.

Se o Celtismo nos revelou a luz divina, se esta luz faz vibrar nossas consciências e nossos corações, é que estes corações, banhados de uma fé mística, devem espalhar em volta deles as virtudes e os benefícios recebidos.

O raio céltico nos ensina também a amar a terra natal, e um sentimento que resume todos eles nasceu desde esse tempo; ele não se desenvolverá a não ser mais tarde e conforme os seguintes eventos: o amor pelo país, o patriotismo.

Luz divina que desceu sobre nós, pelo mesmo raio que tocou os druidas, tu chegaste para agilizar o ser humano no sentido mais resplandecente. Os corações tiveram um impulso maravilhoso para mergulhar no éter astral. Do primeiro raio que tocou o druida aos impulsos desinteressados e generosos que animam a criatura há uma correlação muito estreita.

Era preciso que o solo da França fosse banhado por vibrações cósmicas. O raio céltico deu o impulso e a forma como uma das malhas da rede que envolve a Terra e deve manter entre ela e o espaço uma comunhão intervibratória que é a prova da vida universal.

Luz de Deus, que vieste tocar o solo da França, tu que foste transmitida pelo antigo druida, dissemina-te sobre as criaturas e infunde nos seus corações as virtudes nobres; liberta seus sentimentos das moléculas materiais que obscurecem o seu espírito e paralisam a sua elevação para o infinito. Do ponto de vista idealista, luz do espaço, flocos de amor desprendidos do coração do Altíssimo que o druida recolheu: que as tuas radiações permaneçam intimamente ligadas às criaturas da França. Desde a época do primeiro contato, o raio céltico sempre vibra, mas a matéria, infelizmente, o obscureceu. Virá, certamente, o dia em

que as consciências se libertarão da garga material. O Celtismo retomará, então, como no tempo dos druidas, toda a sua atividade, mas enquanto espera, é preciso louvar as almas generosas que, felizmente, pela intuição, disseminam em volta delas o amor de Deus transmitido pelas vibrações do espírito céltico.

Oh, minha França bem-amada, respira este azul fecundo! Que Deus jamais te abandone; que as naturezas de elite te dêem sua alma e o seu coração. Que um movimento de desinteresse generoso abra ao ser humano horizontes de luz ilimitados. As ondas que, a cada segundo, atingem o planeta emanam do raio que, sobre todo o território da França, pode-se chamar céltico. Que o maná divino, que as ondulações criadas pelas esferas de luz se espalhem sobre todos os corações franceses. Muitas consciências os sentem, mas eu gostaria que o número se generalizasse e que Deus comungasse pelas vibrações de seu coração com o coração de meus irmãos amados que serão um dia os iniciados no reino de Deus.

Bendito seja o druida, o primeiro sacerdote, o primeiro apóstolo da França! Graças à sua inspiração os espíritos desencarnados puderam se abeberar nas taças que difundem a luz de Deus. Que as vibrações do espírito céltico nunca se interrompam, que o horizonte se ilumine sobre o nosso belo país; que as almas mais dóceis, mais suaves, tenham mais impulso em vossa direção, oh, meu Deus!

Que este livro, escrito com sinceridade e uma elevação de consciência absolutas, permita a todos os franceses volver suas almas para o infinito. Que a luz céltica se alie à fé em Deus Todo-poderoso e ao solo nutritivo, símbolo da pátria que representa o reino de Deus sobre a Terra.

Deus é a luz superior, a vida inicial, a grandeza eterna. Estudando e analisando o Celtismo, esta força aumenta; um desejo de compreender as leis da vida universal se apodera da criatura humana. Eu desejo, de todo o meu coração, que a fé céltica reavive a esperança em cada coração humano e, se o autor deste livro conseguir fazer compreender que a fé é um dos mistérios da criação, uma centelha da luz divina tocará o leitor e lhe fará compreender que Deus não o abandonará jamais.

Jehanne de Domremy
(Espírito Azul)

– FIM –

Notas:

¹ D'Arbois de Jubainville, no seu curso do Colégio de França, às vezes, se dedicava a uma demonstração no quadro-negro a fim de estabelecer o grau de parentesco das línguas indo-européias. Ele pegava uma palavra que traduzia em gaélico, em alemão, em russo, em sânscrito, em grego, em latim, e descobria que, sob aquelas diferentes traduções, essa palavra tinha uma mesma raiz.

² *Arverno* – indivíduo dos arvernos (formação latina “arvernil”), povo da Gália Central ou Gália Céltica que habitava a região montanhosa (Puy de Dôme, Mont-Dore e Cantal) hoje denominada Auvergne, uma antiga província francesa. (Nota da Revisora. Suas notas subseqüentes conterão apenas as iniciais N.R.)

³ Ver, no capítulo XIII, no fim desta obra, as mensagens números 5 e 6, de Allan Kardec.

⁴ *Lictor* – oficial que, na antiga Roma, munido de um molho de varas e um machado, acompanhava os magistrados para as execuções da justiça. (N.R.)

⁵ *Burgundos*, ou *burgúndios* – Antigo povo germânico que invadiu a Gália, estabelecendo-se na Bacia do Ródano. (N.R.)

⁶ Reproduzido em Braile, em *Lumière*, de 15 de janeiro de 1926. Esse artigo foi inspirado por testemunhas da época e, principalmente, pelo escritor Lactance.

⁷ Le Goffic, em *L'Âme Bretonne*, tomo I, p. 370, Editora Champion.

⁸ Le Goffic, em *L'Âme Bretonne*, tomo II, p. 289.

⁹ Le Goffic, em *L'Âme Bretonne*, tomo II, p. 371.

-
- ¹⁰ S. Téry – *L’Ile des Bardes*. Editor Flammarion.
- ¹¹ S. Téry, *L’Ile des Bardes*, p. 113.
- ¹² Livraria Payot, Boulevard Saint-Germain, 106, e nas Edições Jean Meyer, Rua Copernic, 8, Paris.
- ¹³ Ver, no fim do volume, as mensagens de Allan Kardec sobre a corrente céltica.
- ¹⁴ Le Goffic – *L’Âme Bretonne*, 2ª série, p. 273.
- ¹⁵ Le Goffic, *L’Âme Bretonne*, p. 203.
- ¹⁶ Ver a brochura *Une Visite Nocturne à Holyrood*.
- ¹⁷ Ver a revista *La Bretagne Touristique*, de 15 de outubro de 1924.
- ¹⁸ Ver Le Goffic, em *L’Âme Bretonne*, volume I, p. 4 e seguintes, Champion, editor, e H. de la Villemarqué, em *Le Barzaz-Breiz*, Perrin e Cia. editores.
- ¹⁹ Trata-se, provavelmente, de René Viviani, político francês nascido em 1863, em Sidi-bel-Abbès, e que foi Presidente do Conselho no início da Grande Guerra. Morreu em 1925 (N.R., conforme o *Nouveau Petit Larousse Illustré*.)
- ²⁰ Ver *Vercingétorix*, de Camille Jullian, p. 93, Editora Hachette.
- ²¹ Editor Albin Michel, rua Huyghens, 22, Paris.
- ²² Ver *L’Initiation de Vercingétorix*, André Lebey, pp. 191, 201, 205.
- ²³ *Comentários da Guerra Gálica*, César.
- ²⁴ Obra citada, p. 133.
- ²⁵ *Brumário* – Segundo mês do calendário republicano francês. (N.T.)
- ²⁶ Ver *Les Grandes Légendes de France*, p. 65.
- ²⁷ Maurice Barrés, *Au service de l’Allemagne*, cap. VI.
- ²⁸ *Les Grandes Légendes de France*. Ed. Perrin.

-
- ²⁹ *Tumulus* – construção de pedras em forma de cone, que os antigos elevavam por cima das sepulturas. (N.R., conforme o *Nouveau Petit Larousse Illustré*.)
- ³⁰ Ver a obra *Les Vosges Pittoresques*.
- ³¹ Ver Parisot, *Histoire de Lorraine*.
- ³² Maurice Barrès, *Le Mystère en pleine Lumière*, pp. 189 e 190.
- ³³ Página 200 da obra acima citada.
- ³⁴ As druidisas, segundo Dupiney de Vorepierre, predisseram o futuro de Aureliano, de Alexandre Severo e de Diocleciano.
- ³⁵ Ver meu livro *Joana d’Arc, Médium*.
- ³⁶ *Crônica do Cerco de Orléans*.
- ³⁷ Jean Reynaud, *L’Esprit de la Gaule*, pp. 13 e 14.
- ³⁸ Obra citada, tomo VI, capítulo XIV.
- ³⁹ Ver mensagem do espírito Allan Kardec no fim desta obra.
- ⁴⁰ Ver escala druídica e espírita na *Revue Spirite*, abril de 1858, tópico “O Espiritismo entre os Druidas”. (N.T.)
- ⁴¹ Ocorre o mesmo a respeito de outras matérias, por exemplo, quanto ao americanismo ou à história da América antes de Cristóvão Colombo.
- ⁴² Um caso semelhante é o de Sócrates, que era médium e recebia diretamente a grande doutrina sem recorrer a viagens, como ele o declara no fim da obra *Gorgias*, segundo Platão.
- ⁴³ Ver mensagem nº 1, no capítulo XIII.
- ⁴⁴ Tradução de *Llevellyn Sion*.
- ⁴⁵ Ver em *L’Esprit de la Gaule*, de Jean Reynaud, pp. 96 e 100.
- ⁴⁶ Segundo *Barddas, cad. Goddeu*, em tradução do gaélico.
- ⁴⁷ Ver em *L’Esprit de la Gaule*, p. 61.
- ⁴⁸ Na obra *A Caminho da Luz*, Francisco C. Xavier, FEB, o autor espiritual, Emmanuel, dá a entender que Jesus só teve uma vida na Terra (capítulo I, p. 18 e capítulo XXIV, p. 210, 9ª

edição). Ver também *A Gênese*, Allan Kardec, capítulo XVII, pp. 45 e 58. (N.T.)

⁴⁹ Ver meus livros *Cristianismo e Espiritismo* e *O Problema do Ser e do Destino*. Segundo o *Bagavad-Gita* (tradução de Emile Burnouf, C. Schlegel e Wilkins, Krishna assim se exprime: “Eu e vós temos tido vários nascimentos. Os meus são conhecidos apenas por mim, mas vós não conheceis os vossos. Ainda que eu não seja mais, por minha natureza, sujeito a nascer ou a morrer, todas as vezes que a virtude declina no mundo, e que o vício e a injustiça vencem, então eu me torno visível, e assim eu me apresento, de tempo em tempo, para a salvação do justo, o castigo do mau e o restabelecimento da virtude.”

⁵⁰ Segundo *Le Cycle Mythologique Irlandais et la Mythologie Celtique*. Ver também *Annales de Tigernach*, de Whitley Stokes, com casos de reencarnação, e o *Cours de Littérature Celtique*, de d’Arbois de Jubainville.

⁵¹ Ver enquete ordenada pelo Marajá de Bhartpur e confiada ao Dr. Rao Bahadur que a realizou com uma perfeita consciência científica; a revista *Kàlpaka* publicou quatro casos circunstanciados e detalhados de lembranças de vidas passadas em crianças. Ver *Revue de Métapsychique* de Paris, julho e agosto, 1924.

⁵² Editado em português, pela FEB, sob o título *A Reencarnação*. (N.T.)

⁵³ Compare com a *Revue Spirite*, abril de 1858, Edicel, 1ª edição. (N.T.)

⁵⁴ Tradução do gaélico, por Llevellyn Sion.

⁵⁵ *Depois da Morte, Cristianismo e Espiritismo* e *O Problema do Ser e do Destino*.

⁵⁶ Em seus escritos, Cícero louva a ciência profunda de Divitiac, o único druida que foi a Roma.

⁵⁷ Citado por Jean Reynaud em *L’Esprit de la Gaule*.

⁵⁸ Edição Gabalda, Paris, e Edição Lecoffre, 1911, Paris, 410 páginas.

⁵⁹ Ver sobre esse assunto os atestados de Tácito, Diodoro de Sicília, Pomponius Méla, Estrabão, Aristóteles, etc., citados por Jean Reynaud na sua obra *L'Esprit de la Gaule*. (*)

(*) Ver também a obra magistral de J. Markale, *La Femme Celte*. (N.T.)

⁶⁰ Barzaz-Breiz, *Chants Populaires de la Bretagne*, Editor Perrin.

⁶¹ Ver *O Problema do Ser e do Destino*, capítulo XIV.

⁶² Ver meu livro *No Invisível, Espiritismo e Mediunidade*.

⁶³ Ver *No Invisível, Espiritismo e Mediunidade*, cap. XXIII.

⁶⁴ Ver, deste autor, *Le Mystère en Pleine Lumière*, p. 21, obra póstuma, Livraria Plon.

⁶⁵ Este livro foi escrito em 1927. (N.T.)

⁶⁶ De Armorique, parte a antiga Gália, hoje Bretagne. (N.T.)

⁶⁷ Seria Jiddu Krishnamurti (1895-1986), filósofo e escritor hindu. (N.T.)

⁶⁸ Deve tratar-se de um lapso de transmissão mediúcnica, visto o calor ser uma energia calorífica e, portanto, formada de ondas. (N.T.)

⁶⁹ Deve tratar-se dos raios cósmicos, radiação penetrante que provoca a ionização do ar. São formados de íons de hidrogênio e hélio. (N.T.)

⁷⁰ Trata-se da obra de Léon Denis, *Joana d'Arc, Médium*.